



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS - MEL

VANESSA OLIVEIRA SILVA GAMA

**NEOLOGISMO EM FOCO:
INOVAÇÕES LEXICAIS NO JORNAL *MASSA!***

Feira de Santana, Ba
2017

VANESSA OLIVEIRA SILVA GAMA

**NEOLOGISMO EM FOCO:
INOVAÇÕES LEXICAIS NO JORNAL *MASSA!***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz.

Feira de Santana, BA
2017

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteadó – UEFS

Gama, Vanessa Oliveira Silva

G178 Neologismo em foco : inovações lexicais no Jornal *Massa!* / Vanessa Oliveira Silva Gama. – Feira de Santana, 2017.

148 f.: il.

Orientadora: Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2017.

1. Neologismo. 2. Língua portuguesa. 3. Léxico. 4. Jornal *Massa!*.
I. Queiroz, Rita de Cássia Ribeiro de, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

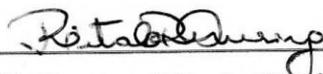
CDU 801.316.1

VANESSA OLIVEIRA SILVA GAMA

**NEOLOGISMO EM FOCO: INOVAÇÕES LEXICAIS NO
JORNAL MASSA!**

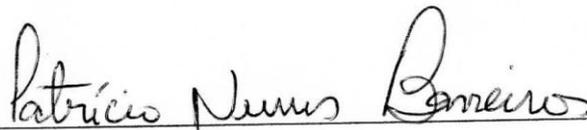
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 14 de fevereiro de 2017.



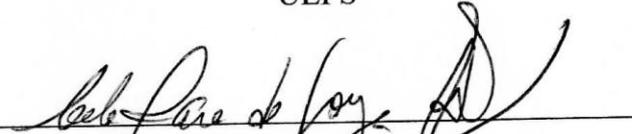
Prof.^a Doutora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz

Orientadora - UEFS



Prof. Doutor Patrício Nunes Barreiros

UEFS



Prof.^a Doutora Celina Marcia de Souza Abbade

UNEB

*À minha mãe, Vânia, pelo poder curativo e renovador do seu sublime
Amor. Ao meu pai, João, pela proteção e amparo em todas as horas.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela grandiosidade do seu Amor que sempre me renova, me protege e me oferece uma segunda chance, dia após dia. Agradeço aos meus pais, João e Vânia, por terem me dado a oportunidade de nascer neste mundo e por terem dedicado suas vidas a minha felicidade e crescimento. Agradeço a minha avó Elaci (*in memorian*) e meu tio Elcio, pelo auxílio emocional e material. Agradeço ao Masaharu Tanigichu, meu mestre, que me concedeu o mais sublime ensinamento, de que o homem é filho de Deus, possui Vida Imortal e pode superar quaisquer obstáculos desta vida, bastando, para isso, perdoar a agradecer.

Agradeço à Universidade Estadual de Feira de Santana, que me acolheu em 2010 e me proporcionou vivenciar novas experiências, conhecer pessoas diferentes, de diferentes cursos, muitas delas dignas de admiração. Agradeço aos meus bons amigos, Saulo e Vinícius, pela amizade desinteressada e apoio em todas as horas. Agradeço a todos os colegas que tive durante a graduação, mestrado, Iniciação Científica, pensionatos. A companhia de todos tornou essa caminhada mais leve, em algum momento. Agradeço à professora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, que desde 2011 me auxilia na pesquisa acadêmica. Agradeço a Ana Clara Teixeira, por ter colaborado com a leitura e revisão do texto e pela amizade durante a finalização deste trabalho. Por fim, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro durante esta pesquisa.

E a todos que, direta ou indiretamente, em algum momento desta jornada, contribuíram para a realização e conclusão deste trabalho. Deixo aqui os meus sinceros agradecimentos.

“Diante, pois, do próximo, que se acerca do teu coração, cada dia,
lembra-te sempre de que estás situado na Terra para aprender e
auxiliar.”

Francisco Cândido Xavier (2008, p. 140)

RESUMO

A mudança é, sem dúvida, um fenômeno fundamental, que permite a renovação e conservação da língua ao longo do tempo. Enquanto produto e produtora de uma dada sociedade, é natural que a língua acompanhe o dinamismo desta. As mudanças linguísticas se processam, em primeiro lugar, na fala, sobretudo em contextos informais, onde há um menor grau de monitoramento e um distanciamento reduzido entre o falante e seu interlocutor. É no discurso do dia a dia que o emissor tem a liberdade de acessar as potencialidades do sistema e ousar na elaboração de novas palavras, visando à melhora da comunicação. Esse processo de criação e renovação linguística é chamado de neologia. Seu produto, por sua vez, recebe o nome de neologismo. Nesta perspectiva, ao adotarmos o neologismo como objeto de estudo, procuramos um *corpus* que possibilitasse a extração de um número significativo de lexias neológicas presentes no português atual. Assim, selecionamos 70 exemplares do periódico popular baiano *Massa!*, referentes aos meses de janeiro a março de 2015, que apresentam em suas manchetes, chamadas e títulos diversas lexias neológicas constantes na fala do seu público-leitor. Fundamentamos a pesquisa na análise e classificação das 203 novas palavras detectadas, mediante base teórica pautada em estudos acerca da neologia e lexicologia da língua portuguesa. A identificação do caráter neológico foi feita a partir de dicionários atuais, como o Houaiss (2009), o Aurélio (2010) e o Dicio (online). O parâmetro para a organização dos dados consistiu em: a) classificação gramatical, b) significado, c) tipo de processo de formação, d) contextos em que aparecem ao longo dos exemplares. Esse procedimento permitiu observar que o tipo de neologismo mais frequente no *corpus* é o formal, e o processo lexical mais produtivo é o semântico. Além disso, foi possível verificar que a criação de neologismos pelos falantes se dá de forma sistemática, em contextos informais de comunicação e com um propósito definido, ou seja, de veiculação de ideias e conceitos.

Palavras-chave: Léxico. Neologismo. Jornal *Massa!*.

ABSTRACT

Change is undoubtedly a fundamental phenomenon, which allows the renewal and preservation of the language over time. As a product and producer of a given society, it is natural for language to accompany her dynamism. Linguistic changes take place primarily in speech, especially in informal contexts, where there is a lower level of monitoring and a reduced distance between the speaker and his interlocutor. It is in everyday speech that the sender has the freedom to access the potentialities of the system and to dare in the elaboration of new words, aiming at the improvement of the communication. This process of linguistic creation and renewal is called neology. Its product, in turn, is called the neologism. In this perspective, when adopting the neologism as object of study, we look for a corpus that would allow the extraction of a significant number of neological lexias present in the present Portuguese. Thus, we selected 70 copies of the popular Bahia Massa! newspaper, referring to the months of January to March of 2015, which present in their headlines, calls and titles several neological lexias constant in the speech of their public-reader. We base the research on the analysis and classification of the 203 new words detected, based on theoretical studies based on neology and lexicology of the Portuguese language. The identification of the neological character was made from current dictionaries, such as Houaiss (2009), Aurélio (2010) and Dicio (online). The parameter for the organization of the data consisted of: a) grammatical classification, b) meaning, c) type of formation process, d) contexts in which they appear along the copies. This procedure allowed us to observe that the most frequent type of neologism in the corpus is the formal one, and the most productive lexical process is the semantic one. In addition, it was possible to verify that the creation of neologisms by the speakers occurs in a systematic way, in informal contexts of communication and with a definite purpose, that is, of propagating ideas and concepts.

Keywords: Lexicon. Neologism. *Massa!* Newspaper.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	O primeiro jornal popular da Bahia	35
Figura 2 -	Seção “Na boca do povo”, do jornal <i>Massa!</i>	37
Figura 3 -	Notícia jornal <i>Massa!</i> com opinião de leitores	38
Figura 4 -	Capas do jornal <i>Massa!</i> com exposição do corpo feminino	39
Figura 5 -	Capas do jornal <i>Massa!</i> com manchetes violentas	40
Figura 6 -	Capa do jornal <i>A Tarde</i> e capa do jornal <i>Massa!</i>	41
Figura 7 -	Exemplos de textos em <i>pliegos</i>	44
Figura 8 -	Elementos analisados no jornal <i>Massa!</i>	54
Figura 9 -	Estrutura interna do jornal <i>Massa!</i>	55
Figura 10 -	Ficha neológica	57
Figura 11 -	Classificação gramatical dos neologismos	58
Figura 12 -	Distribuição dos neologismos em grandes tipos	60
Figura 13 -	Distribuição dos neologismos formais	61
Figura 14 -	Análise quantitativa dos processos e subprocessos	62
Figura 15 -	Classe gramatical dos neologismos derivados por sufixação	67
Figura 16 -	Relação das lexias com mudança de classe	68
Figura 17 -	Relação das lexias sem mudança de classe	68
Figura 18 -	Distribuição dos processos de composição	70
Figura 19 -	Distribuição dos neologismos de acordo com a estrutura interna	73
Figura 20 -	Línguas identificadas nos empréstimos	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ASPECTOS TEÓRICOS DA CRIAÇÃO LÉXICA	13
2.1 O LÉXICO E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA E A SOCIEDADE.....	17
2.2 PRODUTIVIDADE LEXICAL.....	21
2.2.1 Formação de palavras	23
2.3 NEOLOGISMO: CONCEITUAÇÃO	29
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O <i>CORPUS</i>.....	35
3.1 JORNAL POPULAR.....	43
3.2 LINGUAGEM JORNALÍSTICA.....	47
4 PROCESSOS NEOLÓGICOS NO JORNAL <i>MASSA!</i>.....	51
4.1 PERCURSO METODOLÓGICO	53
4.2 TIPOS DE NEOLOGISMO	59
4.3 NEOLOGISMOS FONOLÓGICOS	62
4.3.1 Criação onomatopaica.....	64
4.3.2 Recurso fonológico.....	65
4.4 FORMAÇÃO POR DERIVAÇÃO	65
4.4.1 Derivação sufixal	66
4.4.2 Derivação imprópria	69
4.4.3 Derivação regressiva.....	69
4.5 COMPOSIÇÃO	70
4.5.1 Composição erudita.....	71
4.5.2 Híbridismo.....	71
4.5.3 Composição V + N	72
4.5.4 Composição sintagmática	72
4.5.5 Cruzamento vocabular.....	73
4.6 NEOLOGIA SEMÂNTICA	74
4.7 ABREVIACÃO	76
4.8 SIGLAGEM	76
4.9 EMPRÉSTIMOS	77
4.10 GÍRIA	78
4.11 REDUPLICAÇÃO	79
5 CATALOGAÇÃO DAS LEXIAS	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS	144

1 INTRODUÇÃO

A língua não é composta por um sistema fechado e determinado. Ao contrário, seu sistema permite e oferece ferramentas que alimentam constantemente a renovação dos signos. Isso significa que, apesar de ser estruturada e ordenada, mantendo um padrão de bases e funções que possibilitam a compreensão por parte de seus usuários, a língua também precisa acompanhar a dinâmica da sociedade, adaptando-se às mudanças do mundo. Esse caráter não estático da língua e sua relação com os locutores, e estes com a comunidade a que pertencem, são pontos que vêm sendo analisados por diversos estudiosos da linguagem.

Das várias mudanças que se processam nas línguas, interessa, nesta dissertação, apresentar aquelas que se manifestam no componente lexical, isto é, nas unidades lexicais empregadas pela imprensa baiana no jornal *Massa!*, cujo vocabulário representa uma das variantes do léxico português. Assim, temos como objeto de estudo a neologia do português e seus produtos: os neologismos.

No entanto, para estudar os neologismos, importa perceber a relação do léxico com a cultura e a sociedade, o modo como o léxico é formado pelos locutores e como estes imprimem sua visão de mundo no vocabulário de uma comunidade. Na medida em que se processam as mudanças culturais e históricas, o léxico também se modifica. A palavra escrita documenta os saberes históricos e os preserva para o conhecimento das futuras gerações, enquanto a fala propicia a mudança linguística, que não é senão a manifestação das transformações sociais ocasionadas e percebidas pelos usuários da língua.

Após a compreensão de como ocorrem a mudança no nível lexical e a sua relação extralinguística, torna-se necessário conceituar a neologia e identificar seu produto, o neologismo, cuja definição não depende da percepção individual de cada falante, não é consensual ou estática. O conceito de neologismo é metodológico e varia de acordo com a perspectiva de estudo, aos objetivos de sua recolha e observação.

Desse modo, buscamos refletir sobre a noção de neologismo, contribuindo para uma definição mais estável e consensual deste conceito, delimitando a visão teórica escolhida, o que resultará no desenvolvimento de uma identificação sistemática e numa análise mais representativa. Importa também, neste trabalho, explicar o modo como foi processada a detecção das palavras que constituem o *corpus* dos neologismos elencados, e, em seguida, descrevê-los e proceder à sua análise mediante uma abordagem conduzida pela observação dos dados.

Outro aspecto relevante da pesquisa é a justificativa do *corpus* de extração com a caracterização da linguagem presente na imprensa escrita, fonte de registro e difusão dos neologismos. A mudança ocorre primeiro na fala, cuja função precípua é a comunicação. Partindo da comunicação interpessoal, chegamos à comunicação de massa, imprescindível nos dias de hoje. Os meios de comunicação de massa dirigem a opinião pública, formam as mentalidades e criam novos conceitos. Para conhecer esse poder da linguagem, é preciso ter conhecimento do processo de comunicação da notícia, sua redação e impressão no contexto das modernas sociedades industriais, que têm nela um de seus aparelhos ideológicos.

Partindo da premissa de que não há sociedade sem informação e que esta é dada através da linguagem, vemos que a realidade social se alicerça na informação veiculada, sendo esta a razão da importância da imprensa na atualidade. Ao revelar ao público o dinamismo da sociedade por meio da linguagem, o texto jornalístico configura-se numa importante fonte de pesquisa para os estudos da mudança lexical.

Assim, dentre diversas opções, trilhamos a verificação neológica em 70 exemplares do jornal diário *Massa!*, referentes aos meses de janeiro, fevereiro e março de 2015. Disponível tanto na versão impressa quanto na digital, de fácil acesso, trata-se do primeiro jornal de segmento assumidamente popular publicado no estado da Bahia. Dentre os vários neologismos encontrados foram selecionados para a análise os mais representativos do falar baiano.

Nas manchetes do jornal em questão, notamos a ocorrência constante da linguagem coloquial, empregada, sobretudo, por moradores de bairros populares de Salvador (BA), que constituem o público-alvo do veículo. O registro de termos não dicionarizados, neologismos formais ou com significação diferente do verbete, neologismos conceptuais ou semânticos, frequentes na publicação, comprova a existência de vocábulos neológicos usados por uma determinada comunidade linguística. Com isso, a linguagem pesquisada também poderá ser considerada representativa do falar da capital baiana.

A presente dissertação encontra-se dividida em quatro seções, além desta introdução, das considerações finais, e das referências. Na seção 2, *Aspectos teóricos da criação léxica*, delimitamos a área de estudo da neologia posicionando-a nos estudos linguísticos, relacionando seus principais aspectos aos mecanismos de produtividade da língua, destacando o fenômeno da mudança lexical como consequência natural da relação entre língua, sujeito e sociedade. Na seção 3, *Considerações sobre o corpus*, procuramos apresentar as principais características que demonstram o caráter popular do jornal *Massa!*, distinguindo-o do modelo

de mídia impressa tido como de referência ou padrão, destacando a presença de termos próprios da modalidade oral da língua, fonte de pesquisa para o estudo dos neologismos. Ainda buscamos abordar alguns aspectos concernentes ao jornalismo popular e sua origem, traçando-lhe um breve percurso histórico, e algumas propriedades da linguagem jornalística. Na seção 4, *Processos neológicos no jornal Massa!*, intencionamos comentar a respeito da metodologia da pesquisa, do *corpus* de extração e de exclusão, e apresentar os dados obtidos, caracterizando-os quanto à tipologia e aos processos de formação que os originaram. Na seção 5, *Catálogo das lexias*, são apresentados, em fichas neológicas, todos os neologismos elencados e analisados no decorrer deste trabalho.

2 ASPECTOS TEÓRICOS DA CRIAÇÃO LÉXICA

As línguas naturais estão em constante transformação. A criação de novas palavras, o desaparecimento de outras, o contato com outros povos, as mudanças políticas e sociais constituem fatores condicionantes da mudança nos sistemas linguísticos. Contudo, nem sempre temos essa noção, e as alterações que uma língua sofre costumam passar despercebidas para a maioria dos falantes. A língua desenvolve-se sem que nos demos conta, conforme diz Martinet (1972, p. 177):

Para se convencer de que as línguas mudam com o tempo, bastará a um português percorrer os cancionários medievais ou mesmo, sem recuar tanto, as obras de Bernardim Ribeiro ou João de Barros. No entanto, ninguém tem a impressão de que a língua que fala se modifique durante a sua vida ou que não se exprimam de maneira uniforme as várias gerações coexistentes. Tudo conspira para convencer os indivíduos da imobilidade e homogeneidade da língua que praticam: a estabilidade da forma escrita, o conservantismo da língua oficial e literária, a incapacidade em que se encontram de se lembrarem de como falavam dez ou vinte anos antes. [...] É facto, todavia, que a todo o momento a língua está a evoluir.

Se entendermos a língua como um conjunto de elementos regidos por regras, isto é, “[...] *um todo composto de determinados fonemas e de determinadas palavras que se combinam segundo certas regras para significar nossas concepções mentais e comunicá-las aos demais*”, tal como definida por Nougé (2015, p. 40, grifos do autor), perceberemos que os níveis da mudança podem ser os mais variados e ocorrer não apenas no nível lexical, mas nos diferentes componentes da gramática.

Antunes (2012) destaca que, ainda que menos visíveis, ocorrem modificações, também, no funcionamento da sintaxe e da morfologia, na função gramatical ou no modo como os sons são produzidos. De forma menos natural, a ortografia de uma língua também pode passar por alterações. Assim, observamos que as modificações na língua não têm todas o mesmo peso ou a mesma visibilidade, e que o componente lexical é aquele no qual essas mudanças se manifestam de modo mais evidente, como afirmam Correia e Almeida (2012, p. 15):

[...] se é verdade que a mudança afeta todos os componentes do conhecimento linguístico (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático), é também verdade que essa mudança é fundamentalmente visível ao nível do léxico.

As autoras atribuem esse fato a duas razões fundamentais: por um lado, sendo o componente lexical menos estruturado e o conhecimento lexical mais consciente, a mudança processa-se mais livremente e com mais rapidez, afetando unidades e não tanto a estrutura global do léxico; por outro lado, uma vez que designamos a realidade e traduzimos o conhecimento que temos dessa realidade a partir de unidades lexicais, parece natural que o componente lexical seja o que mais reflete diretamente todas as alterações e toda a transformação que o meio vai atravessando. Nesse sentido, o estudo acerca da inovação lexical permite ao estudioso da linguagem desenvolver uma visão clara da evolução diacrônica da língua e, conseqüentemente, conhecer melhor a sua história. Nas palavras de Cardeira (2006, apud ANTUNES 2012, p. 13): “Contar a história do Português é mostrar as mudanças linguísticas que lhe foram dando forma”.

Os fatores que contribuem para a mudança na língua, como vimos, podem ser diversos, ou seja, é preciso pontuar que as razões pelas quais as mudanças ocorrem não se restringem apenas à nomeação de novos fatos sociais. A função de categorização do léxico é, de fato, o principal motivo para a formação de palavras. Contudo, o falante também modifica o repertório léxico de uma língua com o intuito de adequá-la às necessidades do discurso, traduzir ideias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de maneira inédita uma visão pessoal do mundo. Guilbert (1975) apresenta três funções principais para neologia, das quais a denominação é apenas uma, havendo ainda função estilística e função da língua ou gerada por certos elementos constituintes.

A neologia denominativa é aquela criada pela necessidade de dar um nome a um objeto ou conceito novo. Reside, pois, não na vontade de inovação lexical, mas precisão. A criação neológica estilística, pelo contrário, resulta de uma procura de expressividade do discurso, de modo que os neologismos deste tipo surgem, primeiramente, apenas no nível discursivo, aparecendo com muita frequência no texto publicitário, humorístico, jornalístico e na crônica política. Trata-se de criações normalmente efêmeras, que raramente se fixam no sistema da língua e que, como tal, tendem a desaparecer rapidamente.

A neologia de língua é apresentada em Guilbert (1975) por oposição aos neologismos denominativos (de fala) e estilísticos (de autor), pois corresponde às unidades lexicais do discurso que, por não se distinguirem das restantes unidades lexicais da língua (correspondem apenas à atualização da competência derivacional do falante), não despertam qualquer sentimento de novidade, tendo como exemplos mais comuns casos de prefixação e sufixação. Correia e Almeida (2012, p. 18) citam os “[...] advérbios em *-mente*

(*fortuitamente, reconhecidamente*), adjetivos em *-vel* (*condicionável, herdável, encomendável*)”, para exemplificar a neologia de língua. Aqui, os neologismos são também criados através do recurso ao poder gerador de certos elementos constituintes, como *mini, maxi* ou *híper*, que originam palavras por motivos extralinguísticos (GUILBERT, 1975).

Na língua corrente, é possível encontrar todos os tipos de neologismos anteriormente mencionados, mas só se fixam de fato os que são realmente necessários. Em outras palavras, firmam-se as lexias que resultam de necessidades denominativas:

No âmbito da língua corrente, todos os tipos de neologia estão presentes, sendo até provável que o número de neologismos denominativos seja bastante menor quando comparado, por exemplo, com os neologismos estilísticos ou com os resultantes da neologia de língua. [...] Na língua corrente, os neologismos são, então, num primeiro momento, unidades de discurso, passando para o sistema da língua apenas aquelas formações que assumem um caráter permanente e estável, isto é, normalmente aquelas que resultam de uma necessidade do sistema, sobretudo as de caráter denominativo (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 20).

Portanto, todos os falantes, como possuidores de uma competência comunicativa, podem valer-se dos processos de formação de palavras permitidos em sua língua para criar novas lexias e atingir tais objetivos. No entanto, como vimos, grande parte das criações lexicais discursivas e de língua é passageira, ficando a cargo dos textos jornalísticos e literários o registro dessas manifestações em um dado momento e sua difusão aos demais usuários da língua:

Sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica. No entanto, é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos (ALVES, 2007, p. 6).

Quanto ao meio de criação, as novas palavras podem advir da produtividade ou da criatividade lexical. Correia e Almeida (2012, p. 19) consideram que a produtividade designa “[...] a capacidade inerente ao próprio sistema linguístico que permite a construção de palavras por processos interiorizados, aplicados normalmente de modo inconsciente e sistemático”. Logo, os neologismos que resultam da produtividade são os relacionados à construção de unidades novas por meio dos processos morfológicos de derivação, composição ou lexicalização.

No entanto, o conteúdo das unidades lexicais, assim como sua atualização, não é caracterizado apenas pela combinação de traços gramaticais, mas também por traços antropológicos, culturais e ideológicos que podem experimentar alterações ao adentrar o discurso, a fim de atender as modalidades enunciativas da *performance*¹. Por isso, Correia e Almeida (2012, p. 19) definem a criatividade lexical “[...] como a capacidade que o falante possui para alargar o sistema linguístico, de forma consciente, por meio de princípios de abstração e comparação imprevisíveis, mas claramente motivados”.

Destarte, além do código linguístico, encontram-se à disposição dos membros de uma comunidade os códigos antropológico, social, cultural e ideológico, que juntos configuram a competência do sujeito. A análise dos conceitos de produtividade e de criatividade possibilita distinguir os objetos de estudo da morfologia e da neologia, pois, “[...] se a primeira trata o sistema e as regras e a sua descrição em um plano abstrato, a segunda estuda a aplicação concreta dos seus produtos, confirma a sua validade, atesta a sua efetiva produtividade e disponibilidade” (ANTUNES, 2012, p. 56).

Se os neologismos fossem apenas a atualização de regras, não faria sentido registrá-los. Eles são muito mais que do isso, porque o conhecimento dos usos lexicais permite conhecer as línguas com base no uso real dos falantes, contribuindo para explicar o sistema, quer no nível das relações entre o plano linguístico, quer no nível da questão socio-histórica e da observação da variação.

A motivação para a formação de neologismos é claramente social, visto que a língua é influenciada por todas as mudanças produzidas no seio de uma sociedade e a neologia não é concebida sem estar ligada às transformações que nela se produzem, sejam estas políticas, culturais, científicas, técnicas ou outras. Tanto a origem quanto a função dos signos está diretamente relacionada às necessidades sociais do grupo, conforme a orientação sociológica a que se refere Barbosa (1981, p. 118-119):

A função social é considerada, pois, elemento indispensável e constitutivo do signo [...]. Com efeito, a formação de um novo signo é como uma resposta às necessidades criadas por uma nova situação social. [...] Do ponto de vista sociológico, assim como do da semiótica, cada nova proposição do signo merece atenção especial, pois não implica apenas a composição de percepção de um novo fato antro-po-cultural e de uma nova unidade linguística. [...] Na realidade, o mecanismo de formação de novo signo, ou de atribuição de um novo significado aos signos já existentes, é um processo

¹ Segundo Chomsky (1965, p. 4): “Devemos fazer uma distinção fundamental entre a competência (conhecimento do falante-ouvinte da sua língua) e *performance* (o uso efetivo da língua em situações concretas)”. [Tradução de Antunes (2012)].

frequentemente complexo, de formulação e de seleção das proposições feitas no quadro do grupo social interessado.

O lugar da neologia, do ponto de vista da área de estudo em que se enquadra, é a lexicologia, ciência que se ocupa do estudo da criação de unidades lexicais e do modo como estas são construídas, como se relacionam entre si e com os demais signos de uma língua, seus significados e seu uso na comunidade de falantes. Desse modo, Antunes (2012, p. 15) assinala que “[...] o estudo teórico das inovações lexicais (através dos processos e dos recursos da criação neológica), os critérios para a sua identificação e aceitabilidade, e a própria difusão dos neologismos, enquadram-se nos domínios da lexicologia”.

O fenômeno da inovação lexical nas línguas tem aplicações diretas no trabalho desenvolvido em diversas áreas, além de apresentar contribuições para os estudos de outros domínios relacionados. É nesta perspectiva que podemos encarar a neologia como disciplina responsável pelos estudos dos neologismos e que mantém estreitas relações com outras áreas do conhecimento ou domínios do saber, como a informática, a tradução, a sociologia, a história, a comunicação e a cognição.

2.1 O LÉXICO E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA E A SOCIEDADE

A língua é composta por um sistema de signos definidos ao longo dos processos históricos e das relações sociais. Esse sistema de signos permeia a vida social e resguarda a transmissão de saberes de uma geração a outra, representa o patrimônio de uma comunidade e a aprendizagem dos valores concebidos e aceitos pelos seus membros. Assim, temos como função precípua da língua a comunicação, na qual encontramos as palavras, unidades de designação do mundo e das coisas, que servem de instrumento para que seus usuários apreendam a realidade, classifiquem-na e também a modifiquem. “Assim, a língua é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação” (BASÍLIO, 2013, p. 9).

O léxico, portanto, é responsável pela dupla função da língua, que, como código, é geradora e suporte de fatos antropoculturais. Por um lado, ele se manifesta como um banco de dados onde estão depositados elementos de designação previamente estabelecidos. Por outro, nos fornece unidades básicas para a construção de enunciados. Enfim, podemos acessar no léxico tanto o repertório de categorizações que integram uma sociedade quanto estruturas que

permitem a seus locutores elaborar novos signos e, por conseguinte, efetivar mudanças no sistema linguístico daquela sociedade.

Então, ao passo que as mudanças sociais vão se processando ao longo da história, são facilmente observadas no repertório léxico. Essa reflexão encontra apoio em Barbosa (1981, p. 120):

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código linguístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico –, sua civilização. Compreende-se, pois, que uma alteração nas unidades desse inventário, seja o reflexo, não raras vezes, de alterações culturais.

Entre a comunidade e o código linguístico, está o ser humano, influenciado pelo meio e único responsável pela formação e modificação do léxico que utiliza. De acordo com Fujiwara (2014, p. 27): “O ambiente age, primeiramente no indivíduo, e não no coletivo, sendo assim, a língua, e mais precisamente, o léxico, são modificados por meio da visão de mundo e consequente atuação do homem na sociedade”. Assim, importa conhecer o modo como se processa a experiência primeira de categorização do mundo e das coisas pelo ser humano e o decorrente surgimento do léxico nas línguas. Oliveira (2006, p. 24) explica:

Como primeiro momento científico da natureza humana na trajetória de conhecimento do universo está a ação de nomear a realidade. O homem foi estruturando o mundo que o rodeia reunindo objetos em grupos, identificando semelhanças e, ao mesmo tempo distinguindo traços diversos que individualizam esses seres e objetos em identidades diferentes, sendo esse o processo de nomeação que deu origem ao léxico das línguas naturais.

A partir do processo de indagação, reflexão e descoberta, o sistema léxico das línguas foi sendo elaborado e cristalizado nas diversas comunidades linguísticas. Todavia, a atividade denominativa do ser humano diante do seu espaço geográfico e social se manifesta de modo contínuo. À proporção que novas situações, experiências e fenômenos são vivenciados, os usuários da língua, sobretudo as novas gerações, se encarregam de modificá-la, ora acrescentando, ora eliminando lexias, possibilitando a constante renovação do repertório léxico das línguas.

O modelo desenvolvido por Bernard Pottier, citado por Turazza (2005), traz uma explicação mais detalhada a respeito da matriz geradora do léxico, que se encontra nos processos de conceptualização. Diante da tarefa de reconhecer o ambiente e as outras pessoas,

conferindo-lhes significados, o emissor precisa mediatizar essa interação, assimilar mentalmente alguns dos elementos que lhe são possíveis acessar no momento e interpretá-los. A essa interpretação é dado o nome de conceptualização. No entanto, esse processo não compreende de imediato a totalidade dos discursos, pois se manifesta de uma forma dinâmica, em que um pedaço do discurso é sempre remodelado pela conceptualização de pedaços seguintes.

Assim, a concepção de estrutura conceptual inacabada, que compreende recortes do universo natural e/ou real e, ainda, de discursos ouvidos, torna-se pressuposto teórico para formalizar a noção de *lexia*, diferenciando-a de vocábulo e de palavra. Turazza esclarece (2005, p. 58):

A estrutura conceitual é caracterizada como uma estrutura muito profunda e como sendo o lugar do conhecimento humano, desligada das línguas naturais e compreendendo um conjunto sêmico informe: “Um amálgama sêmico”, segundo Pottier. Esse amálgama sêmico é designado *lexe* e, por se tratar de um conjunto de traços semânticos pré-lingüísticos, poderá ser *leximizado* por diferentes categorias nas mais diferentes línguas. A formalização lingüística da *lexe* ou a sua estruturação (*leximização*) compreende a **lexia: uma unidade lingüística memorizada pelos falantes/ouvintes de uma língua natural** (grifo nosso).

Assim, a *lexe* corresponde à substância semântica existente como informação potencial. É a partir dessa substância que os grupos humanos formalizam e estruturam os diferentes códigos de que se utilizam. A estruturação da *lexe* implica marcas de *semas* genéricos, específicos, virtuais e gramaticais. Os *semas* genéricos e específicos são gerados a partir de traços de significação categorizados pela comunidade, revelando informações sobre visão antropocultural do grupo, e os *semas* virtuais são traços de significação individual, compreendendo a visão específica do falante/ouvinte. Os *semas* gramaticais, associados aos demais *semas*, participam da constituição da base lexical, atribuindo-lhe categorias gramaticais (TURAZZA, 2005).

Nesse processo, o que determina o estatuto lingüístico do signo é sua característica específica, a de combinar a estruturação semêmica (substância de conteúdo) com a estruturação sintática (forma de conteúdo) em todas as combinações. Sendo assim, segundo Turazza (2005), Pottier descreve a *lexia* a partir da combinação de dois signos mínimos, lexical e gramatical, envolvendo a formalização de um plano semântico/sintático. “Essa estruturação semântico-sintática constitui a forma de significado do signo lingüístico”

(BARBOSA, 1981, p. 160). Já o significante do signo linguístico se estabelece na sequência fonológica, ordenada no eixo do tempo.

Nessa abordagem, a precisão do significado de uma lexia se dará em uso nos diferentes contextos do discurso. Afinal, ela se manifesta no sistema como unidade memorizada e disponível para atualização, e pode, portanto, comportar diversos sentidos e combinações léxicas por estar condicionada ao comportamento linguístico de seus usuários no enunciado. A estruturação de uma ou mais sequências de lexias, por sua vez, constitui o vocábulo. Em nível da fala, cada atualização de uma lexia convencionada pelas normas de uso compreenderia a palavra, e esta se classifica como lexia-ocorrência, que atende às especificidades do ato linguístico.

O código linguístico representa, pois, um sistema de significação que contém um sistema de signos. Aos estudarmos a materialização desses signos, ou seja, o léxico, faz-se necessário estudar a língua inserida na cultura. O termo cultura é bastante amplo e em torno de suas concepções surgem muitas controvérsias, pois é fruto de uma trajetória histórica, de um diálogo social que se prende a partir dos diversos níveis do discurso. Envolve valores espirituais, materiais, qualidades peculiares do homem e aquelas adquiridas ao longo da sua existência, do seu desenvolvimento, nas suas relações com os outros, inclusive na aquisição da linguagem. Diante da complexidade e da relevância do termo cultura, direcionamos nossa atenção para seu aspecto antropológico:

Foi o antropólogo Edward Sapir (1967) quem, além de introduzir o estudo da linguagem entre os materiais antropológicos, começou também a mostrar que um estudo antropológico da língua (a língua como objeto de pesquisa inscrevendo-se na cultura) conduzia a um estudo linguístico da cultura (a língua como modelo de conhecimento da cultura) (LAPLANTINE, 1991, p.18).

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código linguístico, em que notamos particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura e sua civilização. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época: “A linguagem é, com toda evidência, parte do patrimônio cultural de uma sociedade. É através dela que os

indivíduos que compõem uma sociedade se expressam e expressam seus valores, suas preocupações, seus pensamentos” (LAPLANTINE, 1991, p. 18).

Em outra perspectiva, pode-se compreender que a formação e estruturação do léxico resulta de um mundo construído. Os falantes elaboram os códigos linguísticos a partir do universo semêmico existente como virtualidade, cuja função é organizar o universo antropocultural de uma comunidade. Contudo, os conceitos materializados com a criação dos signos se manifestam na medida em que são captados pelos locutores. Nesse sentido, “[...] a língua não seria o reflexo da maneira de um grupo encarar a realidade, mas o meio utilizado para criá-la” (BARBOSA, 1981, p. 123).

O léxico é o lugar privilegiado que integra o movimento dialético de criação-transmissão de conceitos sociais. Nas palavras de Barbosa (1981, p. 123): “[...] enquanto a língua se constrói, constrói-se a cultura de um povo. Ambas, língua e visão do mundo, surgem ao mesmo tempo e caminham juntas em seu desenvolvimento”. O estudo linguístico implica o conhecimento dos aspectos sociais e culturais de um povo, uma vez que língua, cultura e sociedade são indissociáveis, interagem continuamente e constituem um único processo complexo.

Portanto, o linguista que se dedica ao estudo das palavras não o faz apenas considerando o mecanismo linguístico e estrutural dos enunciados e das formas léxicas, mas realiza também um estudo antropológico sobre os diversos aspectos que permeiam uma dada sociedade. Isso significa que é concedido ao estudioso do léxico trazer à tona características da realidade elaborada e estruturada por um grupo social, sua visão de mundo e sua ideologia, quase sempre inconsciente na sua maior extensão e para a quase totalidade dos falantes.

2.2 PRODUTIVIDADE LEXICAL

O sistema lexical das línguas é organizado por regras de produção, as quais possibilitam a formação de novas unidades léxicas. Durante muito tempo, as pesquisas sobre a formação de palavras concentraram-se na descrição de padrões gerais de estruturação dos vocábulos. Esses estudos contribuíram para a compreensão das regras que organizam o sistema, mas desconsideraram a dimensão criativa na linguagem, concebendo apenas a parte estrutural do léxico e, conseqüentemente, excluindo da análise o locutor e os elementos extralinguísticos presentes no discurso. “Existe, na base das modificações que se processam, uma propriedade dos sistemas linguísticos: a criatividade. Isso permite que um sistema

linguístico possa ser o veículo de novas representações que vão continuamente surgindo” (CARVALHO, 1989, p. 23).

Entre os trabalhos mais recentes, sobretudo na área da lexicologia que consideram, além da comunidade, também o locutor como objeto de análise nos estudos sobre a palavra, destacam-se as contribuições de Guilbert (1975). Para este autor, a linguagem funciona a partir de dois mecanismos complementares: o primeiro, que determina a utilização dos signos linguísticos enquanto elementos da realidade extralinguística, e o segundo, que corresponde às atribuições dos signos linguísticos no plano enunciativo, no qual são organizados por regras de ordenação para formar frases.

Nessa perspectiva, a palavra compreende: a) uma unidade cuja significação é definida pela experiência, pela cultura e pela ideologia de uma sociedade; b) uma unidade morfológica, por compreender traços categoriais sintáticos que permitem estabelecer diferentes encadeamentos, subordinada às regras do enunciado. Assim, a frase é o suporte do sentido da palavra e, segundo Guilbert (1975), aparece antes desta.

De acordo com Turazza (2005), a partir dessa dupla função da palavra, Guilbert apresenta um modelo de produção que, de uma parte, situa o léxico como parte da gramática gerativa, e, de outra parte, estabelece como meio para análise semântica do léxico a relação entre a personalidade do locutor e a situação de produção do enunciado.

O conteúdo das unidades lexicais, nessa concepção, não se caracteriza apenas por traços categoriais (morfológicos, sintáticos e semânticos), mas também por traços antropológicos, culturais e ideológicos. O universo lexical é, ao mesmo tempo, um conjunto de signos existentes na memória do indivíduo ou do grupo, devido à relação referencial com o mundo extralinguístico, e um conjunto de segmentos que sofrem alterações em seus elementos para atender às necessidades enunciativas. Esse quadro teórico trata a unidade lexical como elemento de designação e elemento morfológico.

Dessa maneira, a língua é concebida como código gerador de fatos sociais, refletindo, portanto, a visão de mundo particular de cada grupo sociocultural. Ao passo que surgem novos eventos e transformações no ambiente, as percepções da realidade também se modificam e repercutem no sistema léxico. Conforme Basílio (2013, p. 9):

Como estamos sempre (re)produzindo e (re)conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados.

Embora as transformações na língua sejam constantes e inevitáveis, elas passam despercebidas para a maioria dos falantes, gerando a ilusão da permanência da língua enquanto a falam. Isso se deve, segundo Martinet (1972), à estabilidade e conservantismo da língua escrita, em virtude das normas gramaticais, e à incapacidade do falante de lembrar-se de como eram as estruturas linguísticas anteriores às de sua época, ou suas próprias estruturas em outros períodos. Nota-se, pois, a atuação da força de conservação que se opõe ao desenvolvimento do sistema lexical. Esses aspectos contrários são chamados por Saussure (1993, p. 104) de *mutabilité* (mutabilidade) e *imutabilité* (imutabilidade) do signo linguístico.

Barbosa (1981) explica que a imutabilidade e a mutabilidade são leis complementares, mesmo designando fenômenos contrários: a primeira assegura a continuidade da língua, possibilitando o uso e o reconhecimento do código pelos usuários do sistema, enquanto a segunda atende aos processos de inovação no idioma, consequência da renovação social. Há, então, uma maior permanência do vocabulário fundamental de uma língua, nas diversas épocas, mas “[...] as mudanças ocorrem, mesmo que encontrem certos tipos de obstáculos. O universo léxico é movido pelas forças de novação, dada a sua condição de universo de significação, uma fonte inesgotável de novos valores” (BARBOSA, 1981, p. 132).

A potencialidade expansiva e ordenada do léxico revela a tendência da língua em acompanhar as transformações que fluem do ambiente antropocultural, as descobertas, invenções tecnológicas, mudanças políticas, sociais e ideológicas que se processam ao longo do tempo nas sociedades. Contudo, a renovação lexical representa um processo natural na língua e, portanto, não constitui uma ameaça para sua continuidade e para a intercompreensão dos membros do grupo.

2.2.1 Formação de palavras

Comumente, define-se o léxico como o conjunto de palavras de uma língua. “E, de fato, o léxico de uma língua se constitui sobretudo de palavras” (BASÍLIO, 2013, p. 13). Entretanto, o conceito de palavra não é tão fácil de ser delineado. A depender do ângulo teórico que se observe, o estudo da palavra pode adquirir diversas manifestações.

Correia e Almeida (2012) admitem os problemas que se levantam na tentativa de conceituar a palavra. Em seu trabalho, referem-se à palavra e à unidade lexical como tendo o mesmo significado. Porém, em Basílio (2013), temos uma reflexão mais apurada, envolvendo

várias interpretações dos estudos gramaticais e linguísticos que buscam delimitar o conceito de palavra.

Portanto, antes de discorrermos sobre os mecanismos de formação disponíveis na língua portuguesa para a ampliação das lexias, é importante que percebamos a complexidade do tema, partindo da dificuldade em determinar o conceito de palavra. Tamanho impasse ocorre devido à extensão de significados que esta pode atingir, conforme a metodologia adotada na pesquisa.

A seguir, apresentamos algumas das abordagens presentes em Basílio (2013):

- a) A palavra gráfica²: diz respeito à palavra materializada em uma sequência de caracteres que aparecem entre espaços e/ou pontuação e que corresponde, também, a uma sequência de sons que formam uma palavra na língua. Assim, na frase “João viajou ontem” (BASÍLIO, 2013, p. 13), não haveria dificuldades na identificação das três palavras por parte de qualquer fluente na língua portuguesa.
- b) Palavra do dicionário: em outra percepção, talvez a mais usual, as palavras são aquelas que constam nos dicionários. A autora pontua que os dicionários são responsáveis pelo registro das ocorrências que permanecem na língua. Em consequência disso, os lexicógrafos realizam a inscrição da palavra muito tempo depois da efetivação do seu uso, ou seja, “[...] qualquer dicionário estará sempre defasado em relação às palavras da língua” (BASÍLIO, 2013, p. 13).
- c) A palavra enquanto estrutura: cabe à parte da gramática chamada morfologia estudar palavra enquanto forma. Nesse estudo, a palavra é uma construção que se estrutura de uma maneira específica: seus elementos formativos se associam de forma fixa, não permitindo mudança de posição ou interferência de outros elementos. Vejamos os exemplos: “guarda-chuva, encaixado, narração → *guarda-muita-chuva, *encaixonado, *çãonarra” (BASÍLIO, 2013, p. 14).
- d) Palavra, vocábulo e lexema: a palavra pode ser distinguida quanto à sua forma e sentido, para fins metodológicos na pesquisa linguística. A palavra como unidade lexical, dotada de significação extralinguística, é denominada lexema, e as variações da forma da palavra, como formas flexionadas, seriam vocábulos. As preposições,

² O conceito de palavra gráfica aparece em Correia e Almeida (2012, p. 12), segundo as autoras, trata-se da palavra que no discurso escrito corresponde a uma sucessão de caracteres delimitados por espaços em branco. Porém, admitem que as palavras da língua podem assumir muitas outras formas.

conjunções e verbos auxiliares são chamados de vocábulos gramaticais, por não apresentarem significação lexical.

- e) Forma livre mínima: definida pelo linguista Bloomfield, a palavra seria uma forma livre, ao constituir um enunciado em si mesma, sem o auxílio de outros elementos. Contrasta, assim, com o afixo, designado forma presa, pois sua ocorrência se manifesta em conjunto com outra, da qual depende. Contudo, ao observarmos as palavras compostas formadas por mais de uma palavra ou radical, cai por terra o argumento de que palavras não podem ser subdivididas em formas livres.
- f) Formas dependentes: Em busca de uma solução para o problema das formas livres, o linguista brasileiro Mattoso Câmara Jr. acrescentou à definição de Bloomfield a “[...] noção de forma dependente: aquela que depende de outra para ocorrer, mas não está concretamente soldada à forma da qual depende” (BASÍLIO, 2013, p. 17). Assim, palavras compostas, cujas formas podem ser apreendidas, mantêm seu *status* de palavras, caracterizando-se por uma forma dependente. Também, as preposições, conjunções, artigos e pronomes clíticos, como formas dependentes, são considerados palavras. A redefinição de palavra como forma não presa mínima abarca, desse modo, tanto as formas livres quanto as formas dependentes.

Apesar das várias designações para o termo palavra, verificamos que ainda não consta nenhuma explicação que envolva completamente o tema. Restam ocorrências de palavras que não se encaixam nas definições acima apresentadas, como indica Basílio (2013, p. 17):

[...] a classificação das formas que expressam grau, a colocação do particípio passado como parte da conjugação verbal ou como um adjetivo derivado do verbo, os nomes pátrios e os nomes de cores, que podem ser sistematicamente usados em classes diferentes, a situação dos nomes próprios de cidades e instituições, e assim por diante.

Segundo a autora (BASÍLIO, 2013), o obstáculo pode estar na concepção dos pesquisadores do que seja a palavra. O léxico abarca elementos fonológicos, gráficos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, e nem sempre esses aspectos são inteiramente recobertos uns pelos outros. Em contrapartida, como vimos, a palavra enquanto uma unidade lexical não se identifica necessariamente com a noção gramatical do termo. “É importante, pois, que possamos conviver com a diversidade e com a complexidade. É o preço que pagamos por um sistema de comunicação mais flexível; as estruturas rígidas são sempre

mais fáceis de descrever, mas muito mais limitadas em sua utilização” (BASÍLIO, 2013, p. 18).

“Em frente! Vamos verificar para que olha o normatizador quando coloca os nomes. Convém rever os exemplos anteriores. Um carpinteiro cria uma carda olhando para quê? Ora, não seria para aquilo que é, por natureza, para cardar?” (PLATÃO, 2014, p. 31). Nesse trecho, Platão compara o processo de nomeação à construção de uma carda³. Assim como o carpinteiro precisa ter em conta os elementos que envolvem o processo de construção do instrumento, o normatizador, ao elaborar um nome, deve considerar o modo como as palavras já existentes foram formadas.

Em todos os idiomas, verificamos uma parte mais ou menos fechada, estável e mecânica, que corresponde ao alfabeto, à ortografia, à lista de fonemas e suas combinações, às regras básicas da morfologia e da sintaxe. Existem as palavras de significação interna ou morfemas gramaticais, responsáveis pela organização e estrutura interna das línguas. A outra parte, aberta, movente e fluida, diz respeito ao universo inteiro dos significados, dos valores, das nuances e das intenções do discurso. Aqui, temos os lexemas, que representam o universo extralinguístico, sempre em expansão. Nesse sentido, Barbosa (1981, p. 168) corrobora: “O universo lexical é finito e aberto. É finito a cada momento, visto uma etapa sincrônica na competência dos falantes, mas muda a cada instante, apesar da aparente estabilidade”.

O léxico, enquanto sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em seu crescimento. “Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte dos falantes” (BASÍLIO, 2013, p. 9). Os processos de formação de palavras possibilitam a eficácia da comunicação, na medida em que disponibilizam padrões de formação baseados em modelos existentes no sistema e internalizados pelos falantes: “Por meio desses padrões, podemos formar ou captar a estrutura de palavras e, portanto, adquirir palavras que já existiam, mas que não conhecíamos anteriormente” (BASÍLIO, 2013, p. 10). Se tivéssemos de memorizar símbolos diferentes para cada unidade de significação que há, teríamos uma sobrecarga na memória, o que impediria a comunicação espontânea, uma vez que os novos símbolos teriam de ser explicados e decorados.

A renovação do léxico, de acordo com Barbosa (1981), não ocorre de maneira desordenada, é passível de controle quanto à tipologia, ou quanto ao processo que permite o aparecimento de uma nova unidade em seu inventário. “O léxico vai sendo enriquecido com

³ Instrumento de madeira próprio para a fiação de tecidos.

formações novas, na maioria calcadas em palavras previamente existentes, e que, dentro de uma abordagem gerativista, fazem parte da competência do falante nativo” (CARVALHO, 1983, p. 26).

Assim, ao passo que incorporamos de forma passiva novas palavras, no dia a dia, na escola, lendo livros, jornais, dentre outras formas, nos é assegurada, também, a competência em criar novos vocábulos, usando, para isso, de modo inconsciente, as possibilidades do sistema. Essas inovações ocorrem a partir de estruturas existentes na língua que, segundo Basílio (2013), representam o léxico interno ou mental. Este reporta o conhecimento que o falante possui dos padrões de estruturação e processos de formação, os quais permitem o reconhecimento e a produção de novas formas léxicas.

Dessa forma, todas as línguas oferecem a seus usuários ferramentas para a geração de novas palavras a serem incorporadas ou não ao léxico. Na língua portuguesa, os elementos que participam da criação de novos itens léxicos, nomeados por Correia e Almeida (2012, p. 12) de “unidades infraléxicais”, correspondem a unidades de dimensão inferior à palavra gráfica. Entre elas, contam-se unidades infraléxicais de significado lexical, as raízes, e as unidades infraléxicais de significado gramatical, os afixos. As raízes são unidades não autônomas, apesar de possuírem características que integram uma palavra, tais como: significante e significado extralinguístico, categoria morfossintática, não apresentam padrão flexional e não podem ocupar posições sintáticas terminais, podendo ocorrer apenas como elementos de construção de outras palavras. Os afixos (prefixos e sufixos) são unidades que têm apenas significado gramatical ou institucional e que, associadas a unidades de significado lexical, permitem a construção de novas palavras.

As palavras de significado lexical constituem classes abertas de palavras, uma vez que essas classes admitem a entrada constante de novas unidades; por isso não é de estranhar que as classes abertas da língua sejam as que apresentam um maior número de unidades (em ordem decrescente: substantivos, adjetivos e verbos) e que sejam também aquelas em que tipicamente ocorrem neologismos, isto é, palavras novas. Em contrapartida, as palavras de significado gramatical constituem classes fechadas de palavras, classes finitas, constituídas por um número relativamente reduzido de elementos e nas quais raramente ocorre inovação, visto que as mudanças nessas classes têm consequências no nível da estrutura da língua. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 13).

Desse modo, constatamos que os neologismos não se originam aleatoriamente, mas a partir do sistema linguístico. Para criar novas palavras, o locutor deve partir da combinação de

seus elementos estruturais. Neste cenário, temos as classes finitas de palavras, que correspondem mais precisamente às desinências nominais (de gênero de número), às desinências verbais (de modo, tempo, número e pessoa), às vogais temáticas e aos afixos (prefixos e sufixos) e à classe aberta constituída pelos radicais das palavras. Valente (2012, p. 13) traz um exemplo de como esses elementos participam da formação de um neologismo:

[...] quando o jornalismo brasileiro consagrou os verbos “tancredar” e “malufar”, em 1984, para marcar a disputa de Tancredo Neves e Paulo Maluf, ocorreu apenas uma alternância no radical das palavras (*Tancred* + a + r; *Maluf* + a + r). Mudaram somente os radicais, já que os outros elementos fazem parte do campo fechado (“a”, vogal temática da primeira conjugação; “r”, desinência de infinitivo).

Observamos, assim, que no campo fechado não há espaço para a criatividade linguística. Cada língua possui um padrão flexional e, para conjugar um verbo ou colocar um substantivo no plural, o locutor deve se submeter às regras do sistema. Como o sistema flexional já está definido, a criação de palavras vai depender da utilização de novos radicais ou da combinação dos elementos preexistentes na língua. Por exemplo, o neologismo *sofrência*, citado por Valente (2012, p. 15), “[...] resulta da combinação do radical “sofr” e do sufixo “-ência”, elementos já existentes na língua (“Sofrimento”, “sofredor”, “influência”, “anuência”).” Essa formação se dá a partir da matriz morfológica: verbo (radical) + sufixo = substantivo. Neste aspecto, a matriz morfológica corresponde ao molde linguístico para a fabricação de palavras: “Reconhecer essas matrizes é um bom passo para quem pretende inovar linguisticamente” (VALENTE, 2012, p. 15).

Destarte, testemunhamos com frequência a invenção de novas palavras por parte das crianças, que, obviamente, não têm noção dos mecanismos produtivos do sistema, nem conhecimentos das matrizes morfológicas. Valente (2012, p. 15) apresenta o seguinte exemplo:

Quando tinha 9 anos, minha filha Lívia perguntou-me se eu queria comprar o disco que lhe havia prometido. Respondi-lhe que era domingo e ela ponderou: – Não tem discaria aberta aqui perto? O neologismo “discaria” é perfeito na estrutura e na significação; comprova-se o fato linguístico com a simples lembrança de palavras com “livraria”, “peixaria” etc. Intuindo o valor do sufixo “-aria”, Lívia pôde combiná-lo, com precisão semântica, com o radical “disco”.

Essa capacidade formativa decorre da gramática internalizada, a qual, segundo Valente (2012), proporciona não apenas às crianças, mas a qualquer falante – mesmo os que não têm acesso à escolaridade –, produzir infinitas frases e inventar, principalmente por analogia, novas palavras. “As criações espontâneas das camadas populares também enriquecem nosso léxico e confirmam-nos a dinamicidade da linguagem” (VALENTE, 2012, p. 15).

Os processos formadores dos neologismos encontrados no *corpus* da pesquisa serão abordados no tópico que trata das unidades neológicas encontradas no jornal *Massa!*.

2.3 NEOLOGISMO: CONCEITUAÇÃO

A língua, sendo um objeto da cultura, expressa as inovações ocorridas na sociedade. Conforme surgem novos eventos, são introduzidos termos que vão se incorporando à língua, a depender da aceitação do grupo ao longo do tempo. A neologia lexical compreende, então, “[...] o estudo da criação da palavra ou conjunto de palavras, de sua produção e aparecimento, num momento dado da história da língua. Isto conduz evidentemente à análise do contexto sociolinguístico” (CARVALHO, 1983, p. 23). Dentre as gramáticas pesquisadas, o tratamento mais abrangente para o fenômeno do neologismo foi encontrado em Bechara (2009, p. 351):

As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados.

Todo esse movimento de transformação do mundo, acompanhado pelo surgimento de novas palavras, é referido por Pilla (2002, p. 11), que considera a causa para o surgimento dos neologismos não apenas a intenção criadora dos falantes, mas também a própria evolução das sociedades:

A evolução do mundo e do pensamento, o avanço científico-tecnológico e as transformações da sociedade geram referentes em mutação que se refletem no léxico. Todas as etapas da transformação – a história da sociedade, enfim

– fazem do léxico um sistema aberto, no qual continuamente novos significados demandam novos significantes.

É consensual que a neologia é a disciplina que trata o estudo dos neologismos. Contudo, seu objeto de estudo – os neologismos – encontra na Linguística diversas análises, conforme a tendência teórica que se segue: o Estruturalismo, o Gerativismo ou a Gramática Tradicional. Basílio (2000, p. 17 -18) comenta essas tendências, sintetizando-as da seguinte forma:

Na abordagem estruturalista, a noção de morfema é básica; o morfema é definido como a unidade significativa mínima numa língua. Em síntese, a análise morfológica consiste na apreensão de morfemas e de suas possíveis combinações na formação de palavras. Naturalmente, morfemas podem constituir diferentes classes, de acordo com suas propriedades de combinação.

Essa abordagem, mais uma vez, preocupa-se apenas com a determinação da estrutura das palavras já formadas, pelo menos implicitamente. Ou seja, a preocupação da análise morfológica estruturalista seria apenas a de estabelecer formulações gerais que correspondessem às formações já existentes na língua.

Nessa abordagem, o morfema possui um significado preestabelecido, que se mantém em todas as palavras nas quais aparece. Porém, Basílio (2000) considera que as palavras possuem um sentido global e, muitas vezes, não é possível apreender o significado das partes que a compõem.

Também segundo a autora (BASÍLIO, 2000), a teoria gerativa transformacional permitiu uma mudança de perspectiva no estudo lexical, ao colocar em evidência não o resultado já pronto das criações lexicais, mas a competência do falante, que propicia não somente a criação dessas palavras, como também sua interpretação.

Como vimos, nas outras abordagens a descrição de formas já feitas é privilegiada; mas só numa teoria que estabelece a representação da competência como o objeto principal da descrição gramatical é que podemos pensar nas regras que correspondem a nossas interpretações naturais de novas formações ou sua construção, na medida das necessidades do discurso. (BASÍLIO, 2000, p. 19).

Nascimento (2016, p. 22) destaca que a utilização dessa teoria “[...] também tem seus problemas, dos quais o principal é necessidade de extrapolação de princípios sintáticos para as análises lexicais, o que as dificulta”.

Na abordagem gramatical, há um compromisso em tentar discriminar todos os processos formativos e prever o significado de todas as palavras compostas a partir de determinado afixo. Revela-se, portanto, uma abordagem limitada, pois exclui outras formações, como o empréstimo, a neologia sintagmática, a abreviação e o redobro, as quais assumem um modelo de formação diferente dos exemplos tidos na lista de palavras previamente estabelecidas pelos gramáticos.

Dessa forma, durante muito tempo, o estudo dos neologismos apareceu sob o domínio linguístico, gramatical e retórico. Entretanto, a situação se modificou com a introdução dos estudos que versam sobre a criatividade linguística, levando em conta o meio de produção, o locutor e a comunidade. A neologia não se limita, atualmente, ao domínio do conhecimento linguístico, e sim reflete a sociedade num determinado período. Por isso, pode ser objeto de estudo de diversas especialidades, como a sociologia, a antropologia, a psicologia e a história.

Nesse sentido, o que torna cada vez mais atraente e atual o estudo dos neologismos é que, além de testemunhar a criatividade lexical e a imaginação fértil de seus falantes, as formações neológicas têm profunda ligação com as modificações do mundo exterior e com as disciplinas extralinguísticas (CARVALHO, 1983).

Historicamente, toda palavra um dia foi nova, ou seja, foi a partir de um dado momento que passou a integrar o vocabulário de uma sociedade. “O reconhecimento do estado de uma língua implica no reconhecimento intuitivo do caráter de novidade de certas palavras. Algumas pertencem à fala, mas não à língua, porque têm condição provisória” (CARVALHO, 1983, p. 24).

No entanto, apelar para o sentimento de novidade não constitui um método eficiente na identificação de um neologismo. Guilbert (1975), por sinal, aponta como uma das maneiras de se estudar os neologismos coletar e descrever um conjunto deles surgido em determinado período da vida da língua de certa comunidade e que ainda não tenha sido dicionarizado.

Assim, os itens léxicos que representam as inovações ocorridas em uma sociedade, ainda não dicionarizados, verificados no uso de um grupo linguístico, são classificados como neologismos, os quais revelam as mudanças ocorridas em uma comunidade em uma dada época. Barbosa (1981) define a neologia como o processo pelo qual a mudança linguística provoca o aparecimento de novas unidades lexicais ou atribuições de novos significados a palavras preexistentes. Já os neologismos representam os resultados da renovação lexical. Segundo a autora, a criação lexical não ocorre de maneira desordenada, pois a neologia

postula um conjunto de regras que exercem uma coerção sobre a criação, a determinação e o emprego dessas novas unidades.

O mecanismo de formação de um novo signo, ou de atribuição de um novo significado aos signos já existentes, é um processo complexo, que envolve formulação e seleção das proposições feitas no quadro social interessado. A produção e a utilização do neologismo dependem do que Ducrot chama “ação” (BARBOSA, 1981), e seu exame deve levar em conta, necessariamente, o conjunto da situação de produção, linguística e extralinguística:

Não só a lexia neológica, como também qualquer tipo de lexia, unidade do universo léxico, disponível na memória do falante, apenas adquire sua plenitude de signo linguístico – como valor de comunicação – em enunciados, em situação de comunicação [...] no momento em que sai do banco de memória e é empregada numa situação de comunicação, opera-se uma redução dos traços sêmicos (lexicais e gramaticais) disponíveis, enquanto em contraposição, aparecem muitos outros traços sintáticos e semânticos, determinados pelo contexto, pela combinatória. (BARBOSA 1981, p. 97).

Em relação às formações neológicas, Biderman (2001) distingue dois tipos de neologismo: o conceptual (semântico) e o formal. No primeiro, teríamos uma nova acepção que se incorpora ao campo semântico de um significante, ou através de uma conotação nova dada a uma palavra. O segundo constitui uma palavra nova introduzida no idioma, podendo ser vernáculo ou estrangeiro. As gírias, neologismos populares de formação vernácula, são tidas pela autora em questão como neologismos formais, que surgem para dar maior expressividade à linguagem e para dificultar a decodificação da mensagem por outros grupos.

Guilbert (1975), no livro que ainda constitui uma referência aos estudos da inovação lexical e neologia, *La créativité lexicale*, reforça o caráter social da linguagem, chamando atenção para a atividade criadora do locutor e considerando ser a massa falante quem decide a evolução da língua. Em relação à neologia lexical, afirma que esta se define pela possibilidade de criação de unidades lexicais novas, de acordo com as regras de produção do sistema lexical. Contudo, o léxico consiste não só no sistema de criação lexical, como também se relaciona com as unidades da linguagem ligadas ao universo das coisas, às modalidades do pensamento, ao movimento do mundo e da sociedade.

O estudo da neologia lexical consiste, portanto, também em recolher um conjunto de neologismos que surgiram num período específico da vida de uma comunidade linguística.

Por isso, considera a criação lexical indissociável do momento da sua criação, da sociedade e de sua comunidade linguística:

Les événements linguistiques ponctuels que sont les créations lexicales nouvelles doivent être datés d'une part, en vertu de l'individualisation des créations par des locuteurs identifiés dans la communauté linguistique. La création lexicale, en effet, s'oppose à la transformation phonétique et à la mutation du système grammatical dont l'origine se situe indistinctement dans la collectivité.⁴ (GUILBERT, 1975, p. 31-32).

Guilbert (1975), estudando a criatividade linguística, chegou às conclusões aqui resumidas: as mudanças sociais promovidas pelos avanços das pesquisas científicas e tecnológicas não manifestam mudanças na língua apenas pela incorporação de um conjunto homogêneo de novas lexias, pois antes da sua manifestação há todo um percurso diacrônico que mapeia sua origem; as categorias léxicas já aceitas pela comunidade se relacionam aos aspectos extralinguísticos do grupo e evidenciam duas formas de manifestação, sendo as lexias de ordem semântica, resultado da transferência de palavras de um campo de conhecimento a outro, e as lexias de ordem morfológica, que seguem os mesmos padrões morfológicos.

Em virtude desses postulados, Guilbert (1975) propõe que se considerem quatro formas de neologia: a neologia fonológica, a neologia sintagmática, a neologia semântica e a neologia por empréstimo. A fonológica (extremamente rara) consiste na criação de uma nova substância fônica e na sua transcrição; a sintagmática representa uma lexia complexa, uma vez que não segue um modelo de formação já existente, possuindo, assim, significado inteiramente novo, sendo formada por várias bases e podendo ser analisada com o estabelecimento da relação entre léxico e sintaxe; a semântica caracteriza-se pela criação de um novo significado para um significante preexistente; e aquela por empréstimo define os diferentes aspectos do empréstimo de palavras de uma língua estrangeira.

Em quase todos os trabalhos, verificam-se classificações compatíveis com a proposta por Guilbert, exceto em Pilla (2002), que, em sua explanação sobre o tema, exclui o fenômeno do empréstimo como um neologismo. Esta autora defende que o empréstimo é tão somente a transferência de um elemento totalmente formado de um código para outro, não se tratando,

⁴ Os eventos linguísticos pontuais que são as criações lexicais novas devem ser datadas, por um lado, em virtude da individualização das criações por falantes identificados na comunidade linguística. A criação lexical, com efeito, opõe-se à transformação fonética e mutação do sistema gramatical, cuja origem se situa indiscutivelmente na coletividade [tradução minha].

portanto, de uma nova criação. Já em Alves (2007), temos o neologismo sintático representando a neologia complexa, formada pela relação entre morfologia e sintaxe, que constitui os processos de derivação e composição, no lugar do sintagmático sugerido por Guilbert.

Segundo Carvalho (2012), algumas palavras pertencem à fala, mas ainda não à língua, porque têm condição provisória. Assim, é necessário que a nova palavra percorra as etapas do processo neológico, seja testada e aprovada pelo grupo social. O léxico se renova com o surgimento de novas palavras baseadas a partir de compostos já existentes na língua, o que evidencia a competência do falante nativo em conhecer e reconhecer as estruturas que compõem uma dada língua:

Os termos novos, como resultantes da criatividade lingüística, são também consequência da criatividade humana nos outros campos. Os neologismos criados no setor artístico, científico e tecnológico têm o objetivo de oferecer novos conceitos sobre o universo e assim acompanhar a evolução humana. (CARVALHO, 2012, p. 14-15).

É impossível, pois, entender a gênese e o desenvolvimento dos códigos de um grupo sem ligá-los à vida do próprio grupo, visto que sua função social é, sem dúvida, o aspecto mais importante de sua natureza. Os neologismos acompanham os avanços civilizacionais, as mudanças políticas e culturais, são códigos que cumprem o papel de registrar as transformações das sociedades ao longo da história. Possibilitam-nos, assim, conhecer o passado, o presente e organizar o futuro para as novas gerações.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O *CORPUS*

Com as mudanças políticas e sociais ocorridas na última década no Brasil, resultantes das políticas de reparação social implementadas pelo Governo Federal, presenciamos o surgimento da nova classe média, que agrega características peculiares à ascensão social obtida. Essa classe emergente tem conquistado a atenção de empresas e meios de comunicação, que passam a lhe direcionar seus produtos. Neste cenário, surgem os jornais populares⁵, com uma proposta inovadora que vai além das notícias sensacionalistas, até então voltadas ao público-leitor das classes C e D (DALMONTE; RIBEIRO, 2003).

As alterações nos modos de vida, sobretudo das classes mais simples da população, criaram exigências de ordem social, educacional, mercadológica, entre outras. É neste quadro que se observa o avanço nas vendas de jornais populares no país, acompanhando uma tendência mundial de lançamento de jornais compactos ou tabloides. Justifica-se, especificamente, a iniciativa do Grupo A Tarde de Comunicação, da cidade de Salvador (BA), de fundar e manter em circulação o jornal impresso e digital *Massa!*, o primeiro do segmento popular do Estado da Bahia, como indica a campanha publicitária apresentada na Figura 1:

Figura 1 – O primeiro jornal popular da Bahia

O primeiro JORNAL POPULAR da Bahia

Tabela de preços

Mídia kit

R\$ 0,50 Custa POUCO!

Mais de 15 SEÇÕES!

O primeiro jornal popular da Bahia!
O Jornal Massa! foi o primeiro jornal de cunho popular a ser lançado em todo o estado da Bahia, mantendo os baianos sempre bem informados desde 2010.

Frase: Com apenas 50 centavos, o leitor desfruta de um conteúdo de qualidade, feito do seu jeito.

Mais de 15 seções
O Jornal Massa! é completo. De segunda a sábado, leva ao leitor tudo sobre esportes, saúde e bem-estar, economia, empregos, polícia, entretenimento, social e classificados.

Fonte: Jornal *Massa!* (acervo digital).

⁵ Neste trabalho, entende-se por jornal popular aquele que se destina a setores populares da sociedade e se diferencia dos jornais tradicionais pela seleção de notícias, enquadramento e fontes, atendendo aos interesses informativos de seu público-alvo.

De acordo com Dalmonete e Ribeiro (2013, p. 2): “O lançamento do *Massa!*, em 2010, deu ao grupo empresarial a oportunidade de, pela primeira vez na história, direcionar-se aos leitores das classes sociais C e D”. Incluiu-se, assim, a Bahia ao processo de intensificação dos jornais populares. Segundo o diretor-executivo do Grupo A Tarde, Sylvio Simões, “[...] o *Massa!* preenche uma lacuna, já que a população não dispõe de um jornal voltado para as classes C e D, que são as que mais crescem economicamente no País” (RAMOS, 2010, *online*).

Entretanto, a criação de um título popular por uma empresa já consolidada por um produto jornalístico de referência não foi um empreendimento exclusivo do Grupo A Tarde:

Considerando o mais recente ciclo de intensificação dos jornais do segmento popular, a Bahia é o último estado a aderir ao processo. Iniciativa semelhante pode ser observada em estados como Rio de Janeiro, onde o grupo Infoglobo Comunicações LTDA mantém em circulação os jornais *O Globo*, *o Extra* e *o Expresso da Informação*. Estes dois últimos pertencentes ao seguimento popular de produção jornalística. Nos anos dois mil, sobretudo nos anos de 2005 e 2006, a tendência se confirma em estados como Espírito Santo, Minas Gerais, Amazonas, Maranhão e Distrito Federal. (DALMONTE; RIBEIRO, 2013, p. 2).

Indo de encontro à linha editorial de vertente sensacionalista, que era a característica das publicações populares no jornalismo há cerca de vinte anos, conforme Oliveira (2009), esses jornais passaram por um gradativo reposicionamento. Atualmente, priorizam o tratamento de temas relacionados ao cotidiano de seu público (saúde, mercado de trabalho, transporte e educação), reservando parte de seu conteúdo também ao entretenimento, com destaque para notícias sobre esportes e celebridades.

Hoje, existem cerca de quinze jornais populares de grande circulação no Brasil em versão impressa e/ou eletrônica. De acordo com o ranking nacional disponibilizado pela Associação Nacional de Jornais (2015, *online*), os jornais populares impressos com maior média de circulação no Brasil durante o ano de 2015 foram: o Super Notícia (MG), com média de 249.297 exemplares vendidos, o Daqui (GO), o Zero Hora (RS), o Diário Gaúcho (RS), o Extra (RJ), o Meia Hora (RJ), o Agora São Paulo (SP), o Aqui (MG), o Expresso da Informação (RJ) e o Dez Minutos (AM). O *Massa!* aparece na 37ª colocação entre os jornais mais vendidos em nível nacional, numa lista com 50 periódicos.

Os periódicos populares têm entre seus preceitos editoriais a facilidade de leitura, identificação, interatividade, emoção, serviço e diversão, destinando-se abertamente ao leitor

de baixa renda econômica e pouca escolaridade. Para obter essa aproximação com o público-alvo, são utilizados recursos informais de linguagem, que provocam um distanciamento gráfico, linguístico e temático da imprensa conhecida como de referência (AMARAL, 2006).

Até o lançamento do *Massa!*, em 2010, o segmento popular da imprensa local era representado por programas televisivos como *Na mira*, da TV Aratu, e *Se liga Bocão*, da TV Itapoan, com enfoque basicamente policiaisco. Esses programas se distinguem claramente dos demais jornais televisivos pela linguagem apelativa, exagerada, repleta de comoção ou revolta frente a questões como violência, descaso do Estado em relação à segurança pública ou problemas de infraestrutura, muito presentes nos bairros periféricos da capital baiana. É um jornalismo que emite sensações ao telespectador, por meio de efeitos visuais imediatos. Conforme assinalam Berthier e Silva (2012, p. 2): “A imprensa sensacionalista não tem como principal objetivo informar, mas sim, satisfazer às necessidades instintivas do público, por meio de formas sádicas, grotescas, chamativas, apelativas, emotivas e sensacionais”.

O *Massa!* apresenta um custo mais acessível em relação aos concorrentes, uma das características principais dos jornais populares. O exemplar do *Massa!* pode ser adquirido por apenas R\$ 0,50, enquanto o do *Correio* custa R\$ 1,00, o do *Tribuna* é vendido por R\$ 2,00 e o do *A Tarde* custa R\$ 2,50 na Bahia, chegando a custar até R\$ 5,00 nos outros estados.

Apesar da ampla circulação em Salvador e no interior da Bahia, o público-alvo do *Massa!* é de leitores que residem em áreas menos privilegiadas da capital. Isso pode ser observado na Figura 2, a seguir, em dois recortes referentes à seção “Na boca do povo”, espaço destinado a comentários dos moradores dos bairros populares da cidade. Na imagem, há moradores dos bairros da Ribeira, Mussurunga, Vista Alegre, Uruguai, Barbalho, Cajazeiras e da cidade de Simões Filho (região metropolitana de Salvador), regiões ditas periféricas por se localizarem afastadas dos centros comerciais e turísticos de Salvador.

Figura 2 – Seção “Na boca do povo”, do jornal *Massa!*



Fonte: edições de 27 fev. 2015 e 05 fev. 2015, p. 2 (acervo digital).

Pedroso (2001) admite que o jornal popular não se diferencia dos jornais da grande imprensa apenas por romper com os modelos tradicionais de produção e distribuição, mas porque cria suas próprias condições de existência e realiza uma nova concepção de comunicação entre jornal e leitor, tornando possível o acesso deste ao processo de decisão do outro. Sobre esse aspecto, Amaral (2004, p. 67) destaca:

Precisam falar do universo dos leitores, interpelam uma estética pragmática, pouco importando se as informações são do âmbito do privado, do local ou do entretenimento. Além disso, são obrigados, por interesses mercadológicos, a utilizar determinados recursos temáticos, estéticos e estilísticos, que, mesmo deslocados do discurso jornalístico tradicional, servem para legitimar a fala do jornal entre seu público-alvo.

Na Figura 3, observamos outro exemplo de como os editores do *Massa!* buscam cativar o leitor. Ao abordar aspectos do cotidiano da cidade, reservam espaço para a publicação de opiniões emitidas por pessoas comuns da capital baiana:

Figura 3 – Notícia do jornal *Massa!* com opinião de leitores



Fonte: edição de 05 fev. 2015, p. 3 (acervo digital).

Outra característica acentuada dos jornais populares são as capas, que costumam apresentar cores fortes e reproduzir fotografias apelativas. No caso do *Massa!*, não é diferente. Destaca-se, quanto a isso, a imagem da mulher associada puramente ao quesito corpo e com forte conotação sexual, como mostra a Figura 4:

Figura 4 – Capas do jornal *Massa!* com exposição do corpo feminino



Fonte: edições de 04 fev. 2015, 23 fev. 2015 e 23 mar. 2015, p. 1 (acervo digital).

As fotografias de mulheres de corpo magro e com dimensões avantajadas dos seios e das nádegas aparecem em muitas capas do *Massa!*.⁶ As modelos surgem seminuas, em posições sensuais e com fisionomias sexualmente provocativas. As imagens lembram os antigos calendários de borracharia e são sugestivas ao imaginário do público. Com base no forte apelo erótico, o editorial pretende chamar a atenção do homem para o produto pelas sensações que as imagens provocam. Para as leitoras, aquele pode ser um padrão de beleza a ser alcançado ou aquelas são mulheres que fazem parte do seu contexto social, despertando, assim, a ideia de pertencimento. O fato é que a imagem da mulher estampada quase diariamente nas páginas do *Massa!* não passa despercebida e é um elemento que exerce influência na relação emissor-destinatário.

Outro aspecto presente nas capas são as manchetes com foco no tema violência, típico dos jornais populares, que ainda apresentam algumas características do jornalismo sensacionalista. Conforme Angrimani (1995), o sensacionalismo está intimamente ligado ao homicídio, à morte e ao sangue derramando. Na Figura 5, no primeiro jornal, há o título: “Bagaceira em Periperi: briga de bar acaba em morte”; o segundo noticia: “Pânico na Garibaldi: perseguição, um morto e dois feridos”; e o terceiro destaca: “Terror em Paulo Afonso: banho de sangue – 4 mortos em 10h”. Notícias sobre morte, assassinato e tragédia sensibilizam, preocupam e atraem a atenção do leitor, sobretudo o das grandes cidades, que convive diariamente com dramas dessa natureza:

⁶ Dos 70 exemplares selecionados, registramos 31 com imagens de mulheres com pouca roupa e posições provocativas.

Figura 5 – Capas do jornal *Massa!* com manchetes sobre violência



Fonte: edições de 12 jan. 2015, 25 fev. 2015 e 11 mar. 2015, p. 1 (acervo digital).

Dalmonte e Ribeiro (2013, p. 7), analisando as capas do *Massa!*, verificam a organização das cores e das formas:

A capa do referido jornal assemelha-se a um mural, no qual as coisas são fixadas sem possuir, no entanto, regras de espaço ou hierarquização. As chamadas parecem ser coladas, remetendo a uma montagem sobre um fundo aparentemente azul, apesar de em algumas edições predominarem as cores vermelho e preto. Não há limite entre uma chamada e outra. Em alguns momentos, elementos de um componente invadem o espaço que seria de outro.

Essa sensação de que tudo acontece no mesmo espaço e ao mesmo tempo faz menção aos aspectos da rotina de vida do público pretendido pela publicação (DALMONTE; RIBEIRO, 2013, p. 7). Em relação às moradias, as classes C e D ocupam territorialmente os bairros mais distantes dos centros turísticos da capital baiana. São locais de difícil acesso, não raras vezes. As casas dispõem de poucos cômodos e mal há espaço entre uma residência e outra. São ambientes que fazem recordar, também, a existência dos famosos puxadinhos, a ideia de que sempre cabe mais um. “Esta construção social revela-se na capa do *Massa!* à medida que não há espaço entre as chamadas, no fato de não existir um posicionamento fixo da manchete e de demais chamadas” (DALMONTE; RIBEIRO, 2013, p. 7).

Para destacar ainda mais as peculiaridades do jornal *Massa!* enquanto publicação de caráter popular, contrastamos duas capas referentes a edições de uma mesma data, 02 de novembro de 2016, uma do *A Tarde*, considerado de segmento tradicional ou de referência, e uma do *Massa!*. Embora os dois jornais sejam produtos da mesma empresa de comunicação, podemos apontar muitas diferenças na linguagem de cada um, conforme mostra a figura 6:

Figura 6 – Capa do jornal *A Tarde* e capa do jornal *Massa!*



Fonte: *A Tarde* – edição de 02 nov. 2016 (acervo digital); *Massa!* – edição de 02 nov. 2016 (acervo digital).

De imediato, identificamos a quantidade reduzida de textos na capa do *Massa!* em relação à capa do *A Tarde*. Verificamos ainda, no *Massa!*, a predominância de cores fortes e a foto do rapaz ensanguentado (característica dos jornais sensacionalistas) com a manchete “Pé de Pranta sofre agressão”. Notamos a expressão de efeito irônico “sem graça nenhuma”, traço da linguagem coloquial menos monitorada, para intitular o ocorrido com o ator João Paulo de Oliveira – cujo personagem, “Pé de Pranta”, está “estourado na net” –, que sofrera uma agressão gratuita de um desconhecido. A lexia “estourado” se manifesta como neologismo semântico, adjetivando alguém que “faz muito sucesso”.

Outra expressão coloquial, “segure o bolso”, produz um efeito humorístico, buscando amenizar a preocupação do leitor em retirar do orçamento mais um gasto excedente, em alusão ao aumento de 4% no gás de cozinha. Trata-se de uma notícia que para o público dos jornais de referência não é tão importante quanto para o público do jornal popular, pois os leitores com maior poder aquisitivo procuram notícias sobre questões financeiras mais abrangentes, como o aumento do dólar, a inflação, entre outras.

Vemos também, no *Massa!*, a imagem da jornalista e apresentadora Fátima Bernardes, da Rede Globo, ilustrando a chamada “Fátima pega ar com Tatá Werneck” – esta última, uma atriz da mesma emissora. A gíria “pegar ar” significa “ficar chateado”. Em tom

de polêmica, a frase estimula a curiosidade do leitor que acompanha os programas televisivos globais e se interessam pela vida das pessoas famosas.

A capa do *A Tarde* traz, no lado esquerdo, chamadas escritas na linguagem padrão; Economia: “Receita arrecada R\$ 5,9 bilhões com repatriação”; Memória: “Reverência aos mortos atrai famílias aos cemitérios hoje”; Mensalidade: “Fiscalização de transporte escolar tem novo regulamento”; Oportunidade: “Grupo Boticário amplia oferta de emprego”; Música: “Caixa Guilherme Arantes celebra 40 anos de carreira do compositor”. A imagem de uma mulher em destaque pelo seu desempenho profissional acompanha a chamada esportiva “Emyly Lima é a 1ª a treinar a seleção feminina”. No lado direito, temos informação sobre a Câmara Municipal: “Neto defende candidatura única entre os aliados”, em referência ao prefeito da capital, ACM Neto. Há também os espaços Opinião/Artigos e Opinião/Leitor. As cores são claras, prevalecendo o azul para ressaltar algumas chamadas. Não ocorre o emprego da linguagem coloquial, de gírias ou frases de efeito irônico e humorístico. Os textos são escritos de modo claro e direto.

Os dois jornais têm em comum somente o fato de que informam a respeito do adiamento das provas do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), mas a escrita se dá de modo diferente. Na capa do *A Tarde*, existe um pequeno texto seguindo-se à chamada, informando, inclusive, as novas datas do exame. Já na capa do *Massa!*, nada além da chamada é apresentado.

Intuímos, desse modo, a partir de uma rápida leitura das capas das referidas publicações, que o leitor do *A Tarde* possui um nível maior de escolaridade, hábito de leitura e tempo livre dedicado à busca por informação, não se incomodando com a quantidade de textos sobre assuntos variados dispostos no jornal. Ao contrário, esse leitor procura esse tipo de periódico por corresponder aos seus anseios enquanto cidadão de classe média que julga importante se manter atento aos acontecimentos do Brasil e do mundo.

Em contrapartida, o leitor do *Massa!* representa a grande parte da população brasileira que não se ocupa da prática de leitura⁷, seja pela falta de tempo⁸ ou pela baixa escolaridade. Assim, a linguagem que prevalece vem das imagens chocantes, relativas à violência e ao erotismo, as cores são chamativas e as notícias são de leitura rápida. As

⁷ De acordo com dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 44% da população brasileira não lê e 30 % jamais comprou um livro (RODRIGUES, 2016, *online*).

⁸ Os moradores das periferias das grandes cidades geralmente despendem muito tempo no transporte público ou no trânsito, além de terem uma jornada de trabalho que varia de seis a oito horas por dia.

expressões cotidianas são apreciadas pelo público, que se identifica e vê sua variante linguística reconhecida e divulgada.

Nesse sentido, o *Massa!*, *corpus* escolhido para o levantamento e análise dos neologismos característicos do falar baiano, está em conformidade com os objetivos desta dissertação, pois cumpre, de fato, o compromisso dos jornais populares de apresentar, através da linguagem, o modo de vida de seu leitor-modelo, a classe menos privilegiada, os habitantes dos espaços populares da capital baiana. E, assim, revela-se um material de interesse para o estudo da mudança lexical dentro da vertente sociológica, que leva em consideração não apenas a estrutura das palavras, mas também o locutor e a sociedade em que essa mudança se processa.

3.1 JORNAL POPULAR

A preocupação com a produção cultural para as classes populares não é recente. Advém do século XVII, tendo se manifestado com a passagem da literatura oral para a escrita, do folclórico para o popular, como o *cordel*⁹ na Espanha e o *colportage*¹⁰ na França. Para Martin-Barbero (2008, p. 149), “[...] essas literaturas inauguram outra função para a linguagem: a daqueles que, sem saber escrever, sabem, contudo, ler. Escritura portanto paradoxal, escritura com estrutura oral”.

Desse modo, a popularização da informação tem origem da transição das literaturas orais para sua divulgação em meio impresso. Na Espanha, criou-se o *pliego*, uma ou mais folhas de papel dobradas, com impressão dos textos em colunas. A divulgação era feita em *cordel* nas praças. Nos *pliegos*, as ideias de divulgação do seu conteúdo eram destacadas, na intenção de facilitar sua compra: “Apresenta uma feitura na qual o título é reclame e

⁹ “[...] poesia popular impressa em folhetos e vendida em feiras ou praças [...], teve origem em Portugal, onde por volta do séc. XVII se popularizaram as *folhas volantes* (ou *folhas soltas*), que eram vendidas por cegos nas feiras, ruas, praças ou em romarias, presas a um cordel ou barbante, para facilitar sua exposição aos interessados. Nessas *folhas volantes*, de impressão rudimentar, registavam-se factos históricos, poesia, cenas de teatro [...], textos que eram memorizados e cantados pelos cegos que os vendiam [...], tiveram origem no grande caudal da Literatura Oral, tal como se arraigou na Península Ibérica, onde se formou o velho Romanceiro peninsular” (COELHO, 2010, *online*).

¹⁰ “Venda ambulante de impressos ‘em papel’, [...] contendo normalmente textos de literatura popular ou de circulação clandestina. Os *colporteurs* começaram por ser, no século XV, agentes dos primeiros impressores, encarregados de difundir as novas publicações pelas feiras da Europa. [...] Quando a venda de impressos passou a ser assumida por livreiros estabelecidos, a literatura de *colportage* tornou-se exclusivamente um produto económico, vendido por cegos e mendigos, presumivelmente destinado a responder a um gosto popular: constava de cartilhas, almanaques, calendários, estampas, orações, hagiografias, autos, novelas, relações, gazetas [...]” (MARQUILHAS, 2016, *online*).

motivação, publicidade; segue-se ao título um resumo que proporciona ao leitor as chaves do argumento ou as utilidades a que se presta, e uma gravura que explora já a ‘magia’ da imagem” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 151).

Segundo Martin-Barbero (2008), esse apelo simbólico das imagens e títulos representa os primeiros sinais do sensacionalismo. Na Figura 7, podemos visualizar dois exemplos de textos *pliegos* originais, com as características referidas:

Figura 7 – Exemplos de textos em *pliegos*



Fonte: Museo Internacional del Estudiante (2006, *online*); Biblioteca Virtual de Andalucía (2010, *online*).

Já na França, no início do século XVII, o resumo e a reescrita de romances, contos de fadas e calendários, entre outros selecionados por trabalhadores da gráfica de uma família de livreiros-editores na cidade de Troyes, resultariam numa produção de livretos com baixo custo, voltados ao grande público. As páginas eram de papel mais grosso e granuloso, mal costurados e recobertos por uma folha azul, que ficaria conhecida como “Bibliothèque Bleu” (MARTIN-BARBERO, 2008).

De acordo com Madrugá (2009), o jornalismo de caráter popular originou-se na Europa, no século XIX. Em virtude da Revolução Industrial, milhares de pessoas tiveram que se deslocar do campo para as cidades em busca de trabalho. Com o aumento de operários, os donos das fábricas precisaram contratar administradores, capatazes e técnicos que, por conta do cargo que exerciam, tinham de ser alfabetizados:

Com isso, os jornais antes voltados a burgueses e à vida social dos aristocratas (desde 1609, quando os primeiros jornais começaram a circular), mais adiante os periódicos teriam outro tipo de público, e com isso, um novo estilo de matérias seria necessário (MADRUGA, 2009, p. 18).

Então, em 1830, nascem os folhetins¹¹, com seu conteúdo voltado ao grande público recém-chegado do campo, pouco escolarizado e necessitado de informação para a nova vida na cidade. Ocorre, assim, a passagem definitiva da literatura para o jornalismo. Nesse percurso histórico, Madrugá (2009, p. 19) assinala:

Com o crescimento da publicidade (anúncios por palavras) e o aumento dos romances escritos, o espaço do folhetim nos jornais foi crescendo e, com isso, os jornais começaram a pensar no “grande público”, pensando no barateamento dos custos, graças à evolução da tecnologia com o advento da rotativa, nos idos de 1830.

A associação da estabilidade da informação com os romances e o valor acessível fez com que os folhetins se tornassem um sucesso de público, tornando-se, por consequência, duradouro. Além disso:

Entre a linguagem da notícia e a do folhetim há mais de uma corrente subterrânea que virá à tona ao se configurar aquela outra imprensa que, para ser diferenciada da “séria”, chama-se sensacionalista ou popular (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 188).

Tendo em vista o valor pejorativo que o termo “sensacionalista” alcança, designando apenas comoção, violência e sensualidade, ficando atrelado ao suposto “mau gosto” das classes com menor poder aquisitivo e pouca escolaridade, vale ressaltar que “[...] todo jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido e, conseqüentemente, alcançar boa tiragem” (AMARAL, 2006, p. 20).

O jornalismo popular tem procurado se diferenciar do sensacionalismo, tentando aproximar-se do leitor mediante a divulgação de prestação de serviços e entretenimento. A

¹¹ Termo português para o francês *feuilleton*, derivado de *feuille* (folha). Aplicava-se a um espaço regular inferior das páginas de jornais, preenchido sobretudo por longos romances publicados como séries, mas também por crítica literária, artigos humorísticos e até poesia, como é frequente no caso português. O romance publicado nestas condições adquiriu certas características, que determinaram o significado actual do adjectivo ‘folhetinesco’: o texto de cada número de jornal devia constituir um episódio ou lucubrações apresentadas de tal modo que, produzindo um efeito de suspense [...], levassem o leitor a querer ler o número seguinte (SOUSA, 2010, online).

cobertura de fatos jornalísticos ganha mais importância, embora não tanto quanto nos moldes do jornalismo de referência. Sobre isso, Amaral define (2006, p. 37):

Jornalismo popular é jornalismo com os mesmos fundamentos dos jornais de referência, apenas com uma mudança de linguagem, mais simples e didática. [...] Privilegia a cobertura de esporte, polícia, lazer (fococas) e serviço, temas que o diferenciam dos jornais de referência.

Além das adaptações de ordem comercial, surge um jornalismo direcionado especificamente para um público. Cabe à imprensa popular entender o mundo do leitor, seus hábitos, sua visão de mundo e, sobretudo, sua linguagem, a fim de adquirir a identificação com seu público-alvo. Com isso, precisa valorizar o cotidiano, o sentimento individual desse sujeito. Ou seja, os assuntos públicos passam a não ser prioridade e os fatos que viram notícia precisam ser simplificados ao extremo, aproximados do ambiente do leitor. Para Amaral (2004, p. 68), “[...] a imprensa popular é obrigada a conhecer bem o universo cultural de seu leitor, incluindo seus *habitus*, gostos e estilos”.

Conforme analisa Madruga (2009), o jornalismo popular baseado em pouco texto, privilegiando as imagens, parece querer se assemelhar à televisão, que não sobrevive sem o visual e atinge um público extenso. Com pouco texto e muita imagem, a leitura dos jornais torna-se mais rápida e compreensível.

Apesar de os jornais populares conquistarem audiência e espaço no mercado, ainda detêm pouca atenção das pesquisas universitárias: “[...] às publicações e aos programas dirigidos às camadas populares destinam-se muitas críticas, pouca análise e, conseqüentemente, quase nenhuma proposição” (AMARAL, 2004, p. 14).

A imprensa popular elabora um modo próprio de lidar com os conceitos de verdade, realidade e credibilidade. As pessoas leem jornais não só para se informar, como também pelo senso de pertencimento, pela necessidade de se sentirem partícipes da história cotidiana e poderem falar das mesmas coisas que todos falam. O ato de ler um jornal e de assistir a um programa também está associado a um ritual que reafirma cotidianamente a ligação das pessoas com o mundo (AMARAL, 2006).

Para Amaral (2006), o jornal popular de qualidade é aquele que: a) leva em consideração a posição econômica, social e cultural do leitor, falando, portanto, de determinado ponto de vista; b) expõe as necessidades individuais das pessoas, para servir como gancho àquelas de interesse público; c) representa as pessoas do povo de forma digna;

d) publica notícias de forma didática, sem perder seu contexto e sua profundidade; e) agrega o conceito de responsabilidade social; f) se aproxima do público pela adoção de elementos do universo cultural do leitor; g) é composto de notícias de interesse público, relatadas de maneira humanizada; h) busca ampliar o conhecimento do leitor sobre o mundo e substituir o ponto de vista individual pelo ponto de vista do cidadão ou da comunidade, sem se dirigir para o campo do mero entretenimento e do espetacular.

Por mais que o jornalismo popular tenha surgido ligado a interesses políticos e mantenha histórica relação com o entretenimento, Amaral (2006, p. 133-134) diz:

Um jornalismo popular de qualidade só será viável se souber construir seus contornos sem subordinar-se a determinados interesses mercadológicos ou políticos. Cabe ao jornalismo popular trabalhar com dispositivos de reconhecimento e dar conta de algumas características culturais de seus leitores, sem perder seus propósitos de vista.

Se, por um lado, as notícias do impresso popular são de entretenimento e parecem banais aos olhos dos jornais de referência, por outro lado, há a possibilidade de reverter esse quadro preconceituoso, envolvendo notícias de serviços sociais, entretenimento e violência em um processo que possa desenvolver o interesse do leitor de massa por assuntos mundiais e locais de relevância. Conforme explica Amaral (2004, p. 56): “O exercício da profissão jornalista é uma atividade de natureza social e de finalidade pública, e, portanto, é dever do jornalista divulgar todos os fatos que sejam relevantes e de interesse da sociedade”.

3.2 LINGUAGEM JORNALÍSTICA

O jornalismo configura-se como uma vertente de um grande mundo: o da comunicação. Podemos defini-lo, segundo Lopes (online), como um processo de transmissão de informação através da comunicação mediatizada, apoiada em valores como a atualidade, a novidade, a periodicidade, a difusão/recepção coletivas e o interesse do público. Trata-se de uma construção narrativa que tem por base a linguagem, a palavra, e que busca relatar a realidade, elegendo o que se julga ser relevante no debate social.

A imprensa não é um organismo autônomo, que escreve de si para si. Ela trabalha com a informação visando a um público-leitor que, enquanto receptor, também atua na notícia. Assim, a imprensa não age livremente, está submetida a uma técnica e sujeita a determinadas regras e gramática.

O jornalismo de informação que conhecemos hoje remonta ao século XIX, período da industrialização, da informação e da cultura:

Resumidamente, podemos afirmar que foi no século XIX que se assistiu ao desenvolvimento do primeiro mass media – a imprensa – e, conseqüentemente, à expansão dos periódicos, à ampliação das suas tiragens, à comercialização da imprensa – informação como mercadoria que visa o lucro; e ao crescimento e institucionalização de um novo grupo social – os jornalistas (LOPES, ONLINE).

Nesse momento, o jornalismo passa a ser visto como negócio lucrativo, e temos os dois processos que marcam a evolução da atividade jornalística: sua comercialização e a profissionalização de seus trabalhadores. Essa evolução está diretamente relacionada a vários fatores, como indica Lopes (online):

[...] económicos (como, por exemplo, desenvolvimento da economia de mercado, novas formas de financiamento, desenvolvimento da publicidade enquanto fonte de receitas), sociais (como, por exemplo, crescimento da população urbana, escolarização em massa, alfabetização das camadas populares, instituição de escolas públicas, urbanização, desenvolvimento de vias de comunicação terrestres e marítimas), políticos (como, por exemplo, desenvolvimento de governos democráticos – para Nelson Traquina, a relação entre jornalismo e democracia é simbiótica, a liberdade aparece como valor central –, conquista de direitos fundamentais, reconhecimento da liberdade e da democracia como conceitos basilares, reconhecimento da liberdade de imprensa) e industriais/tecnológicos (como, por exemplo, desenvolvimento dos correios e telecomunicações, domínio da técnica tipográfica e aperfeiçoamento das rotativas, rapidez de transmissão da informação ligada ao telégrafo, melhoria na reprodução de imagens – aperfeiçoamento da fotografia).

Com o advento do rádio e da televisão, os meios de comunicação se popularizaram: “Os jornais, a partir de então, tiveram acesso às massas e se tornaram tribunas de opinião popular” (CARVALHO, 1983, p. 53). A imprensa passou a exprimir a opinião pública, assumindo-se como meio de expressão, mas também como meio de denúncia frente ao poder instituído. Nesse sentido, o jornal configura-se como um meio confessional de grupo que o induz à participação comunitária. Pode alterar os acontecimentos, relatando-os na notícia ou deixando-os de lado: “Mas é a exposição comunitária diária de múltiplos itens em justaposição que confere ao jornal a sua complexa dimensão de interesse humano.” (MCLUHAN, 2007, p. 231). Ao passo que nos livros acessamos as aventuras mentais do autor, nas páginas do jornal desvendamos a história interna das comunidades em ação e interação.

Nessa época, o jornalismo também começou a ser identificado com valores como a busca pela verdade, a independência e a objetividade. A informação foi valorizada em detrimento da opinião, e o fazer jornalístico tornou-se orientado para o relato dos fatos de atualidade. “Desenvolvem-se nesse período novos gêneros jornalísticos (como a reportagem e a entrevista), diversificam-se temáticas, nasce o “repórter” e o jornalismo popular e sensacionalista” (LOPES, ONLINE).

As empresas maiores, mais complexas, mais burocráticas, apostaram na divisão do trabalho e das tarefas, promovendo a profissionalização com a organização de sindicatos e associações. No século XX, pois, a atenção dos jornalistas foi atraída por outros modelos:

[...] o modelo do especialista, que dispõe de uma competência técnica reconhecida [...]; ou o modelo do intelectual, esclarecendo a opinião pública através das suas tomadas de posição. Não existem dúvidas de que as figuras do escritor e do intelectual continuam, atualmente, a influenciar certos representantes da profissão (RIEFEL, 2003 apud LOPES ONLINE).

Logo, o jornalismo é mediação, mas também é processo de socialização, reprodução, legitimação, dominação e controle. Funciona como aparelho de produção e reprodução da ideologia dominante, como construtor da realidade através do discurso produzido (WOLF, 1987). É sistema produtivo de mensagens, caracterizado pela produção maciça e difusão rápida para um público vasto, heterogêneo, anônimo, disperso, com técnicas mais ou menos estereotipadas, dependentes de uma organização industrial.

McLuhan (2007) reflete sobre os mecanismos de ação e poder da imprensa nas diversas sociedades modernas. Segundo ele, os anúncios, classificados (e as cotações do mercado de títulos) constituem seu alicerce. Se em certo momento se encontrar outra fonte de fácil acesso para a obtenção diária dessas informações, a imprensa cerrará as portas. O autor ainda destaca como chefes políticos, governantes, utilizam essa dependência da imprensa para controlar as informações veiculadas e, conseqüentemente, a mente do seu povo:

Se a nossa imprensa é o principal serviço de entretenimento livre, pago pelos anunciantes que buscam aliciar leitores, a imprensa russa é *in tonto*, o modo básico de promoção industrial. Se utilizamos notícias políticas e pessoais como diversão, os russos as utilizam como meio de promoção da sua economia (MCLUHAN, 2007, p. 235).

A imprensa não exerce a mesma função na América e na Rússia, ou na França e na China. Quem imagina o contrário, de acordo com McLuhan (2007), não percebeu a natureza

do meio. O desconhecimento da natureza da imprensa em sua atuação latente ou subliminar é coisa tão comum entre os políticos como entre os cientistas políticos:

Por exemplo, na Rússia das tradições orais, tanto o Pravda como o Izvestia veiculam notícias nacionais, enquanto que os grandes temas internacionais chegam ao Ocidente pelas ondas da Rádio de Moscou. Na América das tradições visuais, compete ao rádio e à televisão a manipulação das estórias domésticas, ficando o tratamento formal dos assuntos internacionais a cargo da revista Time e do New York Times (MCLUHAN, 2007, p. 236).

Desse modo, a notícia enquanto produto a ser comercializado pode ser facilmente manipulada para fins, sobretudo, políticos. Sua linguagem influencia grandemente o imaginário popular, não obstante boa parte da população não considere o poder dos meios de comunicação e creiam em sua proposta de transparência e imparcialidade. McLuhan (2007, p. 236) exemplifica relatando a experiência de um amigo que, ao ensinar em algumas escolas do ensino médio algo sobre o meio em questão, se deparou com a incredulidade de todos: “Nenhum aluno podia aceitar a sugestão de que a imprensa ou qualquer outro meio de comunicação pública pudesse ser utilizado com intenções desonestas”.

Sendo assim, as pessoas absorvem as informações atendo-se ao conteúdo, mas não ao meio. Não é feita uma reflexão a respeito dos objetivos de quem escreve a notícia, nem sobre os critérios de seleção dos temas. A linguagem jornalística aparenta ser verdadeira e imparcial em seus discursos, pois não há confronto de ideias. Muitos só conhecem a realidade mais ampla pelos meios de comunicação de massa, os quais, quando geridos pelo poder público ou financiados pelo setor privado, são incentivados a direcionar o tratamento da mensagem a uma determinada ideologia que visa ao poder, ao controle dos sujeitos ou a interesses mais particulares (MCLUHAN, 2007).

Fica claro que é necessário ter conhecimento de que a linguagem jornalística sofre interferência do meio pelo qual é veiculada, ou seja, o meio constitui a mensagem (MCLUHAN, 2007). Do mesmo modo como a mídia pode contribuir para a promoção da cidadania e da conscientização popular, também pode transmitir notícias manipuladas ao grande público, que, por sua vez, elabora a realidade e se sente partícipe da história.

4 PROCESSOS NEOLÓGICOS NO JORNAL *MASSA!*

Pretendemos, nesta seção, apresentar de forma sistemática os neologismos detectados nos 70 exemplares do jornal *Massa!* publicados no período de 2 de janeiro¹² a 30 de março de 2015. Todavia, antes de iniciarmos a discussão sobre os mecanismos da língua que permitiram a formação de novas palavras, devemos pontuar o percurso metodológico, as principais dificuldades encontradas para a compreensão do fenômeno e as ferramentas que fundamentaram e possibilitaram esta pesquisa. Desse modo, apresentaremos o *corpus* de extração e o *corpus* de exclusão dos neologismos, trazendo também a análise quantitativa dos processos que exemplificam o percurso metodológico¹³.

Identificar um neologismo é uma tarefa complexa, que envolve um conjunto de fatores, a começar pelo conceito de neologia e pelo tratamento dado ao neologismo em si. A depender do caráter da obra e do período da sua publicação, identificamos abordagens significativamente distintas entre os linguistas. Mesmo em gramáticas normativas como as de Bechara (2009), Almeida (2009) e Nougé (2015), que pressupõem um padrão de conceituação, nos deparamos com explicações diferentes a respeito do tema.

Em Bechara (2009, p. 351), o fenômeno neológico é tratado brevemente na introdução do capítulo “Formação de palavras do ponto de vista constitucional”, antes da abordagem acerca dos processos de “revitalização do léxico” (BECHARA, 2009, p. 351). O autor sugere, de forma positiva, que a criação de palavras ocorre como resultado natural da renovação do léxico. Pontua, ainda, que os neologismos surgem em decorrência das atividades que nós, como falantes, desempenhamos em sociedade para suprir nossas necessidades culturais, científicas e comunicacionais.

Divergindo dessa visão social da língua e seguindo a vertente tradicional, Almeida (2009) versa a respeito do neologismo de modo mais sucinto e, em parte, depreciativo. O gramático designa o neologismo como um vício de linguagem quando usado de modo desnecessário, destacando-o como a palavra que surge pela necessidade de nomeação da ciência ou para uma melhor especificação no discurso. Segundo sua assertiva, a criação neológica deve-se restringir à elaboração de vocábulos técnico-científicos por profissionais

¹² Não se encontra disponível a edição do dia 1º de janeiro, nem impressa, nem no acervo digital para assinantes.

¹³ Convém mencionar que na seção 5, *Catálogo das lexias* – será apresentado um quadro com os vocábulos encontrados, seguidos da classificação gramatical, significado, análise linguística e as respectivas ocorrências, permitindo, assim, que estudantes e pesquisadores de outras regiões compreendam o sentido e o uso das novas lexias elencadas neste trabalho.

especializados, ou para uma maior precisão comunicativa determinada por falantes cultos da língua.

No trabalho de Nougé (2015), a observação sobre os neologismos ocorre no capítulo “Primeira parte”, na seção “Língua, linguagem, gramática”. Talvez por ter sido aluno de Almeida (2009), encontramos semelhanças entre os dois no que diz respeito ao tema. Sendo assim, Nougé (2015) assinala como justificável o uso do neologismo quando este atende à necessidade de significar novos conceitos não definidos por palavras já existentes. No entanto, quando o neologismo decorre do desconhecimento de vocábulos efetivos que designam antigas concepções, deve-se considerá-lo desnecessário.

As gramáticas normativas, em sua condição de manuais da língua, deveriam oferecer suporte para qualquer pesquisa linguística. Contudo, como podemos notar, se mostram ineficientes quanto à compreensão do fenômeno neológico.

Outra limitação das gramáticas ocorre em relação ao tratamento dos processos formadores de novos vocábulos. Nas obras citadas, encontramos os processos mais conhecidos como de derivação e composição, seguidos de listas de prefixos, sufixos e radicais mais produtivos no sistema, acompanhados por seus étimos e significados. No tópico referente à mudança semântica, são citadas figuras de linguagem como a metonímia, metáfora e sinédoque. Já a derivação regressiva, a abreviação, o cruzamento vocabular, as onomatopeias e as siglas, quando comentados, são caracterizados de maneira rápida, com exemplos que não abrangem a complexidade do fenômeno.

Sendo assim, para a realização deste estudo de natureza linguística, em que buscamos identificar as inovações lexicais no português mediante a seleção de dados atuais representativos do discurso informal de um segmento da população soteropolitana, foi de fundamental importância a contribuição dos professores/pesquisadores dedicados à linguística, à lexicologia e à morfologia. É preciso destacar os trabalhos de Guilbert (1975), Barbosa (1981), Alves (2007), Kehdi (2007), Carvalho (2012), Correia e Almeida (2012) e Gonçalves (2016) pela propriedade com que tratam do fenômeno neológico, fornecendo uma conceituação clara e ampla do tema, uma exposição detalhada da metodologia e análises apoiadas em *corpora* recentes.

As dificuldades que enfrentamos ao longo da pesquisa, no que tange à classificação dos processos de formação, à organização dos dados, aos aspectos morfológicos, gramaticais, semânticos e lexicológicos das lexias, puderam ser superadas mais rapidamente com este

aporte teórico. Ocorrências como a composição sintagmática, o cruzamento vocabular, a abreviação, a siglagem e a reduplicação foram mais bem observadas e esclarecidas.

Após o período de indagação, dúvidas e assimilação do fenômeno, seguimos para a recolha dos dados. O *corpus* de extração consta de 70 exemplares do jornal diário *Massa!*, correspondentes às edições dos meses de janeiro, fevereiro e março de 2015. A preferência por uma publicação jornalística de segmento popular decorre da concepção de língua aqui adotada.

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Admitimos a língua como a interface entre ser humano e o mundo. É através dela que compreendemos a realidade a partir dos processos de categorização, trocamos informações e fazemos permanecer, ao longo da história, crenças, tradições, valores e descobertas no seio da sociedade. Nesse sentido, Nougé (2015, p. 35, grifos do autor) sustenta:

Fosse o homem por natureza um animal solitário, bastar-lhe-ia pensar para ter notícia ou conhecimento intelectual das coisas. Mas não o é, senão que, *em decorrência de sua mesma natureza intelectual*, é também um animal POLÍTICO ou SOCIAL, razão por que seus conceitos, seus juízos, seus raciocínios – tudo isso mediante o qual ele conhece e compreende a realidade ou pode ordená-la na medida de suas possibilidades – não de ensinar-se ou manifestar-se aos demais ou aprender-se ou receber-se deles. Tal se dá mediante SIGNOS de tais concepções, de tais juízos, de tais raciocínios – São as PALAVRAS ORAIS, as PROPOSIÇÕES ORAIS, as ARGUMENTAÇÕES ORAIS, tudo isso que, precisamente, permite aos homens conviver entre si. Trata-se da necessidade da FALA, que resulta, assim, de uma *intenção* significativa e comunicativa.

Destacamos, pois, a importância da fala como elemento de comunicação entre o homem em sociedade. Uma vez que é social, a língua serve à coletividade, oferecendo regras e estruturas compartilhadas e aceitas pelos usuários de um determinado sistema linguístico. A fala é produção individual de enunciados em situações de comunicação, constituindo a primeira via de acesso à mudança.

Segundo Correia e Almeida (2012), o *corpus* para recolha dos neologismos é escolhido de acordo com o vocabulário que se pretenda estudar. Assim, tomando como base a concepção social do sistema linguístico, buscamos um *corpus* que possibilitasse a extração e

análise de termos neológicos, cujos resultados favorecessem as pesquisas dedicadas ao estudo da mudança lexical no presente momento.

O curso de mestrado teve início em março de 2015, de modo que optamos pelas publicações dos meses de janeiro a março do mesmo ano. Estas já se encontravam disponíveis para consulta, a qual foi iniciada em maio de 2015. A escolha por um texto jornalístico encontra respaldo, sobretudo, nas considerações de Correia e Almeida (2012, p. 26):

Normalmente, os estudos de neologia são feitos com base em *corpora* dos meios de comunicação social: jornais, revistas, emissões de rádio e/ou televisão (embora esses dados sejam menos usados, apenas porque sua transcrição é sempre morosa e dispendiosa). Por que essa seleção? Basicamente porque, por um lado, os meios de comunicação têm como principal objetivo dar conta do que é novo, novidade, notícia; por outro, porque as temáticas abordadas são o mais diversificadas possível, sendo maior a probabilidade de encontrar neologismos; finalmente, porque se trata de textos acessíveis com relativa facilidade.

Os exemplares do jornal *Massa!* são disponibilizados na versão impressa e eletrônica. Pesquisamos, inicialmente, os dados nos textos impressos. Depois, consultamos a versão eletrônica, a fim de colher as ilustrações.

Seguindo a proposta dos jornais populares, o *Massa!* apresenta termos coloquiais e palavras ainda não dicionarizadas, mas que podem ser verificados na fala dos seus leitores. Porém, como corpo da notícia geralmente é escrito na norma padrão e traz uma baixa ocorrência de neologismos, selecionamos para verificação dos termos neológicos apenas os enunciados dos títulos, manchetes e chamadas. A divisão adotada pode ser vista a seguir, nas Figuras 8 e 9:

Figura 8 – Elementos analisados no jornal *Massa!*



Fonte: edição de 16 mar. 2015, p. 1 (acervo digital).

Figura 9 – Estrutura interna do jornal *Massa*!

Fonte: edição de 15 jan. 2015, p.14 (acervo digital).

Após a constituição do *corpus* de extração, foi necessário definir o critério de identificação do caráter neológico dos dados recolhidos. Para essa atividade, consideramos o chamado critério psicológico ou sentimento neológico (ANTUNES, 2012), que se baseia na consciência de que uma palavra é nova. Segundo esse parâmetro, uma palavra é nova se for sentida pelos falantes como tal, fato que dependerá da regularidade e produtividade dos processos formativos e dos diferentes níveis de competência desses falantes. “Por se basear na avaliação de um sentimento de novidade este é um critério extremamente vago e arbitrário, pois o julgamento dos falantes diverge necessariamente” (ANTUNES, 2012 p. 57). O sentimento de novidade é útil, portanto, apenas no momento de selecionar os candidatos a neologismos, e não representa um critério objetivo e confiável para uma pesquisa que visa à análise de dados.

Em vista disso, surge a necessidade de um critério complementar. É empregado, então, o critério lexicográfico (CORREIA; ALMEIDA, 2012). Através dele, conseguimos atestar a neologicidade da unidade lexical, se esta não estiver catalogada em nenhum dos dicionários selecionados para a presente pesquisa.

Partindo desses pressupostos, selecionamos cinco dicionários, dois em versão impressa – Aurélio (2010) e Houaiss (2009), em suas edições mais atuais e suas respectivas versões eletrônicas atualizadas – e o Dicionário *Online* do Português (acessado via Internet):

- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, quinta edição, publicado em 2010 pela editora Positivo, conforme a nova ortografia. Contém as 3.000 palavras mais frequentes na língua escrita contemporânea, verbetes, locuções e definições. Vocábulos de diversas áreas do conhecimento. Trechos de frases que servem para auxiliar a compreensão do significado da palavra ou locução.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, primeira edição, publicado em 2009 pela editora Objetiva, conforme a nova ortografia. Consta de 442.000 entradas, locuções e acepções.
- Dicionário Aurélio Eletrônico 7.0 – Edição especial de 100 anos, 2012.
- Dicionário Houaiss Eletrônico 3.0 – Versão eletrônica, 2009.
- Dicionário *Online* do Português (Dicio.) – É um dicionário contemporâneo, composto por 380.000 palavras. Apresenta definição, classificação gramatical, etimologia, divisão silábica, plural, sinônimos, antônimos, transitividade verbal, conjugação de verbos e rimas. Contextualiza as definições com exemplos reais de uso da língua. Destaca também expressões idiomáticas, regionalismos, coloquialismos, estrangeirismos e neologismos.

A extração das palavras foi feita manualmente, sem o auxílio de programas computacionais, embora haja atualmente muitas pesquisas nesta área realizadas com a adoção de métodos semiautomáticos.

Para cada unidade, verificamos se a forma estava registrada, se a categoria gramatical era a mesma e se o significado detectado era o mesmo do registro lexicográfico. Somente as unidades que resistiram a essa avaliação foram consideradas neologismos. Por exemplo, a versão eletrônica do Aurélio não reconheceu o verbete “castramóvel”; no Houaiss eletrônico, não foi encontrada a unidade “baculejo”; e a palavra “pegador” apareceu no dicionário *online* Dicio, mas não com o sentido que vem apresentando popularmente nos últimos anos, em referência ao indivíduo que se relaciona sexual e afetivamente com muitas pessoas.

Na sequência, organizamos os neologismos em fichas. As informações imprescindíveis, que devem constar nas fichas neológicas, são: “[...] a forma lematizada do neologismo propriamente dito; o contexto em que aparece registrado; a fonte e a data (de

edição, [...] jornal, livro)” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 27). Além dessas informações, acrescentamos a significação, a classificação gramatical, a categoria morfossintática da palavra e os processos de formação (derivação, composição, empréstimo, etc). A Figura 10, abaixo, exemplifica como os dados foram distribuídos nas fichas:

Figura 10 – Ficha neológica

TERMO	CLASSE GRAMATICAL	DEFINIÇÃO	ANÁLISE LINGUÍSTICA
Contexto(s) de uso			

Após a organização das fichas neológicas em ordem alfabética, empreendemos a exploração e a análise quantitativa dos dados, começando pela classificação gramatical. Houve destaque para a composição sintagmática, fenômeno aparentemente desconhecido pelos gramáticos, abordado por alguns pesquisadores, mas que ainda não possui critérios para uma definição gramatical. Seus termos foram interpretados conforme o traço semântico que exercem na frase, modo pelo qual determinamos sua classificação, a saber: função substantiva, função adjetiva, função verbal e função adverbial.

A Figura 11, na folha seguinte, informa a distribuição dos neologismos encontrados de acordo com as quatro classes abertas do português, ou seja, os quatro grupos que permitem a formação de novas palavras (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio):

Figura 11 – Classificação gramatical dos neologismos

			TOTAL
SUBSTANTIVO	<i>Feminino</i>	42	154
	<i>Masculino</i>	111	
	<i>Função substantiva</i>	1	
	—	21	
ADJETIVO	<i>Função adjetiva</i>	1	1
VERBO	<i>Intransitivo</i>	6	19
	<i>Transitivo direto</i>	5	
	<i>Pronominal</i>	2	
	<i>Função verbal</i>	6	
	—	—	
ADVÉRBIO	<i>Locução adverbial</i>	8	8
			203

Esses dados revelam que 73,86% das palavras novas são substantivos, ou seja, há uma maior necessidade de elaborar novos vocábulos que designem eventos, situações, objetos ou fenômenos novos surgidos ou descobertos naquela comunidade. Em seguida, temos os adjetivos, com 10,83%, indicando a exigência na atribuição de caracterizações às situações percebidas por eles em sociedade. Depois, temos os verbos com uma pequena diferença de quantidade, representando 9,35% dos termos, indicando o aparecimento ou modificações nas ações da população. Por último, temos o advérbio, representado pela locução adverbial, com 3,94% das ocorrências, apontando, possivelmente, mudança na caracterização de ações ou comportamentos dos sujeitos.

No que concerne à classificação dos processos de formação dos neologismos identificados, é preciso destacar sua variabilidade, pois está sujeita à perspectiva teórica assumida. Sobre a importância e a dificuldade dessa etapa na pesquisa com neologismos, Antunes (2012, p. 116) diz:

No trabalho em neologia uma das tarefas que requer uma maior atenção e rigor é a classificação dos neologismos, pelo profundo conhecimento de lexicologia e morfologia que exige ao neologista e porque a assistemática de classificação compromete a validade e a representatividade das análises efetuadas.

Dessa maneira, fundamentamos a análise e determinamos os processos de formação dos neologismos com o apoio das reflexões propostas por Bechara (2009), Almeida (2009), Nougé (2016), Guilbert (1975), Barbosa (1981), Alves (2007), Kehdi (2007), Carvalho (1983; 2012), Correia e Almeida (2012) e Gonçalves (2016). Embora possamos notar diferenças quanto à nomenclatura e categorização dos processos de formação de novas lexias, buscamos em cada autor os conceitos que melhor se adequaram à interpretação das unidades neológicas examinadas. Não compete a este momento realizar um confronto de metodologias, pois estas advêm dos respectivos períodos de formação de cada pesquisador, cujas tipologias e classificações foram se modificando e se ampliando ao longo do tempo.

4.2 TIPOS DE NEOLOGISMO

O léxico das línguas permite a entrada de novas palavras no sistema com base em três mecanismos: “[...] a construção de palavras, recorrendo a regras da própria língua; a atribuição de novos significados a palavras já existentes; a importação de palavras de outras línguas” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 33). Assim, classificamos os dados encontrados em quatro tipos: a) neologismo formal, b) neologismos semânticos, c) neologismos por empréstimo, d) outros.

A novidade formal resulta da aplicação de regras de formação de palavras da gramática e inclui as potenciais formas reguladoras do sistema. Alguns autores, como Guilbert (1975) e Alves (2007), denominam neologia sintática os processos que utilizam a combinatória de elementos preexistentes na língua, já que a combinação dos elementos formadores não integra apenas o nível lexical, mas se refere também ao nível frástico:

[...] o acréscimo de sufixo pode alterar a classe gramatical da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásticos com valor de uma unidade lexical. (ALVES, 2007, p. 14).

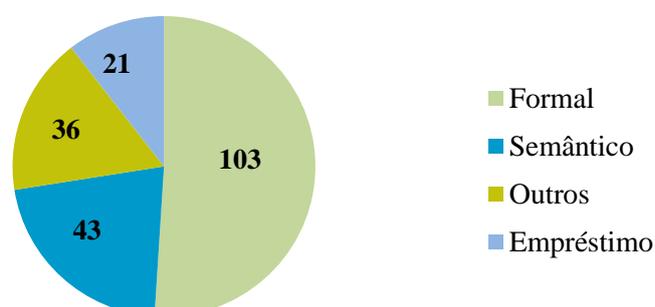
Esse tipo de novidade, portanto, é passível de verificação nas formas de significantes inéditos na língua, que integram os neologismos formados por: derivação afixal (prefixação, sufixação, parassíntese), composição (composição culta, hibridismo, composição verbo + nome, composição sintagmática, cruzamento vocabular), siglagem (acronímia e alfabetismo).

Os empréstimos apresentam novidade formal para a língua receptora. No entanto, vêm de um processo que consiste na transferência lexical de um elemento já formado, e não em criatividade gramatical (morfológica). Podem ser feitos entre línguas diferentes (empréstimo externo) ou de uma variedade para outra dentro de um mesmo sistema (empréstimo interno). Neste trabalho, adotamos a proposta de Alves (2007), que divide esse fenômeno em dois níveis: o estrangeirismo, quando a palavra nova mantém sua estrutura de origem e revela certo estranhamento aos receptores da mensagem, e o empréstimo, quando a palavra estrangeira é realmente incorporada à língua receptora, mediante adaptação gráfica, morfológica ou semântica. Embora possam ocorrer modificações na palavra, trata-se, originalmente, de uma operação de transferência lexical, e não de um procedimento de criatividade gramatical.

A novidade semântica se manifesta em todos os neologismos, mas os classificados como semânticos são exclusivamente aqueles que expressam um novo conteúdo a um significante já existente na língua considerada. Já o quarto tipo de neologismo, denominado “outros”, consiste numa classificação genérica que inclui os casos que não se integram a nenhum dos demais tipos, como o neologismo fonológico (recurso fonológico, onomatopeia), a abreviação, a derivação imprópria ou conversão, a derivação regressiva, a gíria e a reduplicação.

Os diferentes grandes tipos de neologismos detectados apresentam distribuição apresentada na Figura 12:

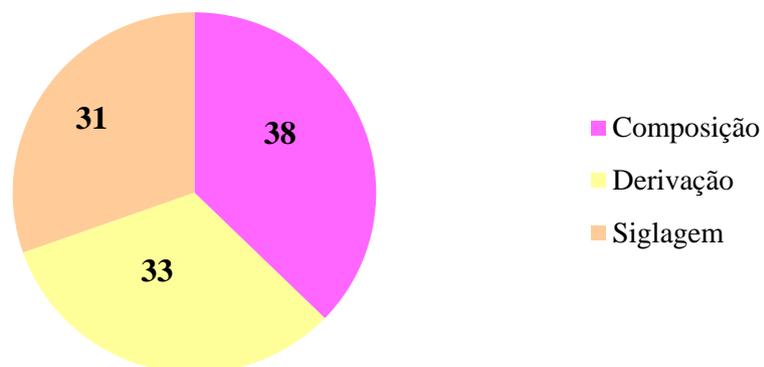
Figura 12 – Distribuição dos neologismos em grandes tipos



Verificamos que a criação de neologismos através de processos formais foi a mais produtiva das criações neológicas identificadas ao longo da pesquisa, tendo registrado 103 palavras, o que corresponde a 50,73% dos dados. Os neologismos semânticos apresentam 43 registros, aparecendo em segundo lugar, com 21,18%. Em seguida, temos a classificação “outros”, que compreende os processos de recurso fonológico, onomatopeia, abreviação, derivação imprópria ou conversão, derivação regressiva, gíria e reduplicação, os quais, juntos, somam 36 lexias, com 17,73%. Por último, com 21 ocorrências, ou 10,34% do total de neologismos, temos o empréstimo, compreendendo tanto o fenômeno do empréstimo propriamente dito, cujas palavras estrangeiras se encontram adaptadas ao português, quanto o estrangeirismo, cujas palavras estrangeiras estão ainda em fase inicial, não revelando mudanças quanto à forma e ao significado.

Se considerarmos apenas os processos formais teremos a seguinte distribuição, conforme a Figura 13:

Figura 13 – Distribuição dos neologismos formais



Dos processos formais, o mais frequente é a composição, por conta da quantidade de subprocessos – que veremos em detalhe mais adiante. Atingiu a criação de 38 palavras, correspondentes a 37,86%. Em seguida, temos a derivação, com 33 ocorrências, ou 32,03%. A siglagem vem depois, compreendendo os processos de acronímia e alfabetismo e apresentando 31 formações, o que corresponde a 25,24% do total de 102 palavras classificadas em sua formação por processos formais.

Mais detalhadamente, os quatro grandes tipos de neologismos detectados correspondem aos processos e subprocessos apresentados na Figura 14:

Figura 14 – Análise quantitativa dos processos e subprocessos de formação de palavras

				TOTAL
FORMAIS	Derivação	<i>Prefixação</i>	—	102
		<i>Sufixação</i>	33	
		<i>Parassíntese</i>	—	
	Composição	<i>Comp. Culta</i>	3	
		<i>Hibridismo</i>	2	
		<i>Comp. V+N</i>	1	
		<i>Sintagmação</i>	26	
		<i>Cruzamento vocabular</i>	6	
	Siglagem	<i>Acronímia</i>	19	
		<i>Alfabetismo</i>	12	
SEMÂNTICOS	—	—	44	44
EMPRÉSTIMO	—	<i>Empréstimo</i>	3	21
		<i>Estrangeirismo</i>	18	
OUTROS	Neologismo fonológico	<i>Recurso fonológico</i>	1	36
		<i>Onomatopeia</i>	4	
	—	<i>Abreviação</i>	22	
	—	<i>Conversão</i>	1	
	—	<i>Derivação regressiva</i>	2	
	—	<i>Reduplicação</i>	1	
	—	<i>Gíria</i>	5	
TOTAL GERAL				203

4.3 NEOLOGISMOS FONOLÓGICOS

Em geral, assim como em outras línguas, a criação de novas palavras no português ocorre através da associação de elementos preexistentes e, com base em um conjunto de regras disponíveis no sistema, partilhadas e interiorizadas pelos falantes. Contrastando com essa premissa, temos a neologia fonológica que se caracteriza, sobretudo, pela “[...] criação de

um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente” (ALVES, 2007, p. 11).

Assinalamos, no entanto, duas formas de manifestação desse fenômeno: a criação fonológica específica e a criação fonológica complementar (GUILBERT, 1975). A primeira abrange as criações *ex-nihilo* e as onomatopeias, e a segunda, como o próprio nome sugere, ocorre após a formação de um neologismo.

Ex-nihilo é uma expressão latina que significa “do nada”. Trata-se de um processo muito raro nas línguas, uma vez que pressupõe a geração de novas unidades sem a utilização de elementos já existentes, ou seja, o significante se manifesta de forma inédita na língua. A baixa ocorrência desse tipo de criação se deve ao próprio mecanismo de comunicação, que visa à eficácia da mensagem.

A língua possui um caráter social, de maneira que a formulação de uma lexia desvinculada de elementos mórficos conhecidos pelos usuários dificulta a interpretação semântica. “Um significante original, não-conforme ao sistema de uma língua, provavelmente não será decodificado e, nesse caso, a comunicação não será efetuada” (ALVES, 2007, p. 10).

A raridade do processo *ex-nihilo* também se justifica pela perspectiva motivacional da criação. Segundo Correia e Almeida (2012), levando em consideração o funcionamento da memória lexical, constatamos que no léxico mental as palavras se encontram armazenadas, estabelecendo entre si relações semânticas, morfológicas, combinatórias e referenciais. Assim, fica claro o papel da motivação na formação de novas unidades.

Desconsiderando a motivação, teríamos dificuldade no armazenamento de informações e no processamento das palavras. Por isso, o processo em questão contraria os princípios básicos do funcionamento psicológico e neurológico da linguagem. Em relação à preferência dos locutores pela criação a partir de modelos já existentes no sistema, Guilbert (1975, p. 61) corrobora:

Les locuteurs qui créent de nouveaux mots éprouvent le besoin de s'appuyer sur des formes linguistiques antérieures, sur un matériel linguistique disponible dans leur propre langue, ou emprunté à une langue mère. Cette filiation est ressentie comme un besoin pour contrôler le mécanisme créateur et réduire la part de l'invention; c'est une sécurisation pour le locuteur et la communauté.¹⁴

¹⁴ Os locutores que criam novas palavras sentem a necessidade de recorrer a formas linguísticas anteriores, um material linguístico disponível em sua própria língua ou emprestado a sua língua materna. Esta relação é percebida como uma necessidade de controlar o processo criativo e reduzir em parte a invenção; é uma garantia para o locutor e para a comunidade. [Tradução minha].

A criação fonológica complementar se manifesta quando após um processo morfológico como a derivação, a composição e outros, a nova palavra sofre modificações em sua estrutura fonológica, com adição ou subtração de elementos. Trata-se de um complemento de um processo anterior. Como afirma Guilbert (1975, p. 63): “Le second aspect de la création de caracteres phonologique apparaît quand elle intervient comme complément ou conséquence d’une autre mode de création, à partir de morphèmes déjà existants dans la langue; on peut le qualifier de morpho-phonologique.”¹⁵.

A mutação fonológica complementar também é observada nos casos de empréstimos, sucedendo-os, como no exemplo *abat-jour* = “abajur”, de transformação fonético-fonológica. Outro exemplo consiste em “[...] quando uma sigla passa da sequência gráfica à sequência fonológica coesa, sentida como uma lexia pelo falante. É o caso, por exemplo, de USP, que é realizada como /uspi/, e raramente, como /u. s. p./” (BARBOSA, 1981, p. 188). A transformação fonológica pode ser resultado, ainda, de uma derivação regressiva, como nos exemplos “pornô” (pornografia) e “fono” (fonoaudiologia).

Como a mutação fonológica complementar é um recurso secundário, consequente a um processo morfológico, optamos por priorizar na análise dos dados as ocorrências dos processos principais que originaram as lexias. Ainda assim, o recurso fonológico (ALVES, 2007), que tem por intuito provocar alterações no item lexical, foi constatado em um dos casos e será apresentado mais adiante.

4.3.1 Criação onomatopaica

As onomatopeias fazem parte da criação fonológica específica, estando calcadas em significantes inéditos. São palavras que, em sua mesma configuração sonora, buscam reproduzir ou o som ou o ruído feito por aquilo que nomeiam, o que impossibilita que o seu significante seja imotivado. São signos convencionais, e não naturais, tendo em vista as diferentes onomatopeias que designam um som produzido pelo mesmo animal. Essa variação pode se dar em uma mesma língua ou em línguas diferentes. Por exemplo, “[...] em português brasileiro o cachorro faz **au-au**, enquanto no português de Portugal o cão faz **ão-ão** ou **béu-béu**” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 35, grifo nosso), “[...] o zumbido é representado em português por **zum** e em inglês por **zoom**” (CARVALHO, 1983, p. 45, grifo nosso).

¹⁵ O segundo aspecto da criação de palavras fonológicas aparece quando intervém como complemento ou consequência de outro processo de criação, a partir de morfemas existentes na língua; pode ser descrito como morfo-fonológico. [Tradução minha].

Na pesquisa, detectamos a utilização desse recurso com o aparecimento de 4 palavras formadas por esse processo: “dindim” (dinheiro), “mimimi” (lamúria), “nheco-nheco” e “tchuco no tchaco” (relação sexual) representam 1,97% do total dos dados. A intenção do jornal, ao utilizá-lo, é fazer transparecer certa intimidade com o leitor, dando um clima de conversa informal.

4.3.2 Recurso fonológico

No âmbito da neologia fonológica, que constitui um mecanismo de criação de palavras extremamente raro, Alves (2007) apresenta alguns recursos fonológicos, que se realizam através de mutações e podem provocar alterações no item lexical. É assim que explica, por exemplo, a formação do neologismo “Baê”, derivado da lexia “Bahia”, que designa não apenas uma das unidades federativas brasileiras, mas, neste caso, se refere ao tradicional clube de futebol da capital baiana.

A mudança se manifestou primeiro na fala dos torcedores do time, denotando uma manifestação de aproximação e afeto, e agora se nota também na grafia. O registro no jornal impresso indica tratar-se de uma criação aceita e difundida entre os locutores baianos, dado o número considerável de ocorrências nos exemplares pesquisados.

4.4 FORMAÇÃO POR DERIVAÇÃO

A definição do processo de derivação nas gramáticas em geral é bem sucinta. Bechara (2009, p. 357), por exemplo, assinala apenas que a “[...] derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos”.

Carvalho (1983), por sua vez, define a derivação como um dos mecanismos de ampliação do léxico que consiste na associação de um morfema lexical a um morfema gramatical derivacional, resultando em um signo novo (significante e significado). Já para Kehdi (2007), esse processo ocorre quando um vocábulo formado por apenas um radical recebe a influência de afixos (prefixos e sufixos). Assim, a palavra derivada é aquela que se constitui de uma base e um afixo.

Contudo, há autores que discordam quanto à prefixação ser uma derivação de palavras, colocando-a no tema da composição. Tanto Almeida (2009) quanto Nougé (2005) o fazem em suas gramáticas, apoiados em Ali (1964, p. 65), que, em sua *Gramática histórica*,

não considera bem demarcada a linha entre derivação prefixal e composição: “[...] os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras”. A derivação prefixal seria, pois, um mecanismo de composição. Essa visão se baseia no fato de que os morfemas que participam do processo de prefixação, em grande parte, são de origem prepositiva ou adverbial, podendo ou não ter vida própria na língua atual como preposições ou como advérbios. São elementos que contam com radical e, por isso, se diferenciam da derivação. Os referidos gramáticos admitem como derivação a sufixação, também chamada por eles de derivação própria, a derivação regressiva e a derivação imprópria (conversão).

Neste trabalho, adotamos a classificação apresentada por Correia e Almeida (2012), por corresponder à abordagem mais abrangente sobre a derivação. As autoras dissertam sobre a derivação afixal (prefixação, sufixação, parassíntese) e a derivação não afixal (derivação regressiva, derivação imprópria).

Para a formação de palavras, há sempre uma preferência pela seleção de formas linguísticas já existentes no sistema da língua. Segundo Carvalho (1985), isso advém da intenção do falante de controlar o mecanismo criador e reduzir em partes a invenção. Revela uma busca pela simplificação dos dados que serão armazenados na memória lexical, constituindo uma segurança para o falante e a comunidade. Nos casos em que a língua não fornece elementos para essa formação, recorre-se, sobretudo, ao grego e ao latim.

Desses processos, o mais produtivo neste trabalho foi a derivação sufixal, com 33 ocorrências. Não obtivemos neologismos formados por derivação prefixal e derivação parassintética. Quanto à derivação imprópria (conversão), constatamos uma ocorrência, e registramos duas palavras formadas pelo processo de derivação regressiva.

Segundo Correia e Almeida (2012, p. 38): “A derivação é aparentemente o processo mais disponível para a construção de palavras, não apenas na língua portuguesa, como nas línguas românicas”. Porém, neste estudo, observamos que o fenômeno mais produtivo de todos foi a neologia semântica, ficando a derivação em segundo lugar.

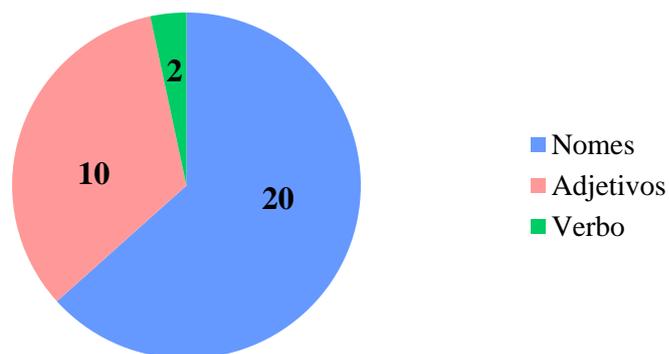
4.4.1 Derivação sufixal

O neologismo formado por sufixação caracteriza-se pela junção de um sufixo a um radical, como nos casos de “beijaço”, “faxinaço” e “cornitude”. O afixo chamado de sufixo é o que vem posposto ao radical de uma palavra. Pode ser derivacional, quando serve para a

formação de palavras, ou flexional, quando serve para a flexão. Na língua portuguesa, os sufixos lexicais servem principalmente para acrescentar a um termo a ideia de grau e a de aspecto, ou para transpor uma palavra de uma classe para outra. “Quanto à origem, os sufixos portugueses podem ser latinos, gregos, gregos latinizados e de formação romana” (CARVALHO, 1983, p. 79).

Em termos de distribuição, os neologismos derivados por sufixação são majoritariamente substantivos, (66,6%), seguidos de adjetivos (33,3%) e verbos (6,66%). Tendo em conta o carácter aberto das classes gramaticais, esses valores não apresentam qualquer tipo de surpresa relativamente à categoria gramatical que apresentam. Vejamos a Figura 15:

Figura 15 – Classe gramatical dos neologismos derivados por sufixação



Enquanto os prefixos não contribuem para mudança de classe gramatical do radical a que se ligam, os sufixos, pelo contrário, atribuem à palavra-base à qual se associa uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical. A partir dos dados levantados, constatamos que a mudança de classe, recurso motivador da derivação, se destacou com 18 ocorrências contra 12 neologismos sem mudança de classe. Os dados referentes à sufixação foram agrupados de modo que ficasse clara a análise quantitativa das palavras, bem como suas respectivas formações com e sem mudança de classe.

Na Figura 16, estão descritas as formações neológicas com mudança de classe. As lexias foram separadas pela relação entre a classe de origem das bases e a classe à qual se enquadrou a nova palavra no contexto de uso. Logo depois, a Figura 17 apresenta as formações neológicas sem mudança de classe:

Figura 16 – Relação das lexias com mudança de classe

				TOTAL
SUBSTANTIVOS	Base verbal	Sofrência, baculejo	2	5
	Base adjetiva	Cornitude, extrinha, novinho,	3	
ADJETIVOS	Base verbal	—		11
	Base substantiva	Axezeira, corneiteira, avionado, belzeiro, comancheira, comancheiro, funkeiro, funkeira, jihadista, neymarzete, segundona	11	
VERBOS	Base substantiva	bombar, trambar	2	2
	Base adjetiva	—		
TOTAL GERAL				19

Figura 17 – Relação das lexias sem mudança de classe

		TOTAL
-ão	baianão, cariocão, fogão, nordestão, petrolão.	5
-aço	apitaço, beijaço, faxinaço, showzaço	4
-inho	esquadrãozinho, leãozinho, rolezinho.	3
TOTAL GERAL		12

As 12 construções com os afixos indicativos de diminutivo (“-inho”) e aumentativo (“-ão”, “-aço”) são dignas de atenção por se tratarem de palavras formadas a partir da lexicalização de formas flexionadas. Correia e Almeida (2012) assinalam que a lexicalização

é um conceito polissêmico, referindo-se a um processo pelo qual determinadas unidades construídas em outros componentes da gramática, seja sintático, morfológico ou discursivo, se transformam em unidades lexicais.

Assim, temos, por exemplo, a lexia “Baianão”, que nomeia o campeonato de futebol disputado exclusivamente por times do estado da Bahia. Há também a lexia “Fogão”, referente ao time carioca de futebol Botafogo, assim como “Esquadrãozinho” se refere à seleção sub-20 do clube de futebol Bahia. Essas formações não revelam valor de aumentativo, diminutivo ou pejorativo, contudo lhe conferem um significado lexical que designa um outro referente.

4.4.2 Derivação imprópria

Os neologismos formados por conversão – também denominada derivação imprópria – são os que se constituem a partir de uma mudança de categoria gramatical de uma unidade lexical já atestada, sem modificação formal, ou seja, sem a intervenção de afixos derivacionais.

Nesta pesquisa, detectamos apenas um neologismo formado a partir desse processo: o substantivo “sonrisal”, que se adjetiva no título de uma das notícias, “Asfalto sonrisal”, e passa a representar um caso de adjetivação denominal em ironia ao asfalto repleto de buracos no bairro soteropolitano de Vista Alegre.

4.4.3 Derivação regressiva

Na derivação regressiva, ocorre o exato oposto do que se dá na derivação flexional: o vocábulo derivado resulta não da ampliação do derivante, mas de sua redução por subtração de um segmento qualquer de seu final, que não se trata necessariamente de um afixo. Basílio (2000) defende que esta distinção é fundamental, pois, se tivéssemos a supressão de um afixo, teríamos apenas a operação reversa a um caso de derivação normal, cuja base já estaria dicionarizada. Sendo assim, a derivação regressiva não é sinônimo de remoção de afixos. Para que se efetive, uma nova palavra deve surgir como consequência da redução de segmentos finais de um vocábulo preexistente na língua.

Pela derivação regressiva, muitos substantivos são formados a partir de verbos: é a também chamada derivação deverbal. Identificamos entre os dados elencados 2 exemplos

disso: “baratino” e “esquente” constituem substantivações dos verbos “baratinar” e “esquentar”, formadas pelo acréscimo das vogais “-o” e “-e”.

Nougé (2015, p. 187) observa que os “[...] substantivos deverbiais nomeiam alguma ação despida dos acidentes de modo e de tempo, de número e de pessoa, próprios do verbo”. Essa afirmação pode ser corroborada pelos exemplos acima, em que os significados dos substantivos deverbiais “baratino” (ludibriar, enganar) e “esquente” (fase preparatória para um evento) estabelecem relação semântica com os verbos de origem – “baratinar” (convencer com engodo, com lábia) e “esquentar” (fazer ficar ou ficar mais animado, movimentado).

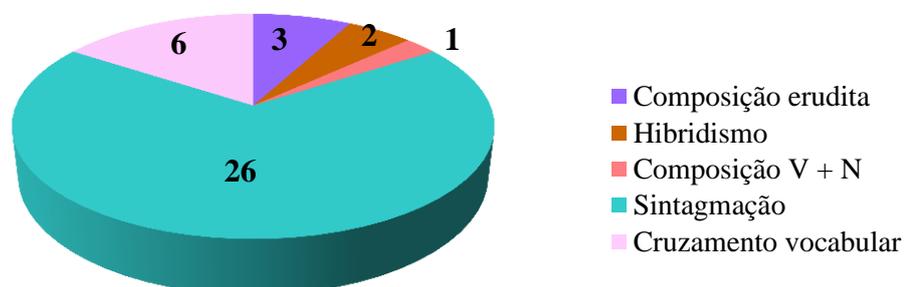
4.5 COMPOSIÇÃO

Produtivo na língua portuguesa, o processo de composição consiste na criação de uma nova unidade lexical a partir da combinação de vocábulos para representar uma ideia distinta das emitidas pelos termos do composto se observados isoladamente. Em outras palavras, no processo de composição, dois ou mais itens lexicais se associam para formar uma nova palavra com significado livre e constante, ligado a um novo referente.

Foram registrados 38 neologismos correspondentes à formação por composição, representando 19,21% dos neologismos elencados. Neste trabalho, optamos por uma abordagem que incluísse todas as formações de palavras que se manifestassem a partir da união de radicais, ou seja, processos vistos como semelhantes à composição clássica foram aqui encaixados com a intenção de proporcionar uma abordagem diferente da realizada pelas gramáticas normativas e destacar os processos ditos marginalizados ou pouco produtivos como importantes para a inovação na língua.

Nesse sentido, a composição aqui descrita inclui os processos de composição culta, hibridismo, composição V (verbo) + N (nome), cruzamento vocabular e composição sintagmática. Embora não seja descrita pelas gramáticas normativas, a composição sintagmática obteve maior índice de aparecimento, com 26 ocorrências, como mostra a Figura 18:

Figura 18 – Distribuição dos processos de composição



Nas gramáticas tradicionais, em geral, o tratamento do processo da composição é reservado apenas à distinção entre os fenômenos de justaposição e aglutinação, seguidos das listas de radicais gregos e latinos, cujos significados são de antemão definidos e determinados pelo seu étimo. Contudo, ao verificarmos as palavras compostas identificadas no *corpus*, percebemos que nem todas as ocorrências se encaixam na abordagem e nos exemplos dispostos nas gramáticas. Houve a necessidade de buscar explicações para diversas formações em obras de professores e pesquisadores que se ocupam, sobretudo, do estudo dos neologismos, cujos estudos se mostram atualizados e atentos às mudanças de formações de palavras no português.

Na tentativa de contemplar as formações que ultrapassam a barreira da generalidade proposta pelos manuais da língua portuguesa, apresentaremos os dados referentes aos processos de composição.

4.5.1 Composição erudita

Correia e Almeida (2012) separam a composição em dois processos: a composição morfológica e a composição morfossintática. A composição morfológica, segundo as autoras, também é comumente mencionada como composição neoclássica ou erudita. É um recurso “[...] consiste na construção de palavras compostas a partir de unidades infralexicaais de significado lexical, unidades não autônomas” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 52). Essas unidades, em geral, são raízes gregas e latinas já adaptadas ao sistema fonológico do português. Quanto ao segundo elemento da composição, este pode ser uma palavra autônoma.

Em nossa pesquisa, encontramos três exemplos desse tipo de formação, com os seguintes radicais gregos: *dromo* (corrida) = “afródromo”, *ciclo* (círculo) = “ciclofaixa” e *mega* (grande) = “megaliquidação”.

4.5.2 Híbridismo

Os neologismos são híbridos quando formados por elementos de idiomas diferentes. Segundo Bechara (2009, p. 372): “São mais comuns os híbridismos constituídos da combinação do elemento grego com outro latino ou românico”.

No entanto os dois exemplos de compostos formados por bases estrangeiras ao português encontrados nesta pesquisa foram de origem inglesa: *high* (alto) = “highsexual” e *night* (noite) = “vale nigh”.

4.5.3 Composição V + N

Um dos neologismos encontrados no jornal foi a lexia “lava-jato”, formada pelo processo de justaposição, constituída por uma base verbal associada a um substantivo. Correia e Almeida (2012) caracterizam essa formação como uma composição morfossintática, pois, além das propriedades morfológicas, conjuga propriedades de estruturas sintáticas. Pontuam também que a estrutura V + N exibe forma verbal flexionada, como nos exemplos “tira-teimas, lava-louça(s), saca-rolhas e porta-malas” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 55). Assim também ocorre com a lexia registrada na pesquisa, cujo plural se manifesta da mesma forma; “lava-jatos”.

4.5.4 Composição sintagmática

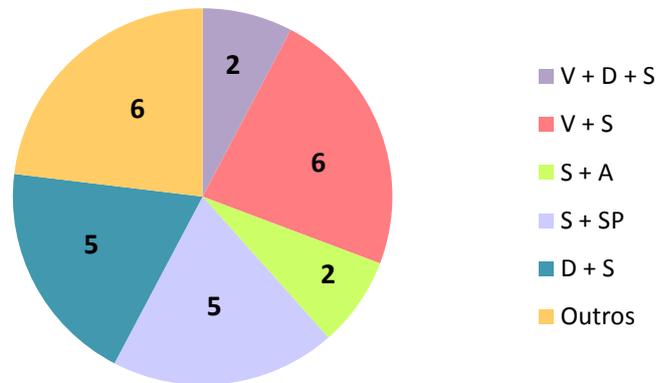
Alves (2007, p. 50) explica que a composição sintagmática se manifesta “[...] quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quando semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica” Assim, os compostos sintagmáticos são constituídos por uma estrutura sintática lexicalizada, como em “abrir o gás”, “erva do diabo”, “rabo de foguete” e “pegar ar”.

No jornal *Massa!*, foram identificados 26 neologismos formados pelo processo de composição sintagmática. De acordo com a estrutura, temos os seguintes neologismos:

- Verbo + Determinante + Substantivo: “abrir o gás”, “abrir os trabalhos”.
- Verbo + Substantivo: “botar fé”, “botar pilha”, “levar bala”, “levar chumbo”, “levar ferro”, “pegar ar”.
- Substantivo + Adjetivo: “chumbo grosso”, “coisa maligna”.
- Substantivo + Sintagma Preposicional: “erva do diabo”, “esquadrão de aço”, “rabo de foguete”, “toca do leão”, “pau de *selfie*”.
- Determinante + Substantivo: “na boa”, “na bruxa”, “na cocó”, “no pau”, “na cola”.
- Outros: “cheio de bala”, “de boa”, “de graça”, “se ligar”, “pire aí”, “se picar”.

Tendo em conta estrutura interna dos neologismos registrados, podemos observar sua distribuição na Figura 19:

Figura 19 – Distribuição dos neologismos de acordo com a estrutura interna



Em certas estruturas, o processo de sintagmação pode ser confundido com o de composição tradicional. Por isso, Alves (2007) apresenta algumas diferenças que ajudam a identificá-los. Segundo esta autora, a ordem de apresentação da unidade sintagmática é sempre a do determinado seguido de determinante, o que nem sempre se verifica no elemento composto. O item léxico composto pode obedecer a regras próprias quanto à flexão de gênero e de número. Já os membros integrantes do composto sintagmático conservam as peculiaridades flexionais de suas categorias de origem. Outro aspecto é o fato de a unidade lexical sintagmática se encontrar ainda em vias de lexicalização, razão pela qual não costuma ser unida por hífen.

4.5.5 Cruzamento vocabular

Os neologismos formados pelo processo de cruzamento vocabular (CV) – também denominado palavra-valise por Alves (2007), combinação por Bechara (2009) e amálgama por Correia e Almeida (2012) – se assemelham à composição clássica. Entretanto, apresentam a peculiaridade em seus constituintes, que não são morfemas plenos, mas partes de palavras. De acordo com Andrade (2016), o cruzamento vocabular se manifesta com a fusão de duas palavras, pertencentes ou não à mesma classe gramatical, em um todo fonético, com um único acento, se assemelhando a um composto formado por aglutinação, mas sem perder, contudo, os traços semânticos das formas de base que lhe deram origem. Alves (2007, p. 69) diz, também a respeito do CV: “[...] se manifesta um tipo de redução, duas bases ou apenas uma delas, são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico”.

Segundo Sandmann (1990, p. 59), o “[...] traço que caracteriza muitos cruzamentos vocabulares é a sua especificidade semântica, sendo que esta é depreciativa, às mais das vezes, e com pitadas de ironia”. Mas, ao analisarmos os dados deste trabalho classificados como CV, percebemos que não houve conotação depreciativa e irônica, mas sim humorística, com a intenção de divertir o leitor. Para uma explicação mais ampla, podemos afirmar que os CVs “[...] funcionam como expressões indicativas de intenções, sentimentos e atitudes do falante em relação ao seu discurso” (ANDRADE, 2016, p. 35).

Bechara (2009) apresenta esse fenômeno na parte destinada a outros processos de formação de palavras, porém, ainda assim, o coloca como um caso especial de composição em que uma nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos. Correia e Almeida (2012) explicam brevemente o processo, pontuando que as amálgamas são unidades constituídas por partes de outras palavras que se juntam formando uma nova lexia, cuja ocorrência é frequente na linguagem literária e publicitária. Sandmann (1990, p. 60) concorda que esse tipo de processo ajuda a renovar o inventário lexical com neologismos que muitas vezes são posteriormente introduzidos nos dicionários, como “futevôlei, portunhol e sacolé”.

Na pesquisa, registramos seis palavras identificadas pelo processo de cruzamento vocabular: “abadá” + “abraço” = “abadabraço”; “arrocha” + “sertanejo” = “arrochanejo”, “Beatles” + “maníacos” = “beatlemaníacos”; “castração” + “automóvel” = “castramóvel”; “pagode” + “funk” = “pagofunk”; “tricolor” + “leaders” = “tricoleaders”.

4.6 NEOLOGIA SEMÂNTICA

A neologia semântica é um dos processos mais produtivos de inovação vocabular. Consiste na aquisição de novos significados por parte de palavras já existentes, de maneira que a novidade se dá no significado, e não na estrutura do significante. “Qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento” (ALVES, 2007, p. 62). Isso acontece porque as palavras estão armazenadas em nossa mente com diversos significados que se realizam no momento de uso, existindo independentemente do contexto, mas podendo se atualizar somente no discurso.

A criação semântica não acontece de maneira aleatória, visto que é o resultado da atividade linguística consciente de um falante dentro de um sistema linguístico e sua difusão depende das condições de comunicação dentro de um contexto sociolinguístico. Além da

criatividade, atua nesse fenômeno o recurso da economia linguística, por meio do qual o falante busca armazenar o menor número de estruturas na memória lexical, podendo adequá-las apenas ao contexto comunicativo. Sobre essa relação, Carvalho (1983, p. 59) afirma:

A economia linguística, da qual resulta o neologismo conceptual, é a busca permanente de equilíbrio entre necessidades contraditórias que é preciso satisfazer: necessidades comunicativas por um lado, inércia memorial e articulatória por outro, estas últimas em permanente conflito e que afastam qualquer inovação demasiado evidente.

A neologia semântica é difícil de identificar, pois se trata de um processo de criação lexical muito fértil e que, ao mesmo tempo, não apresenta qualquer evidência formal de uma modificação de sentido – esta costuma se dar de maneira lenta e quase imperceptível. Em muitos casos, o neologismo semântico confunde-se com a gíria, que normalmente toma palavras da língua comum mudando-lhes o significado. Por isso, é necessário identificar os neologismos mediante o contexto em que ocorrem e comprovar a alteração de sentido nas obras lexicográficas ou *corpora* de exclusão.

Nougué (2016) explica que é pela aquisição de novos significados análogos ou contíguos, que as palavras vão-se adequando ao esforço mental de representar a realidade em seus múltiplos aspectos e em suas múltiplas interrelações. Nesse sentido, são muitas as maneiras pelas quais as palavras adquirem novos significados e se tornam, assim, polissêmicas. Os principais são a metonímia e a metáfora.

Bechara (2009, p. 397) designa a metáfora como uma “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes, mas pela combinação se percebem também como assimilados.” Para Nougué (2016, p. 191), a metáfora é a “[...] designação de coisa ou qualidade mediante palavra significativa originalmente de outra coisa ou de outra qualidade que, todavia, podem ter com aquelas certas relações análogas.”

Assim, temos a lexia “bombar” dicionarizada com o significado de “notícia ou fato que causa impacto”, no *corpus* tal palavra aparece com o sentido de “fazer sucesso”. Outro exemplo é a lexia “atropelar” dicionarizada com o significado de “colidir, passar por cima”, no periódico tal palavra aparece no caderno de esportes designando um time de futebol que “vence a partida de forma arrasadora”.

A metonímia, segundo Nougué (2016), se reduz à metáfora. Mas enquanto esta se dá por relação ou comparação analógica, a metonímia dá-se mais propriamente em razão de

contiguidade semântica. Para Bechara (2009, p. 398), a metonímia é “translação de significados pela proximidade de ideias.”

Os exemplos mais correntes de tal processo se dá no campo semântico do esporte em que temos as lexias “leão”, “bode”, “galo”, “urubu”, entre outras, as quais se referem originalmente aos mascotes dos seus respectivos times de futebol. No entanto, verifica-se no jornal o uso de tais vocábulos em substituição aos nomes dos times, a saber: Esporte Clube Vitória, Esporte Clube Primeiro Passo Vitória da Conquista’, Clube de futebol ‘Atlético Mineiro’, Club de Regatas do Flamengo.

Assim, identificamos o total de 44 ocorrências de neologismos semânticos, ocupando o primeiro lugar entre os processos mais frequentes na formação de novas palavras.

4.7 ABREVIACÃO

Os neologismos formados por abreviação – também denominada truncação por (Alves 2007) e Bechara (2009) e truncamento por Gonçalves (2016) – são aqueles que resultam do corte de uma palavra ou de um sintagma. Consistem no emprego de uma lexia em sua forma abreviada, sem alteração semântica e gramatical. De acordo com Correia e Almeida (2012, p. 57), “[...] trata-se do processo pelo qual a forma de uma palavra se reduz, tornando essa unidade mais facilmente memorizável e utilizável”. Assim, compreendemos que os usuários da língua, ao realizarem esse fenômeno, visam, sobretudo, à economia fonética.

Em Nougé (2015), a abreviação recebe um tratamento bastante resumido, sendo considerada um tipo de braquissmia, (mudança de uma palavra por outra mais curta) e, portanto, um modo de formação de palavras.

Entre os dados da pesquisa, tivemos 22 casos de abreviação, a exemplo de “Barça” (de Barcelona, o clube de futebol), “buzu” (de ônibus), “cerva” (de cerveja), “coca” (de cocaína), “eletro” (de eletrodoméstico).

4.8 SIGLAGEM

A formação de siglas é relevante pelo fato de estas construções serem frequentes em diversas áreas da atividade humana, caracterizando-se como unidades construídas a partir da junção das iniciais de um sintagma que, por si, constitui uma denominação. Um exemplo é MST, designando o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

Os neologismos formados pelo processo de siglagem são divididos por Lima (2016) em acrônimos e alfabetismos. Os primeiros são siglas cuja combinação de letras possibilita pronunciar a nova forma como palavra comum da língua, como é o caso recente de UPA (Unidade de Pronto Atendimento), realizada como [‘u.pa], em que a sequência de letras segue os padrões fonéticos do português. Alfabetismos, por sua vez, são siglas produzidas de forma soletrada, como UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), realizada como [u.pe.’pe].

Uma das características que define as siglas, segundo Lima (2016) é que, diferentemente das demais palavras formadas por outros processos também considerados não morfêmicos, são formadas, em grande parte, na modalidade escrita. Nesta pesquisa, foram identificados 19 neologismos formados por acrônimo, como BA-VI (Bahia *versus* Vitória, clássico do futebol baiano) e MEC (Ministério da Educação). Também foram encontrados 12 neologismos formados por alfabetismo, a exemplo de GGB (Grupo Gay da Bahia, associação que atua em favor dos direitos humanos dos homossexuais no estado) e PRF (Polícia Rodoviária Federal).

4.9 EMPRÉSTIMOS

O fenômeno do empréstimo se dá mediante a importação de palavras. Neste mundo globalizado, graças aos meios de comunicação que possuímos, nos encontramos em contato direto com comunidades falantes de outras línguas, o que facilita a incorporação de palavras oriundas de idiomas estrangeiros.

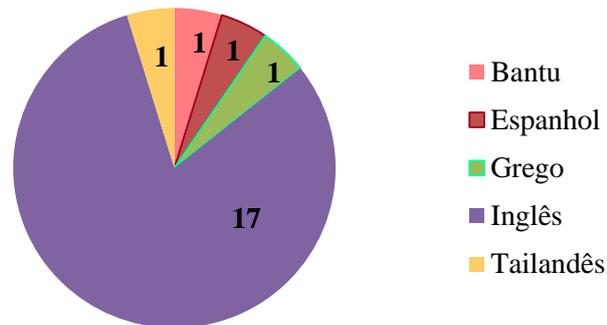
Atualmente, o inglês predomina como língua de comunicação internacional (científica, técnica e política) em virtude do peso geoestratégico de países de fala anglo-saxônica, sendo que as demais línguas, em sua maioria, são importadoras de suas palavras e expressões. Contudo, vale lembrarmos que esta é uma situação relativamente recente, datando do período posterior à Segunda Guerra Mundial, e que no passado outras línguas foram também exportadoras de palavras – por exemplo, o francês, o espanhol, o italiano e mesmo o português.

Os neologismos por empréstimo são unidades importadas de outras línguas, produzidas em um sistema linguístico distinto da língua que o acolheu, e se manifestam em diferentes níveis. Na primeira etapa, podem ser usados com a mesma estrutura da língua de origem, recebendo o nome de estrangeirismos, ou podem ser adaptados integrando-se verdadeiramente à língua receptora “[...] através da adaptação gráfica, morfológica ou

semântica.” (ALVES, 2007, p. 77), denominando-se empréstimos. Em ambos os casos, no registro do neologismo, é indicada a língua de proveniência (inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, grego, latim ou outras).

No *Massa!*, registramos a ocorrência de 3 lexias por empréstimo, como *groovel*, em que se verificam mudanças em relação à palavra inglesa “groove” (quando os sons têm combinação satisfatória). Verificamos também a presença de 18 lexias por estrangeirismo, cuja estrutura e significado permaneceram de acordo com a língua de origem, a saber: *bike* (bicicleta) e *call center* (central de atendimento). Os dados representados na Figura 16 trazem a distribuição de acordo com as línguas de proveniência:

Figura 20 – Línguas identificadas nos empréstimos



4.10 GÍRIA

As palavras que não se encaixaram nas classificações apresentadas nas referências foram classificadas como gírias. Um dos objetivos da gíria é dificultar a decodificação por pessoas de outros grupos sociais e, assim, elaborar um repertório lexical próprio para uma comunidade. “Podem pertencer a várias comunidades peculiares: estudantes, artistas, bandidos, porém ao passar para a linguagem geral são decodificados facilmente e substituídos por novos” (CARVALHO, 1983, p. 114), estando em constante atualização.

No jornal, identificamos essa característica nas palavras seguintes: “bafão” (situação polêmica), “buxixo” (fofoca), “miserê” (pessoa que possui desempenho acima da média), “paleta” (longa caminhada) e “xabu” (situação problemática). “Bafão” já vem sendo substituído por “treta” e “miserê” vem dando lugar a “brocador”, gírias de sentido equivalente. Já as ocorrências de “paleta” e “xabu” estão se reduzindo.

As gírias também podem ser empregadas com o intuito de causar expressividade no discurso, por meio da estranheza que um novo vocábulo transmite, principalmente, as palavras que vão de encontro aos padrões flexionais e morfológicos da língua.

4.11 REDUPLICAÇÃO

Uma das dificuldades atravessadas foi a classificação da lexia “zap-zap”, oriunda do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, que vem da expressão inglesa *what's up?* (“e aí?”). Trata-se da repetição de um segmento fonético de uma palavra estrangeira, cujo aparecimento é recente na língua portuguesa. Essa estrutura aparece como exemplo das definições da reduplicação e onomatopeia, sendo que “[...] reduplicação é um processo morfológico que envolve a cópia de material fonológico de uma base, à qual se chega, algumas vezes, por meio de um encurtamento” (GONÇALVES; VIALLI, 2016, p. 57).

Alves (2007) também se refere à reduplicação, assinalando tratar-se de um recurso pouco produtivo no português contemporâneo. Nesse processo, uma mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item léxico, geralmente pitoresco.

Tomando como exemplo a lexia “zap-zap”, Gonçalves e Vialli (2016) explicam que esse fenômeno ocorre quando formas do inglês são reinterpretadas por falantes do português como casos de reduplicação, por conta da semelhança sonora que apresentam com palavras já consagradas na língua, como é também o caso de *self-service* (restaurante em que o cliente serve a si próprio) = “serve-serve”.

5 CATALOGAÇÃO DAS LEXIAS

Apresentamos, a seguir em ordem alfabética, as fichas neológicas com as lexias encontradas. Nelas, como já descrito anteriormente na seção 4, no item 4.1, estão contidos todos os aspectos de análise referentes ao neologismo apresentado.

TERMO	CLASSE GRAMATICAL	DEFINIÇÃO	ANÁLISE LINGUÍSTICA
ABADÁBRAÇO	Substantivo masculino	Bloco do carnaval de Salvador–BA, criado pelo músico Carlinhos Brown. Possui a peculiaridade de desfilar sem cordas pela avenida, mas com os foliões trajados com os tradicionais abadá.	[abadá + abraço] Temos a fusão de duas lexias ‘abadá’ e ‘abraço’, em um todo fonético, com um único acento resultando na lexia ‘abadabraço’. Cruzamento Vocabular ou Palavra Valise.
Contexto(s) de uso	<p>“Abadábraço: Carlinhos Brown distribuirá 10 mil abadá de bloco.” 15/01/2015 (p. 6)</p> <p>“A primeira delas é o lançamento do ‘abadabraço’, um bloco que desfilará sem cordas, mas com os foliões devidamente trajados com abadá.” 15/01/2015 (p. 6)</p>		
ABRIR O GÁS	Função verbal	Sair, ir embora, correr.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“‘ Abriram o gás ’.” 03 e 04/01/2015 (p. 5)		
ABRIR OS TRABALHOS	Função verbal	Dar início a um evento, festa, atividade.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“Daniela Mercury abre os trabalhos em 2015.” 02/01/2015 (p. 24)		

AFRÓDROMO	Substantivo masculino	Espaço alternativo que visa ressaltar a cultura negra no carnaval de Salvador – BA; Os foliões assistem os desfiles em camarotes e arquibancadas, sem a necessidade de seguir os trios.	[afro + dromo] Temos a junção do substantivo e adjetivo ‘afro’ relativo a ‘africano’, associado ao radical grego ‘dromo’ que significa ‘lugar onde correm’ ou ‘pista de corrida’. Composição erudita.
Contexto(s) de uso	<p>“Afródromo com apoio do governador.” 15/01/2015 (p. 6)</p> <p>“O Afródromo, projeto idealizado pelo músico para o bairro do Comércio, foi a pauta principal da reunião, que aconteceu na Governadoria ontem.” 15/01/2015 (p. 6)</p> <p>“Brown teve uma ideia genial ao pensar o Afródromo, uma reunião de diversas culturas, isso merece ser realizado na sua amplitude.” 15/01/2015 (p. 6)</p> <p>“Vamos participar diretamente para viabilizar o patrocínio do afródromo e em 2016 eles vão desfilar no Comércio.” 15/01/2015 (p. 6)</p>		
APITAÇO	Substantivo masculino	Manifestação em que se faz soar um conjunto de apitos como forma de protesto.	[apit + -aço] Base associada ao sufixo de valor aumentativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Apitaco: Ciclistas pirados com desrespeito às ciclovias.” 25/03/2015 (p. 7)</p>		

APP	Substantivo masculino	Refere-se aos aplicativos disponíveis em <i>smartphone</i> .	App é a abreviatura da palavra inglesa <i>application</i> , que significa aplicação. Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	“App facilita a vida do consumidor.” 13/01/2015 (p. 10)		
ARROCHEIRO	Adjetivo	Quem gosta de ouvir e/ou dançar o estilo musical denominado ‘arrocha’.	A lexia ‘arrocheiro’ está dicionarizada com o significado de ‘almocreve’ que por sua vez define ‘indivíduo que tem por ofício conduzir bestas de carga’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Haja sofrência! Arrocheiros estão de luto: Jangada é demolido e o que restava do Língua de Prata também.” 12/02/2015 (p. 1)		
ARROCHANEJO	Substantivo masculino	Ritmo musical que mistura características do arrocha e do sertanejo.	[arrocha + sertanejo] Temos a fusão de duas lexias ‘arrocha’ e ‘sertanejo’, em um todo fonético, com um único acento resultando na lexia ‘arrochanejo’. Cruzamento Vocabular ou Palavra Valise.
Contexto(s) de uso	“Junior Lopes: Cantor troca MPB pelo arrochanejo .” 18/03/2015 (p. 17)		

ATROPELAR	Verbo transitivo direto.	Vencer a partida de futebol de forma arrasadora.	O verbo ‘atropelar’ se encontra dicionarizado com os significados de ‘colidir’, ‘passar por cima’, ‘derrubar’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Bahia atropela e Leão só empata.” 05/01/2015 (p. 14)		
AVIONADO	Adjetivo	De maneira rápida, veloz.	[avio + -(n)ado] Base associada ao sufixo formador de adjetivo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Velocidade chamou atenção dos PMs: Passou avionado na pista.” 06/03/2015 (p. 4)		
AXEZEIRA	Adjetivo e substantivo feminino	Refere-se a cantores e fãs do estilo musical baiano ‘axé music’.	[axé + -(z)eira] Base associada ao sufixo formador de adjetivo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	No início o ‘tchuco no tchaco’ invadiu a Barra, mas depois, a gandaia axezeira tomou conta com Durvalino e cia.” 13/02/2015 (p. 1) “ Axezeira sim!” 18/01/2015 (p. 3)		
AXEZEIRO	Adjetivo e substantivo masculino	Cantor do estilo musical baiano ‘axé music’.	[axé + -(z)eiro] Base associada ao sufixo formador de adjetivo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“No projeto Canto da Rua, axezeiro homenageia roqueiro baiano no Jardim dos Namorados.” 12/01/2015 (p. 24)		

BA-BA	Substantivo masculino	Partida entre os times de futebol Esporte Clube Bahia de Salvador –BA e o time da Associação Desportiva 'Bahia de Feira da cidade de Feira de Santana- BA.	Siglagem/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“Bahia: Tricolor pronto para o Ba-Ba .” 24 e 25/01/2015 (p. 13)		
BACULEJO	Substantivo masculino	Revista pessoal, inspeção; designa o ato utilizado pela polícia para abordar suspeitos, visando apreender armas e drogas.	[bacu + (l)ejo] Temos a base bacu oriunda do idioma africano Yorubá ‘baku’ ‘que significa ‘abater’, associada ao sufixo ‘-ejo’ formador de diminutivo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Baculejo: Máfia da prótese na mira.” 16/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Baculejo: Polícia sacode o Pelô e prende sete.” 17 e 18/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Operação: Polícia faz baculejo pesado contra o crime.” 28 e 29/02/2015 (p. 4)</p>		

BAÊA	Substantivo masculino	Time de futebol da cidade de Salvador-BA, 'Esporte Clube Bahia'.	[bah + -êa] Neologismo formado por recurso fonológico, verificamos modificações gráfica e fonológica no significante sem, com isso, alterar o significado do vocábulo.
Contexto(s) de uso	<p>“Baêa comemora 84 anos e quer boas novas.” 02/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Parabéns, Baêa! São 84 anos de glórias e tristezas.” 02/01/2015 (p. 12-13)</p> <p>“‘Cruel’ vai ferver ataque do baêa.” 07/01/2015 (p. 1)</p> <p>“De virada, Baêa broca 3x2 em time gringo.” 17 e 18/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Em baba de luxo, o Baêa broca o Shakhtar.” 17 e 18/01/2015 (p. 14)</p> <p>“Que troca: Negociação boa, Baêa.” 20/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Hora de buscar o bi, Baêa!” 31/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Em Conquista, o Bode esmagou o Baêa.” 02/02/2015 9 (p. 1)</p> <p>“Muitos erros: Baêa só acerta o pé duas vezes.” 26/02/2015 (p. 13)</p> <p>“Baêa está quase garantido na próxima fase do Nordestão.” 06/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Só um desastre tira o Baêa da semifinal do Baianão após o chocolate que deixou o Demolidor todo desconjuntado.” 16/03/2015 (p. 1)</p> <p>“No quase: Baêa se atrapalha com a Raposa.” 19/03/2015 (p. 13)</p>		
BAFÃO	Substantivo masculino	Polêmica, escândalo.	Gíria.
Contexto(s) de uso	<p>“Música de Robysson gera bafão com grupo gay.” 15/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Bafão: Mãe de sister pode torcer contra.” 19/02/2015 (p. 1)</p> <p>“Maior bafão na net: de que cor é o vestido?.” 28 e 29/02/2015 (p. 1)</p> <p>“Além de dar o que falar, música de refrão cheio de duplo sentido causa bafão dos bons na Justiça.” 05/03/2015 (p. 1)</p>		

BAGACEIRA	Substantivo feminino	Tragédia, confusão.	A palavra ‘bagaceira’ é dicionarizada com os significados de ‘cachaça’, ‘local próximo ao engenho, em que se acumula o bagaço da cana’, ‘conjunto de coisas inúteis’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Bagaceira em Periperi: Briga de bar acaba em morte.” 12/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Foi o maior susto em Simões Filho! Uso de produto ilegal inflamável pode ter causado a bagaceira.” 04/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Bagaceira!: Produto ilegal pode ser causa da explosão.” 04/03/2015 (p. 3)</p>		
BAIANÃO	Substantivo masculino	Campeonato Baiano de futebol. Competição entre os times de futebol do Estado da Bahia.	[baian + -ão] Base associada ao sufixo indicador de aumentativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Baianão 2015: Bahia de Feira contrata Rocha.” 02/01/2015 (p. 14)</p> <p>“Baianão: Jegue já está na correria.” 05/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Baianão 2015: Almoço com os cartolas.” 15/01/2015 (p. 12-13)</p> <p>“Baianão 2015: Solta o grito de gol!” 30/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Um início ruim para tricolores e rubro-negros no Baianão 2015.” 02/02/2015 (p. 1)</p> <p>“Baianão: Bode vence e é líder isolado.” 02/03/2015 (p. 4)</p> <p>“Mais Baianão: Bode ousado puxa a fila dos classificados.” 09/03/2015 (p. 3)</p> <p>“Só um desastre tira o Baêa da semifinal do Baianão após o chocolate que deixou o Demolidor todo desconjuntado.” 16/03/2015 (p. 1)</p>		

BARATINO	Substantivo masculino	Ludibriar, enganar.	[baratinar + -o] Temos o verbo ‘baratinar’ que significa ‘convencer com engodo’, ‘com lábia’. Ocorre nesse processo a perda do sufixo ‘-ar’, o acréscimo da vogal ‘-o’ resultando no substantivo deverbal ‘baratino’. Derivação regressiva.
Contexto(s) de uso	<p>“Lojas podem dar baratinho.” 02/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Se deu mal ao tentar dar baratino na polícia.” 16/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Baratino: ‘Estagiários’ do crime voltam pra jaula da Case.” 30/01/2015 (p. 4)</p>		
BARÇA	Substantivo masculino	Apelido do clube de futebol espanhol Barcelona, com sede em Barcelona, Catalunha, Espanha.	Perda de componentes léxicos, mas permanência do significado da lexia de origem. Abreviação.
Contexto(s) de uso	<p>“Barça dá mole: Com a derrota do Real Madrid, o Barcelona seria líder se vencesse o Real Sociedad, mas perdeu por um gol contra o Jordi Alba.” 05/01/2015 (p. 15)</p> <p>“Barça mete 5 no Elche.” 09/01/2015 (p. 14)</p> <p>“Neymar classifica o Barça.” 29/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Copa do rei: Neymar faz dois gols e Barça está na final” 05/03/2015 (p.14)</p> <p>“Messi broca três e Barça agora é líder.” 09/03/2015 (p. 3)</p>		

BARRIL	Substantivo masculino	Situação difícil, perigosa.	A palavra ‘barril’ é dicionarizada com o significado de ‘pequeno tonel’, ‘o que nele contém’. A classe gramatical permanece inalterada, no entanto a lexia adquire um novo sentido. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Não vá que é barril.” 07/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Que dureza!: Está barril andar de trem no Rio de Janeiro.” 07/01/2015 (p. 9)</p> <p>“É barril ser jovem em Itabuna.” 29/01/2015 (p. 9)</p>		
BA-VI	Substantivo masculino	Partida de futebol entre os dois mais importantes times da Bahia: Esporte Clube Bahia e Esporte Clube Vitória.	Siglagem/acrônimo.
Contexto(s) de uso	<p>“O Ba-Vi do Curralinho já virou tradição na Boca do Rio.” 14/01/2015 (p. 14)</p> <p>“E na largada vão rolar dois “Ba-Vis” amanhã: Vitória x Bahia de Feira e Vitória da Conquista x Bahia.” 31/01/2015 (p. 1)</p> <p>“BA-VI é gozação em alta.” 28 e 29/02/2015 (p. 11)</p> <p>“Ba-Vi: Eles podem decidir o jogo.” 28 e 29/02/2015 (p. 12-13)</p> <p>“Foi Ba-Vi mesmo: teve gol (e malandragem) de Neto Baiano, expulsão (Pittoni), 13 cartões amarelos, [...]” 02/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Presidente acredita que atuação de Jailson Macêdo no Ba-Vi atendeu às expectativas.” 03/03/2015 (p. 14)</p> <p>“Dupla Ba-Vi pega rivais conhecidos nas quartas.” 21 e 22/03/2015 (p. 14)</p>		

BEATLEMANÍACO	Adjetivo	Fãs, pessoas loucas/fanáticas pelo grupo musical ‘ <i>The Beatles</i> ’.	[Beatles + maníaco] Verifica-se a fusão de duas lexias em um todo fonético, gerando uma nova palavra que condensa o significado dos seus constituintes. Cruzamento vocabular ou Palavra Valise.
Contexto(s) de uso	“Os beatlemaníacos não podem perder!” 06/03/2015 (p. 17)		
BEIJAÇO	Substantivo masculino	Grande beijo, beijo demorado.	[beij + aço] Base associada ao sufixo indicador de aumentativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Gilmelândia lascou beijaço em policial.” 06/02/2015 (p. 1)		
BELZEIRO	Adjetivo	Fãs ou seguidores do cantor baiano Bell Marques.	[Bel + -(z)eiros] Junção do nome próprio Bell com o sufixo formador de adjetivo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“‘ Belzeiros ’: Fãs de Bell Marques vão na cola do ex-Chiclete.” 08/02/2015 (p. 8)		

BIKE	Substantivo feminino	Bicicleta.	Estrangeirismo da língua inglesa <i>'bike'</i> . Não verifica-se mudança gráfica, nem semântica.
Contexto(s) de uso	“ Bike chama atenção da galera.” 16/01/2015 (p. 12)		
BODE	Substantivo masculino	Time de futebol ‘Esporte Clube Primeiro Passo Vitória da Conquista’.	Aqui a lexia empregada não possui a significação dicionarizada como ‘o macho da cabra’, ‘homem libidinoso’ ou ‘briga’. Refere-se ao time de futebol cujo mascote é o animal bode. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Bode tem novo comandante.” 05/01/2015 (p. 13)</p> <p>“A diretoria do bode contratou o técnico Fernando Alcântara (foto), ex-salgueiro-PE.” 05/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Bode pisa o tricolor.” 02/02/2015 (p. 1)</p> <p>“Em Conquista, o Bode esmagou o Baêa.” 02/02/2015 (p. 1)</p> <p>“Baianão: Bode vence e é líder isolado.” 02/03/2015 (p. 4)</p> <p>“Bode quer sujar o Porco: Vitória da Conquista recebe o Palmeiras, hoje, pela primeira fase da Copa do Brasil.” 04/03/2015 (p. 13)</p> <p>“Passeio: Porco bate seguro no Bode.” 05/03/2015 (p. 13)</p> <p>“Mais Baianão: Bode ousado puxa a fila dos classificados.” 09/03/2015 (p. 3)</p>		

BOMBAR	Verbo intransitivo	Fazer sucesso.	[bomb + ar] Temos a lexia ‘bomba’ dicionarizada como ‘notícia ou fato que causa impacto’. O sentido de impacto adquiriu conotação positiva, associado a ‘chamar atenção’, ‘sucesso’, empregado pelos falantes na forma verbal derivada ‘bombar’. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Sine bombando: 649 ofertas de emprego.” 02/01/2015 (p. 10)</p> <p>“Vai bombar!; La Fúria lança o novo CD de verão.” 05/01/2015 (p. 17)</p> <p>“Gringo cheio de moral faz a alegria de um casal nos Estados Unidos e bomba na net.” 07/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Bombou nas ruas: Leitores aprovam promoção MASSA!” 26/01/2015 (p. 16)</p>		
BOPE	Substantivo masculino	Batalhão de Operações Especiais (Bope).	Siglagem/acrônimo.
Contexto(s) de uso	”Caveiras!: Governo irá implantar o Bope na Bahia.” 10 e 11/01/2015 (p. 4)		
BOTAR FÉ	Função verbal	Acreditar.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	<p>“‘Máscara’ rouba, mas bota fé na lei: pode?.” 08/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Promessas: Bote fé que o Senhor do Bonfim ajuda!” 16/01/2015 (p. 12)</p>		

BOTAR PILHA	Função verbal	Pressionar.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“OAB bota pilha na apuração de ação no Cabula.” 27/02/2015 (p. 1)		
BROCAR	Verbo intransitivo e transitivo direto.	Realizar com sucesso; uma ação, atividade; fazer gols.	A forma léxica ‘brocar’ está dicionarizada com o sentido de ‘perfurar’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Virada em São Tomé de Paripe brocou!” 02/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Rogério brocou a rede do Vitória com outras camisas. Agora chegou a hora de fazer a alegria dos rubro-negros.” 09/01/2015 (p. 12-13)</p> <p>“Em jogo-treino contra o Leônico, Vitória broca cinco após o treino.” 12/01/2015 (p. 15)</p> <p>“Em baba de luxo, o Baêa broca o Shakhtar.” 17 e 18/01/2015 (p. 14)</p> <p>“Gringo brocou: Guerreiro comemora seu gol com os parceiros.” 02/02/2015 (p. 4)</p> <p>“Galo volta a brocar.” 02/03/2015 (p. 5)</p> <p>“Messi broca três e Barça agora é líder.” 09/03/2015 (p. 3)</p> <p>“Tiago Real desencantou: brocou dois.” 16/03/2015 (p. 1)</p>		
BROCADOR	Adjetivo	Pessoa que realiza uma tarefa com sucesso.	A lexia encontra-se dicionarizada com o significado de ‘aquele que corta e, eventualmente, queima o mato rasteiro na brocagem’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Alegria do brocador : Tomás Bastos (mãos para cima) comemora o gol.” 02/03/2015 (p. 5)		

BROTHER	Substantivo masculino	Participantes do reality show BBB do sexo masculino.	Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	<p>“Reality estréia com 13 brothers.” 14/01/2015 (p. 16)</p> <p>“Presos no carnaval: Brothers não terão chance de ver desfiles.” 26/01/2015 (p. 24)</p> <p>“Brothers aliviaram um pouco a tensão durante os festejos.” 31/01/2015 (p. 24)</p>		
BUXIXO	Substantivo masculino	Fofoca.	Gíria.
Contexto(s) de uso	<p>“Fã desmente buxixo sobre affair com Rômulo Neto.” 19/02/2015 (p. 17)</p>		
BUZU	Substantivo masculino	Lexia que designa ônibus.	<p>Temos um neologismo formado pela eliminação de uma parte da sequência léxica, nesse caso o prefixo –oni.</p> <p>Abreviação.</p>
Contexto(s) de uso	<p>“Galera detona aumento de tarifa dos buzus.” 03 e 04/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Galera experimenta buzus e detona preço da tarifa.” 03 e 04/01/2015 (p. 6)</p> <p>“Respeite o idoso no buzu.” 09/01/2015 (p. 8)</p> <p>“Passagem alta para buzus sucateados.” 14/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Com tanto reajuste, da passagem do buzu à conta de luz, é preciso organização para não entrar no vermelho.” 19/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Longe do ponto: Na paleta até o buzu.” 20/01/2015 (p. 3)</p> <p>“Rio de Janeiro: Homem leva bala no ponto de buzu.” 23/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Cobreadores e motoristas elogiaram os novos buzus, mas afirmam que a saída pela porta traseira tem gerado muitas piadas maldosas.” 23/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Homem preso por estupro em buzu.” 31/01/2015 (p. 1)</p>		

CALL CENTER	Substantivo feminino	Central de atendimento que tem como objetivo fazer a interface entre o cliente e a empresa.	Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	<p>“Profissional nota 10: Supervisor de Call Center pode ganhar R\$ 1.725.” 10 e 11/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Call Center é a porta de entrada dos jovens.” 10 e 11/01/2015 (p. 10)</p> <p>“Call center dispõe de 841 oportunidades.” 16/01/2015 (p. 10)</p> <p>“Gás no call center: Vazamento manda 50 pro estaleiro.” 7 e 8/03/2015 (p. 1)</p>		
CARETA	Substantivo masculino	Cigarro de maconha.	<p>A lexia encontra-se dicionarizada com diversos significados, entre eles: ‘pessoa conservadora’, ‘que não usa drogas’ e ‘máscara de carnaval’.</p> <p>Neologismo semântico.</p>
Contexto(s) de uso	<p>“Ao sair da cadeia, o Príncipe do Gueto disse que estava estressado e queria fumar...um ‘careta’! O pagodeiro passou 24 h em cana por ser flagrado com a erva do diabo.” 09/01/2015 (p. 1)</p>		
CARIOÇÃO	Substantivo masculino	Campeonato de futebol em que disputam os times do Estado do Rio de Janeiro.	<p>[carioca + ão]</p> <p>Base mais sufixo indicador de aumentativo.</p> <p>Derivação sufixal.</p>
Contexto(s) de uso	<p>“Cariocão 2015: Quem fizer críticas ao campeonato será multado” 07/01/2015 (p. 14)</p>		

CASE	Substantivo feminino	Comunidade de Atendimento Socioeducativo.	Siglagem/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“Baratino: ‘Estagiários’ do crime voltam pra jaula da Case .” 30/01/2015 (p. 4)		
CASTRAMÓVEL	Substantivo masculino	Veículo equipado para realizar a castração de animais em diferentes pontos da cidade.	[Castração + automóvel] Fusão de duas palavras, que juntas formam uma mesma segmentação fônica, cujos significados individuais são condensados na nova léxica. Cruzamento vocabular ou Palavra Valise.
Contexto(s) de uso	“ Castramóvel : castração de animais.” 03/03/2015 (p. 2)		
CAUSAR	Verbo intransitivo	Chamar a atenção.	Verbo dicionarizado com o significado de ‘originar, motivar, provocar. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Outro beijo gay ‘ causa ’ na net.” 18/03/2015 (p. 1)		
CBDA	Substantivo feminino	Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos.	Siglagem/alfabetismo.
Contexto(s) de uso	“ CBDA tentará virá o jogo para o brasileiro.” 21/01/2015 (p. 16)		

CBJ	Substantivo feminino	Confederação Brasileira de Judô.	Siglagem/Alfabetismo.
Contexto(s) de uso	“ CBJ despreza o centro feito em Lauro de Freitas.” 06/01/2015 (p. 15)		
CERVA	Substantivo feminino	Cerveja	A lexia perde uma parte de seus elementos mantendo a classe gramatical e o significado da forma léxica original. Abreviação.
Contexto(s) de uso	<p>“Cerva barata.” 14 e 15/02/2015 (p. 7)</p> <p>“Torcedor vai comprar ‘cerva’ e perde gol.” 02/03/2015 (p. 13)</p> <p>“É uma farra daquelas, com direito a churrasco, muita ‘cerva’ gelada e ... selfies![...].” 03/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Reggae tem churrasco e muita ‘cerva’.” 03/03/2015 (p. 3)</p>		
CHEIO DE BALA	Função adjetiva	Aquele que recebeu muitos disparos por arma de fogo.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“Acabou cheio de bala .” 12/01/2015 (p. 1)		

CHIKUNGUNYA	Substantivo feminino	A palavra Chikungunya vem do dialeto africano makonde e significa “aqueles que se dobram”, uma referência ao andar curvado dos pacientes devido as intensas dores articulares e musculares, característica principal da doença.	Estrangeirismo do dialeto africano makode da língua bantu, África oriental.
Contexto(s) de uso	“Se ligue!:Tem nova arma contra dengue e Chikungunya .” 11/03/2015 (p. 1)		
CHUMBO GROSSO	Função de substantivo	Vários disparos com arma de fogo.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“Ladrão leva chumbo grosso de clientes em assalto a pizzaria.” 21/01/2015 (p. 5)		
CICLOFAIXA	Substantivo feminino	Faixa especial para ciclistas.	[ciclo + faixa] Associação do radical grego a um vocábulo autônomo. Composição erudita.
Contexto(s) de uso	“Se cuide: quem para na ciclofaixa se dá mal.” 24/02/2015 (p. 7)		
COCA	Substantivo feminino	Equivalente a cocaína.	Abreviação.
Contexto(s) de uso	“Flagrante na estrada: Carro levava armas e coca ” 05/03/2015 (p. 5)		

COI	Substantivo masculino	Comitê Olímpico Internacional. Organização não-governamental, tem por finalidade restituir os Jogos Olímpicos realizados na Antiga Grécia e organizar e promover a sua realização de quatro em quatro anos.	Siglagem/acrônimo.
Contexto(s) de uso	<p>“Presidente do COI enche a bola do Rio.” 07/01/2015 (p. 15)</p> <p>“Jogos olímpicos de 2016: Presidente do COI elogia Rio de Janeiro.” 25/02/2015 (p. 14)</p> <p>“Rio de Janeiro: Presidente do COI é vaiado.” 02/03/2015 (p. 10)</p>		
COISA MALIGNA	Substantivo feminino	Demônio.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	<p>“Lavradores não descartam ação da ‘coisa maligna’ na morte de ovelhas e cabras em distrito feirense.” 22/01/2015 (p. 3)</p>		
COLAR	Verbo intransitivo	Ficar próximo, alcançar.	Lexia dicionarizada com diversos significados entre eles; unir, grudar, plagiar. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“City aproveita vacilo do Chelsea e cola na ponta.” 02/01/2015 (p. 14)</p> <p>“CR7 cola no rival Messi.” 13/01/2015 (p. 112-13)</p> <p>“Cole no Massa! e vire barão.” 06/02/2015 (p. 1)</p>		

COLCHONERO	Substantivo masculino	Apelido do Club Atlético de Madrid.	Estrangeirismo do espanhol.
Contexto(s) de uso	“Com os 2 a 0 em casa, os colchoneros estão em vantagem nas oitavas de final para jogo da volta no Bernabéu.” 08/01/2015 (p. 14)		
COMANCHEIRA	Adjetivo	Rainha do bloco carnavalesco Comanche do Pelô.	[comanche + eira] Base + sufixo formador de adjetivo. ‘Os comanches’ são um grupo étnico americano’. Tal palavra foi incorporada ao português do Brasil, denomina grupos carnavalescos de Porto Alegre – RS e Salvador – BA. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Jéssica Cruz: Rainha comancheira merece o título.” 29/01/2015 (p. 1)		
COMANCHEIRO	Adjetivo	Foliões do bloco carnavalesco Comanche do Pelô.	[comanche + -eiro] Base mais sufixo formador de adjetivo. ‘Os comanches’ são um grupo étnico americano’. Tal palavra denomina grupos carnavalescos de Porto Alegre – RS e Salvador – BA. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“ Comancheiros vão babar muito nesse carnaval.” 29/01/2015 (p. 6)		

CORNETEIRA	Adjetivo	Mulher que possui o hábito de trair.	[corno + (t)eira] Base mais sufixo formador de adjetivo –eira. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Faz sete anos que fui traída. Agora só traio, virei uma corneteira .” 31/03/2015 (p. 3)		
CORNITUDE	Substantivo feminino	Aquele (a) que assume seu caráter de traído (a).	[corn + (-t)ude] Base associada ao sufixo –tude de origem latina, ocorre em substantivos femininos abstratos que designam qualidade, estado. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Me influenciaram a participar da festa e acabei assumindo a minha cornitude .” 31/03/2015 (p. 3)		
COXA	Substantivo masculino	Apelido do time de futebol brasileiro - Curitiba Foot Ball Club.	Um dos significados da lexia ‘coxa’ no dicionário é o adjetivo ‘coritibano’. Aqui a lexia representa o apelido do time de futebol de Curitiba – PR. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Copinha: Vitória pega o Coxa! .” 12/01/2015 (p. 15)		
DE BOA	Loc. adverbial	Tranquilo, em paz.	Composição sintagmática
Contexto(s) de uso	“Filho de Eike vai ficar de boa .” 20/02/2015 (p. 9)		

DE GRAÇA	Loc. adverbial	Sem merecer.	Composição sintagmática
Contexto(s) de uso	“Homem leva tiro ‘ de graça ’ e morre.” 02/01/2015 (p. 4)		
DETONAR	Verbo transitivo direto	Atingir com arma de fogo.	Lexia dicionarizada com o significado de explodir, disparar com arma de fogo. Neologismo Semântico.
Contexto(s) de uso	“Polícia frustra tentativa de assalto e detona dois.” 02/01/2015 (p. 5)		
DETONAR	Verbo transitivo direto	Emitir opinião de forma desfavorável, argumentar demonstrando grande insatisfação.	Lexia dicionarizada com o significado de explodir, disparar com arma de fogo. Neologismo Semântico.
Contexto(s) de uso	“Galera detona aumento de tarifa dos buzus.” 03 e 04/01/2015 (p. 1) “Galera experimenta buzus e detona preço da tarifa.” 03 e 04/01/2015 (p. 6) “Galera detona situação de abandono no final de linha do bairro. Tá difícil!” 26/01/2015 (p. 1)		
DHPP	Substantivo masculino	Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa.	Siglagem/alfabetismo
Contexto(s) de uso	“Investigações no DHPP : Polícia intima 30 PMs para depor.” 12/01/2015 (p. 6)		
DINDIM	Substantivo masculino	Dinheiro.	Criação onomatopaica.
Contexto(s) de uso	“Ano Novo com dindin extra.” 02/01/2015 (p. 6)		

ELETRO	Substantivo masculino	Equivalente a Eletrodoméstico.	Abreviação da palavra ‘eletrodomésticos’.
Contexto(s) de uso	“Na cobiça por eletros .” 28 e 29/03/2015 (p. 7)		
ENEM	Substantivo masculino	Exame Nacional do Ensino Médio.	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“Sisu abre consulta; Enem divulga nova.” 13/01/2015 (p. 11) “ Enem serve para quase tudo!” 13/01/2015 (p. 11) “ “Prova do Enem pode ser feita online em 2015.” 06/03/2015 (p. 11)		
ERVA DO DIABO	Substantivo feminino	Equivalente a maconha.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“Ao sair da cadeia, o Príncipe do gueto disse que estava estressado e queria fumar...um ‘carea’! O pagodeiro passou 24 h em cana por ser flagrado com a erva do diabo .” 09/01/2015 (p. 1)		
ESQUADRÃO DE AÇO	Substantivo masculino	Um dos nomes pelo qual o time de futebol Bahia é chamado.	Composição sintagmática para denominar o time de futebol Bahia.
Contexto(s) de uso	“Saudade: o fantástico time de 88 deu a maior alegria na história do Esquadrão de Aço .” 02/01/2015 (p. 12) “ Esquadrão de Aço para as semifinais do Baianão contra o time Juazeirense.” 23/03/2015 (p. 1)		
ESQUADRÃOZINHO	Substantivo masculino	Uma das denominações da seleção sub-20 do Bahia.	[esquadrão + (z)inho] O neologismo semântico ‘Esquadrão’ associado ao sufixo formador de diminutivo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“ Esquadrãozinho estreia com goleada: Bahia goleia Comercial, do Mato Grosso do Sul, com 4 a 0. Vitória fica no embate na Copinha.” 05/01/2015 (p. 1)		

ESQUENTE	Substantivo masculino	Fase preparatória de algum evento.	[esquentar + -e] Temos o verbo esquentar que significa ‘aquecer’. Ocorre nesse processo a perda do sufixo ‘-ar’, o acréscimo da vogal ‘-e’ resultando no substantivo deverbal ‘esquente’. Derivação regressiva.
Contexto(s) de uso	“No esquente : Inspiração no ‘Fricote’ para contar tudo sobre a folia.” 13/01/2015 (p. 9)		
ESTOURADO	Adjetivo	Pessoa famosa, que faz sucesso.	A lexia ‘estourado’ está dicionarizada com o significado de ‘rebetado, irritadiço, cansado’. Nesse contexto, apresenta um novo sentido. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Papo Axé: Buck Jones ficou estourado na Banda Mel.” 14/01/2015 (p. 9) “Faz shows todo fim de semana. Eles estão estourados .” 31/01/2015 (p. 20)		
EXTRINHA	Substantivo masculino	Dinheiro extra.	[extra + -inha] Base mais sufixo indicador de diminutivo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Conhecimento rende extrinha .” 12/01/2015 (p. 10)		

FACEBOOK	Substantivo masculino	Rede social, em que o indivíduo cria um perfil, para compartilhar publicações com amigos.	Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	“Facebook feito exclusivo para usar no trabalho.” 15/01/2015 (p. 11)		
FAXINAÇO	Substantivo masculino	Grande faxina.	[faxina + -aço] Base mais sufixo indicador de aumentativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Faxinaço’ em portão.” 06/01/2015 (p. 1)		
FIES	Substantivo masculino	Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Programa do Ministério da Educação do Brasil destinado a financiar a graduação na educação superior em instituições privadas.	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	<p>“Regras FIES: Empresas de educação piradas com o governo.” 08/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Novo sistema: Fies será liberado ainda nesta semana.” 27/01/2015 (p. 11)</p> <p>“FIES volta a inscrever na internet.” 24/02/2015 (p. 1)</p> <p>“Cai teto do Fies: reajuste de mensalidade é liberado.” 14 e 15/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Justiça joga duro e teto do Fies cai.” 14 e 15/03/2015 (p. 9)</p>		

FLA	Substantivo masculino	Designa o time de futebol carioca Flamengo	Abreviação da palavra Flamengo.
Contexto(s) de uso	<p>“Ucranianos vão pegar o Fla.” 17 e 18/01/2015 (p. 14)</p> <p>“Dia de festa: Botafogo bate o Fla no aniversário do rio.” 02/03/2015 (p. 5)</p>		
FLU	Substantivo masculino	Designa o time de futebol carioca Fluminense.	Abreviação da palavra Fluminense.
Contexto(s) de uso	<p>“Time Junior tentará passar pelo Flu na copinha.” 14/01/2015 (p.13)</p> <p>“Conca dá tchau ao Flu e parte a mil para a China.” 23/01/2015 (p.14)</p>		
FOOD TRUCK	Substantivo masculino	Caminhões estilizados e adaptados para produzir e servir refeições nas ruas.	Estrangeirismo oriundo da língua inglesa <i>food</i> = comida <i>truck</i> = caminhão.
Contexto(s) de uso	<p>“Rango no caminhão: Chefs pedem legalização de Food Truck na câmara.” 10/03/2015 (p. 6)</p>		
FOGÃO	Substantivo masculino	Equivalente ao time de futebol Bota Fogo.	[fogo + ão] Temos a junção da segunda base da lexia Bota Fogo ao sufixo formador de aumentativo ‘-ão’. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Fogão mantém a liderança do campeonato e faz alegria de parte do Maracanã ao vencer por 1 a 0.” 02/03/2015 (p. 5)</p>		
FUNKEIRA	Adjetivo	Aquela que canta ou dança funk.	[funk + -eira] Base mais sufixo formador de adjetivos. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Poderosa: Funkeira Anitta será rainha do Algodão Doce.” 02/02/2015 (p. 17)</p>		

FUNKEIRO	Adjetivo	Aquele que canta ou dança funk.	[funk + -eira] Base mais sufixo formador de adjetivos. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Mr. Galiza: Funkeiro mima as moças com seu coração e bons conselhos.” 07 e 08/03/2015 (p. 1)		
GAIVA	Substantivo feminino	Mentira.	A lexia ‘gaiva’ está dicionarizada com o significado de ‘escavação feita no solo pela ação das águas das chuvas’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Danilo foi preso dirigindo um caminhão com uma geladeira cheia de maconha. Baratinado, ele alegou que ganhou R\$ 2 mil para fazer uma mudança e estava lanchando quando carregaram o veículo. Ninguém comeu essa gaiva .” 06/03/2015 (p. 1)		
GALO	Substantivo masculino	Clube de futebol ‘Atlético Mineiro’ sediado na cidade de Belo Horizonte - MG	A lexia ‘galo’ possui várias definições no dicionário, entre elas: ‘gênero de aves galináceas’; ‘elevação produzida por contusão ou pancada’, Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“ Galo está de olho em Vitinho.” 09/01/2015 (p. 13) “ Galo volta a brocar.” 02/03/2015 (p. 5)		

GDK	Substantivo feminino	Geral-Damulakis. Conhecida como GDK S.A. Empresa de Engenharia fundada em Salvador – BA.	Siglagem/alfabetismo.
Contexto(s) de uso	“Comércio: GDK é alvo de ação da Operação Lava a Jato.” 06/02/1015 (p. 4)		
GGB	Substantivo masculino	Grupo Gay da Bahia.	Siglagem/alfabetismo.
Contexto(s) de uso	“ GGB paga R\$ 1 mil por música-resposta.” 17 e 18/01/2015 (p. 3)		
GROOVEL	Substantivo masculino.	Quando os sons encaixam ou combinam de forma satisfatória.	Neologismo por empréstimo do inglês <i>Groove</i> = encaixar.
Contexto(s) de uso	“Ex-Play Way o vocalista vai misturar a pegada do pagofunk com o groovel e promete cantar a realidade do povo.” 20/02/2015 (p. 1)		
HGE	Substantivo masculino	Hospital Geral do Estado.	Siglagem/alfabetismo.
Contexto(s) de uso	“ HGE : Suspeito sob custódia.” 20/01/2015 (p. 5) “Socorro!: Barraco e tiro no HGE .” 10/03/2015 (p. 1) “No HGE , acompanhante de paciente resolveu bagunçar tudo e levou bala ao tentar agredir um investigador.” 10/03/2015 (p. 5)		

HIGHSEXUAL	Adjetivo	Homem hétero que sente atração por outros homens ao fumar maconha.	[high + sexual] A base high = intenso, superior, representa empréstimo do inglês associado a base 'sexual'. Hibridismo.
Contexto(s) de uso	“G maiúsculo: Highsexual ? Não, gay na luta.” 09/01/2015 (p. 16)		
IAPI	Substantivo masculino	Instituto de Aposentados e Pensionistas da Indústria. Denomina também um dos bairros de Salvador –BA.	Siglagem/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“Cinco gols no IAPI : O time branco jogou mal e foi goleado pela equipe vermelha por 4 a 1.” 10 e 11/01/2015 (p. 14)		
IEL	Substantivo masculino	Instituto Euvaldo Lodi. Busca promover a interação entre academia e indústria.	Siglagem/acrônimo
Contexto(s) de uso	“Corra!: IEL está em busca de 31 estagiários.” 10 e 11/01/2015 (p. 10)		
INSTAGRAM	Substantivo masculino	Rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.	Estrangeirismo do inglês.
Contexto(s) de uso	“Bandida do instagram .” 14 e 15/01/2015 (p. 16)		

INTER	Substantivo masculino	Apelido do ‘Sport Club Internacional, time de futebol da cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul.	Abreviação do nome Internacional.
Contexto(s) de uso	“Juventude vence o inter e vai ao topo.” 09/03/2015 (p. 6)		
JIHADISTA	Substantivo masculino	Mulçumanos que defendem o Islã através da luta violenta.	[jihad + ista] A léxia ‘jihad’ do árabe significa ‘luta armada contra aqueles que se declaram inimigos do islã. Somado ao sufixo formador de adjetivos e substantivos que confere ao nome a noção de adepto ex: ‘liberalista’, ‘jhadista’. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“ Jihadistas treinados para o mal.” 10 e 11/01/2015 (p. 9)		

JEGUE	Substantivo masculino	Time de futebol ‘Jacobina Esporte Clube’, cujo mascote é o animal ‘jumento’.	O vocábulo apresenta um significado diferente do dicionário: ‘jumento ou burro’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Baianão: Jegue já está na correria.” 05/01/2015 (p. 13)		
KITESURFE	Substantivo masculino	Esporte aquático em que os pés ficam na prancha e as mãos seguram uma pipa, para, através do vento, realizar manobras e saltos na água.	Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	“O Kitesurfe é um esporte para “deslizar.” sobre a água.” 03 e 04/01/2015 (p. 13)		
LAVA JATO	Substantivo feminino	Operação que investiga, em todo o Brasil, desvios de dinheiro da estatal Petrobras.	[lava + jato] União de duas bases. Composição V+N
Contexto(s) de uso	“GDK é alvo de ação da Operação Lava Jato .” 06/02/2015 (p. 4)		

LEÃO	Substantivo masculino	Time de futebol da cidade de Salvador - BA 'Esporte Clube Vitória', cujo mascote é o animal leão.	Esta lexia encontra-se dicionarizada com diversos significados, entre eles: 'grande felino', 'indivíduo que revela força', 'conquistador', 'quinto signo do zodíaco'. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>"Vice-presidente do Leão nega contratação do meia Ricardinho e diz que conversa com o Ceará prossegue." 02/01/2015 (p. 13)</p> <p>"Bahia atropela e Leão só empata." 05/01/2015 (p. 14)</p> <p>"Leão retorna ao batente" 05/01/2015 (p. 14)</p> <p>"No Leão, Saimon é zagueiro pegador... de mulher também!." 07/01/2015 (p. 1)</p> <p>"Leão goleia graças a time do 2º tempo." 12/01/2015 (p. 15)</p> <p>"Leão sobe a Colina para espantar uruca." 13/01/2015 (p. 1)</p> <p>"Vitória: Leão lava a alma no Bonfim." 13/01/2015 (p.13)</p> <p>"Leão 'batiza' novo meia." 24 e 25/01/2015 (p.12-13)</p> <p>"Bom de melhorar: Leão é o 3º em torneio" 26/01/2015 (p.1)</p> <p>"Mostra os dentes, Leão." 26/01/2015 (p. 12)</p> <p>"Vitória: Leão faz caçada em dose dupla." 27/01/2015 (p. 12-13)</p> <p>"Leão erra o bote e termina na seca." 26/02/2015 (p. 1)</p> <p>"Nada de gol: Leão vacila na hora da mordida." 26/02/2015 (p. 12-13)</p> <p>"América-RN 1/3 Vitória: Leão morde com força em Natal." 05/03/2015 (p. 1)</p> <p>"Confira tabela da Série B: Leão estreia com Sampaio Corrêa e tricolor pega América-MG." 06/03/2016 (p. 1)</p> <p>"Sem sal: Leão sai de Juazeiro sem morder a caça." 09/03/2015 (p. 3)</p> <p>"Novo triunfo: Leão soberano na primeira fase." 19/03/2015 (p. 12-13)</p>		

LEÃOZINHO	Substantivo masculino	Equipe sub-20 do time de futebol Vitória de Salvador – BA.	[leão + (z)inho] Junção da lexia ‘leão’, que denomina o time de futebol Vitória de Salvador – BA, com o sufixo formador de diminutivo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Leãozinho embarca hoje para disputar Copa SP.” 02/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Copa São Paulo: Leãozinho morde Lusa e agora é líder.” 08/01/2015 (p. 12-13)</p> <p>“Vitória: Leãozinho pretende devorar o Coxinha.” 14/01/2015 (p. 12-13)</p> <p>“Copa São Paulo: Leãozinho vai até onde poderia ir.” 21/01/2015 (p. 15)</p>		
LEVAR BALA	Função verbal	Ser alvejado por arma de fogo.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	<p>“Levou bala antes da festa da virada.” 02/01/2015 (p. 5)</p> <p>“Paripe: Jovem leva bala no Subúrbio.” 19/01/2015 (p. 6)</p> <p>“Clima tenso: Surfista leva bala após briga com a PM.” 20/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Rio de Janeiro: Homem leva bala no ponto de buzu.” 23/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Pernambúes: Homem leva bala em avenida.” 23/01/2015 (p. 4)</p> <p>“PM leva bala durante assalto em Periperi.” 09/03/2015 (p. 14)</p> <p>“No HGE, acompanhante de paciente resolveu bagunçar tudo e levou bala ao tentar agredir um investigador.” 10/03/2015 (p. 5)</p>		
LEVAR CHUMBO	Função verbal	Ser baleado, atingido por arma de fogo.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	<p>“Autônomo leva chumbo na porta de casa.” 03 e 04/01/2015 (p. 5)</p> <p>“No Centenário: Homem reage a assalto e leva chumbo.” 14/01/2015 (p.1)</p> <p>“Pelourinho: Levou chumbo após festival de música.” 19/01/2015 (p. 4)</p>		

LEVAR FERRO	Função verbal	Se dar mal.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“Handebol: Seleção leva ferro do Egito.” 10 e 11/01/2015 (p. 14) “Manchester leva ferro e Arsenal cola nos líderes.” 12/01/2015 (p. 15)		
LIPO	Substantivo feminino	Cirurgia que consiste na remoção de gordura.	Abreviação da palavra lipoaspiração.
Contexto(s) de uso	“Ludmila aposta em lipo para afinar.” 18/03/2015 (p.16)		
LIQUIDA	Substantivo feminino	Ato de liquidar.	Abreviação da palavra liquidação.
Contexto(s) de uso	“Descontos agressivos na Liquida .” 20/02/2015 (p.11) “Começa hoje!: Liquida tem até 70% de desconto.” 27/02/2015 (p. 11)		
LUSA	Substantivo feminino	Apelido da Associação Portuguesa de Desportos com sede em São Paulo-SP que tem como modalidade principal o futebol.	A lexia ‘luso’ está dicionarizada com o significado de ‘Lusitânia, Portugal.’ Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Copa São Paulo: Leãozinho morde Lusa e agora é líder.” 08/01/2015 (p. 12-13)		
MACACA	Substantivo feminino	Time de futebol da Associação Atlética Ponte Preta.	O animal macaca é o mascote da Ponte Petra, assim, usa-se também essa lexia para designar o próprio time. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Ponte Preta: Retano Cajá fica mais um ano na Macaca .” 02/01/2015 (p. 14)		

MAKE	Substantivo feminino	Maquiagem.	Abreviação da lexia “makeup”, já dicionarizada e emprestada da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	“Lady Gaga posa sem make .” 12/01/2015 (p. 16)		
MANDAR	Verbo intransitivo.	Executar alguma atividade com eficiência.	Lexia dicionarizada com o significado de ‘exigir que se cumpra, determinar, ordenar’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Suíço manda muito bem.” 02/01/2015 (p. 16)		
MARACA	Substantivo masculino	Estádio de futebol localizado no Rio de Janeiro conhecido como Maracanã.	Abreviação do vocábulo Maracanã.
Contexto(s) de uso	“Gol no maraca . Colombiano leva o Puskas.” 13/01/2015 (p. 13)		
MAREZIA	Substantivo feminino	Tranquilidade, a ociosidade.	Vocábulo dicionarizado com o significado de ‘Mau cheiro exalado na baixa-mar; o movimento das águas do mar; marulhada, marejada’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Acabou a maresia , pai, agora é valendo três pontos na luta para se tornar o manda-chuva do Baianão.” 31/01/2015 e 01/02/2015 (p. 1)		

MST	Substantivo masculino	Movimento Sem Terra - Movimento de trabalhadores rurais que lutam pela reforma agrária.	Siglagem/Alfabetismo.
Contexto(s) de uso	<p>“Integrantes do MST estão em marcha” 10/03/2015 (p. 3)</p> <p>“Rumo a Salvador: Integrantes do MST têm vida dura e organizada” 11/03/2015 (p.6)</p>		
MATADOR	Adjetivo e substantivo masculino	Artilheiro.	Lexia dicionarizada com o significado: ‘que ou o que causa a morte’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Lomba se picou para a Ponte, mas o matador volta ao Esquadrão para infernizar as defesas adversárias” 07/01/2015 (p.1)</p> <p>“Matador Léo Gamalho vem para o Esquadrão” 23/01/2015 (p.1)</p>		
MEGALIQUIDAÇÃO	Substantivo feminino	Grande liquidação.	[mega + -liquidação] Junção do radical de origem grega ‘mega’ = grande, com a lexia ‘liquidação’. Composição erudita.
Contexto(s) de uso	<p>“Megaliquidação vai sortear quatro carrões e 20 motos.” 20/02/2015 (p.1)</p>		
MEC	Substantivo masculino	Ministério da Educação.	Siglagem/Acrônimo.
Contexto(s) de uso	<p>“Pronatec: MEC adia divulgação de vagas.” 05/03/2015 (p. 11)</p> <p>“Se descumprir decisão Mec pode ser multado!.” 14 e 15/03/2015 (p. 9)</p> <p>“Professores na bronca com o MEC.” 18/03/2015 (p. 9)</p>		

MEME	Substantivo masculino	Montagem com imagens e textos curtos postados em redes sociais com finalidade humorística ou irônica.	Empréstimo do termo grego <i>mímesis</i> , pelo inglês (<i>mi</i>) <i>meme</i> significa “imitação”.
Contexto(s) de uso	“Galera tira sarro!: rolou chuva de ‘ meme ’ na net.” 09/01/2015 (p. 3) “Ninguém se salvou: Memes hilários.” 28 e 29/02/2015 (p. 7)		
METER	Verbo transitivo direto.	Golear.	‘A lexia ‘meter’ aparece no dicionário com o significado de: ‘Por dentro de, introduzir, fazer entrar’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Barça mete 5 no Elche.” 09/01/2015 (p. 14)		
MIMIMI	Substantivo masculino	Lamúria, reclamação.	Criação onomatopaica.
Contexto(s) de uso	“Fim do mimimi : Richarlyson é da Chapecoense.” 28/01/2015 (p. 14)		
MISERÊ	Substantivo masculino	O melhor jogador, aquele que arrasa.	Gíria.
Contexto(s) de uso	“FIFA vai escolher o ‘ miserê ’ de 2014.” 12/01/2015 (p. 12-13)		

MMA	Substantivo masculino	Do inglês: <i>Mixed Martial Arts</i> . Artes Marciais Mistas. Incluem tanto golpes de combate em pé quanto técnicas de luta no chão.	Siglagem/alfabetismo
Contexto(s) de uso	<p>“MMA: UFC enche o bolso na Suécia.” 26/01/2015 (p. 14)</p> <p>“Doping no MMA: Aranha leva um fora em luta contra acusações.” 06/02/2015 (p. 14)</p>		
MPL	Substantivo masculino	Movimento Passe Livre – movimento contrário ao aumento da tarifa dos ônibus.	Siglagem/alfabetismo.
Contexto(s) de uso	“Ações da MPL ” 06/01/2015 (p. 6)		
MOTÔ	Substantivo de dois gêneros	Equivalente a motorista.	Abreviação da lexia motorista.
Contexto(s) de uso	<p>“Motô se reta para abrir a traseira.” 23/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Abre o fundo, motô!”: Rodoviários reclamam de gozação dos passageiros.” 23/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Motôs com medo deixam Mata Escura sem transporte.” 27/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Motôs param as estações.” 13/02/2015 (p. 1)</p> <p>“Motô biritado atropela e mata criança de 2 anos.” 13/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Motô que atropelou criança responderá por homicídio.” 13/03/2015 (p. 3)</p>		
NA BOA	Loc. Adverbial	Estar confortável, tranquilo.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“Famosos festejam chegada de 2015 na boa .” 02/01/2015 (p. 1)		

NA BRUXA	Loc. Adverbial	Estar inquieto, apreensivo por algo, ou pela falta de algo.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	<p>“Planalto: Servidor na bruxa tenta abusar de garota.” 06/03/2015 (p. 5)</p> <p>“Tiros viram remédio contra jovem na bruxa.” 10/03/2015 (p. 5)</p> <p>“Polícia suspeita que matança pode ser vingança de traficantes. População está na bruxa!.” 11/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Localidade está na bruxa desde um assassinato cometido há quase um mês, ainda impune.” 14 e 15/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Quem passou no local ficou na bruxa com a chuva de bala.” 24/03/2015 (p. 1)</p>		
NA COCÓ	Loc. Adverbial	De forma inesperada.	Composição sintagmática
Contexto(s) de uso	<p>“Na cocó’: Jovem abordado se rende e é detonado.” 02/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Perigo: Bandidos pegam policial ‘na cocó’.” 08/01/2015 (p. 5)</p>		
NA COLA	Loc. Adverbial	Em busca, à procura de; tentando alcançar.	Composição sintagmática
Contexto(s) de uso	<p>“Flagrante: Polícia na cola dos ladrões de turistas.” 06/01/2015 (p. 5)</p>		
NEYMARZETE	Adjetivo	Refere-se à namorada do jogador de futebol Neymar.	[neymar + (z)ete] Base + sufixo formador de diminutivo e por vezes pejorativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“A Neymarzete: Advogada é a eleita do jogador.” 05/01/2015 (p. 16)</p>		
NHECO-NHECO	Substantivo Masculino	Relação sexual.	Criação onomatopaica.
Contexto(s) de uso	<p>“Em capô de carro: Casal é pego no flagra durante ‘nheco, nheco’” 12/01/2015 (p.11)</p>		

NÍVER	Substantivo masculino	Equivalente a lexia aniversário.	Abreviação da palavra aniversário.
Contexto(s) de uso	<p>“Em Bom Jesus dos Pobres, tem até níver de cachorro!.” 06/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Presentão: Elvis ganha banquete em níver.” 12/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Níver da cidade vai bombar!.” 12/03/2015 (p. 7)</p>		
OSID	Substantivo feminino	Obras Sociais Irmã Dulce (Osid)	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	<p>“Por uma casa nobre: Vá ao jogo e ajude a Osid.” 16/01/2015 (p. 14)</p>		
NO PAU	Loc. Adverbial	Quem responde ou coloca alguém em Processo judicial.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	<p>“No pau!: Se ligue nos casos fáceis de ganhar” 02/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Latino no pau: Ex-dançarina pensa em processar o cantor” 02/01/2015 (p. 17)</p>		
NORDESTÃO	Substantivo masculino	Campeonato de futebol regional, em que disputam o título times de futebol da região Nordeste do Brasil.	[nordeste + ão] Base mais sufixo formador de aumentativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Agora é Nordestão.” 03/03/2015 (p. 14)</p> <p>“Nordestão: Leão cheio de gás detona o Dragão.” 05/03/2015 (p.13)</p> <p>“Baêa está quase garantido na próxima fase do Nordestão.” 06/03/2015 (p. 1)</p>		
NOVINHO	Substantivo masculino	Adolescentes.	[novo + inho] Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Brotas: Novinhos tocam o terror em clínica.” 09/01/2015 (p. 5)</p>		

PAGOFUNK	Substantivo masculino	Ritmo musical que mistura características do pagode e do funk.	[pagode + funk] Mesclagem de duas lexias, as quais condensam os seus significados individuais na nova palavra, que apresenta um todo fonético com um único acento. Cruzamento vocabular.
Contexto(s) de uso	“Mr. Galiza, o rei do pagofunk , já está interessado na grana extra.” 17 e 18/01/2015 (p. 3) “Ex-Play Way o vocalista vai misturar a pegada do pagofunk com o groovel e promete cantar a realidade do povo.” 20/02/2015 (p. 1)		
PALETA	Substantivo feminino	A pé, andando.	Gíria
Contexto(s) de uso	“Longe do ponto: Na paleta até o buzu.” 20/01/2015 (p. 3)		
PAN	Substantivo masculino	Referente aos jogos Pan-Americanos.	Abreviação de Pan-Americano.
Contexto(s) de uso	“Melhores do Brasil na São Silvestre de olho no Pan .” 02/01/2015 (p.15) “Rúgby: Brasil quer vaga para o Pan-2015 .” 10 e 11/01/2015 (p.14)		
PATRÃO	Substantivo masculino	Aquele que está em posição de destaque.	Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Se jogue: Dá para curtir de patrão sem gastar muito.” 04/02/2015 (p. 7)		
PAU DE SELFIE	Substantivo masculino	Bastão metálico, usado para tirar fotos de si próprio, sozinho ou com grupo de pessoas.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“Muambeiro: Baiano ‘cai’ no Rio com 200 paus de selfie .” 30/01/2015 (p. 5)		

PAULISTÃO	Substantivo masculino	Campeonato de futebol que ocorre entre todos os times do Estado de São Paulo.	[paulist + ão] o radical do adjetivo paulista unido ao sufixo formador de aumentativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Paulistão: Corinthians atropela Marília no Itaquerão.” 02/02/2015 (p. 4)</p> <p>“Paulistão: Timão vence e Tricolor só empata.” 02/03/2015 (p. 5)</p>		
PEGADOR	Adjetivo e substantivo masculino.	Homem conquistador, que se relaciona com muitas mulheres de forma fortuita.	Lexia dicionarizada como ‘aquele que pega’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“No Leão, Saimon é zagueiro pegador... de mulher também!” 07/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Alô, mulherada, o pegador já chegou.” 07/01/2015 (p. 13)</p>		
PEGAR AR	Locução adverbial	Ficar zangado (a).	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	<p>“Nervosismo: Cristiano Ronaldo pegou ar.’ e chegou a dar chutes sem bola em jogador adversário.” 27/01/2015 (p. 14)</p> <p>“Mulher de Kaká pega ar’ na net: Carol Celico está retada com fofoca de blogueira.” 28/01/2015 (p. 16)</p> <p>“Estresse total: Amanda pega ar com piadinhas.” 30/01/2015 (p. 24)</p> <p>“Filha de Gretchen pegou ar quando Marcos Feliciano a chamou de ‘anta’.” 25/02/2015 (p. 1)</p> <p>“Mãe de Talita pega ar com críticas à filha.” 03/03/2015 (p. 1)</p>		
PELÔ	Substantivo masculino.	Refere-se ao bairro do centro histórico da cidade do Salvador-BA chamado Pelourinho.	Abreviação de Pelourinho.
Contexto(s) de uso	<p>“Polícia sacode o Pelô e prende sete.” 17 e 18/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Domingo tem rock e forró no Pelô.” 23/01/2015 (p. 17)</p>		

PETROLÃO	Substantivo masculino.	Petrolão é o nome dado ao esquema de corrupção e desvio de fundos da Petrobras, a maior empresa estatal brasileira.	[petró + (l)ão] Radical da palavra ‘petróleo’ unido ao sufixo formador de aumentativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“A casa caiu!: Tem baiano no petrolão. ” 7 e 8/03/2015 (p. 1)		
PIPOCA	Substantivo feminino	Brincar o carnaval de Salvador fora dos blocos de trio.	A lexia encontra-se dicionarizada como ‘grão de milho estourado com o calor que se come salgado ou adoçado’ Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“ Pipoca terá 36 atrações de peso sem corda!.” 10/02/2015 (p. 6) “ Pipoca explode na folia.” 18/02/2015 (p. 1)		
PIRADA	Adjetivo	Chateada, revoltada.	A lexia ‘pirada’ encontra-se dicionarizada com o significado de ‘que pirou, endoidou’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Regras FIES: Empresas de educação piradas com o governo.” 08/01/2015 (p. 11)		

PORCO	Substantivo masculino	Clube de futebol: Sociedade Esportiva Palmeiras.	O porco representa o mascote do Palmeiras. Assim, por extensão semântica chamam o time pelo nome do mascote. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Vitória: Depois da Raposa, o cardápio é Porco.” 20/01/2015 (p. 12-13)</p> <p>“Fora contra o Porco: Ayrton e Luiz Gustavo não puderam ajudar o Leão diante do Palmeiras.” 22/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Bode quer sujar o Porco: Vitória da Conquista recebe o Palmeiras, hoje, pela primeira fase da Copa do Brasil.” 04/03/2015 (p. 13)</p> <p>“Passeio: Porco bate seguro no Bode.” 05/03/2015 (p. 13)</p>		
PREJU	Substantivo masculino	Dano, perda.	Abreviação da palavra prejuízo.
Contexto(s) de uso	<p>“O sonho da grana fácil virou pesadelo e ela amarga o preju.” 16/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Mulher recebe mensagem dizendo que foi premiada mas leva preju de R\$ 15 mil.” 16/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Água suja espanta banhistas e dá ‘preju’.” 19/01/2015 (p. 3)</p> <p>“Doping pode gerar preju.” 20/01/2015 (p. 14)</p> <p>“Comerciantes no maior preju: Comida e equipamentos no lixo.” 04/03/2015 (p. 3)</p>		
PRF	Substantivo masculino	Polícia Rodoviária Federal.	Siglagem/alfabetismo.
Contexto(s) de uso	<p>“No mesmo período, a PRF flagrou um total de 122 condutores por dirigirem alcoolizados.” 06/01/2015 (p. 6)</p>		

PRONATEC	Substantivo masculino	O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (<i>Pronatec</i>) é um dos programas do Governo Federal.	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“ Pronatec : MEC adia divulgação de vagas.” 05/03/2015 (p. 11)		
PRÓ	Substantivo feminino	Quem ensina, professora algo.	Abreviação da lexia professora.
Contexto(s) de uso	“Piso salarial de prós passa para R\$1917.” 07/01/2015 (p. 1) “ Pró sumida há 4 dias tem fim trágico.” 7 e 8 /03/2015 (p. 1) “Sumiço de pró tem desfecho pavoroso.” 7 e 8 /03/2015 (p. 6)		
PROUNI	Substantivo masculino.	Programa Universidade para Todos. Um programa do Governo Federal que concede bolsas integrais e parciais a estudantes de graduação em instituições privadas de ensino superior.	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“Inscrições para o Prouni vão até o dia 29. Se ligue!.” 26/01/2015 (p. 11) “Educação: ProUni divulga lista com relação de aprovados.” 20/02/2015 (p. 11)		
RABO DE FOGUETE	Substantivo masculino	Situação difícil, desfavorável.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“Marido cruel: Entrou em ‘ rabo de foguete ’.” 20/02/2015 (p. 4)		

RALI	Substantivo masculino	O campeonato mais longo e difícil de rali do mundo em que competem as categorias de automóveis, motos, caminhões e quadrículos.	Empréstimo, do inglês <i>rallye</i> = um estilo de esporte motorizado.
Contexto(s) de uso	<p>“Rali Dakar: Espanhol lidera após duas etapas nas motos.” 06/01/2015 (p. 15)</p> <p>“Rally Dakar: Príncipe do Catar dá as cartas entre os carros.” 14/01/2015 (p. 14)</p>		
REALITY	Substantivo masculino	Gênero de programa televisivo.	<i>Reality</i> = realidade. Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	“BBB 15: Reality estreia com 13 brothers.” 14/01/2015 (p.16)		
REGGAE	Substantivo masculino	Festa, comemoração.	Consta no dicionário a designação da lexia para ‘musica popular jamaicana’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Que nada, o reggae rola solto dentro da Lemos Brito, onde vive a galera que cumpre pena.” 03/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Reggae tem churrasco e muita ‘cerva’.” 03/03/2015 (p. 3)</p> <p>“Danilo, de apenas 14 anos, tombou com três tiros na cabeça um dia depois do reggae.” 04/03/2015 (p.1)</p>		

RAPOSA	Substantivo feminino	Time de futebol: Cruzeiro Esporte Clube.	A raposa representa a mascote do Cruzeiro. Assim, por metáfora chamam o time pelo nome da mascote. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Vitória: Depois da Raposa, o cardápio é Porco.” 20/01/2015 (p. 12-13)</p> <p>“Tricolor pode emprestar Pará ao Cruzeiro e contar com Gilson e Souza, da Raposa.” 20/01/2015 (p. 13)</p> <p>“No quase: Baêa se atrapalha com a Raposa.” 19/03/2015 (p. 13)</p>		
RESPONSA	Substantivo feminino	Atenção, cuidado.	Abreviação da palavra responsabilidade.
Contexto(s) de uso	“Lazer com responsa é bom.” 05/01/2015 (p. 10)		
ROLEZINHO	Substantivo masculino	Passeio entre adolescentes, sobretudo, moradores de bairros periféricos, organizado geralmente pelas redes sociais. Acontece em praças e shoppings com o intuito de se divertirem ou praticar delitos como uso de drogas e furtos.	[role + -(z)inho] Base + sufixo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Pouca idade, muito perigo: Polícia coloca freio em ‘ rolezinho ’ criminoso.” 05/01/2015 (p. 4)		

RONDESP	Substantivo feminino	A RONDESP é um batalhão especial de polícia do Estado da Bahia .	Siglagem/acrônimo.
Contexto(s) de uso	<p>“Armados: Rondesp pega 2 em Mata Escura.” 26/01/2015 (p. 4)</p> <p>“PM da Rondesp mete bala em deficiente.” 30/01/2015 (p. 4)</p>		
RÚGBY	Substantivo masculino	É um esporte coletivo de intenso contato físico, originário da Inglaterra. Concebido inicialmente como uma variação do futebol, hoje apresenta diferentes modalidades.	Estrangeirismo vindo do inglês.
Contexto(s) de uso	<p>“Rúgby: Brasil quer vaga para o Pan-2015.” 10 e 11/01/2015 (p. 14)</p>		
SACI	Substantivo masculino	Termo popular em Salvador (BA) que define as pessoas viciadas em crack ou usuário de drogas pesadas em geral.	Para fumar a pedra de crack é preciso ter uma espécie de cachimbo improvisado o que remete ao personagem Saci-Pererê do folclore brasileiro. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Todo errado!: Saci cai com 261 pedras de crack.” 24 e 25/01/2015 (p. 4)</p> <p>“No saci da pedra, grupo assalta o ex-governador.” 27/01/2015 (p. 5)</p>		

SACODE	Substantivo masculino	Revista policial.	<p>Sacode é a forma verbal da 2ª pessoas do singular do presente do indicativo e 1ª pessoas do singular do presente do afirmativo.</p> <p>Verificamos que o significado do verbo sacudir: “agitar-se, pôr-se em movimento” não corresponde ao significado do termo encontrado.</p> <p>Neologismo semântico.</p>
Contexto(s) de uso	“Baculejo: Polícia sacode o Pelô e prende sete.” 17 e 18/01/2015 (p. 4)		
SANDUBA	Substantivo masculino	Sanduíche	Abreviação de sanduiche.
Contexto(s) de uso	“Maconha e cocaína recheavam o ‘ sanduba especial’.” 21 e 22/02/2015 (p. 4)		
SARRAFO	Substantivo masculino	Pancada; agressão.	<p>A lexia está dicionarizada como: ‘pedaço de madeira, estreito e comprido’.</p> <p>Neologismo semântico.</p>
Contexto(s) de uso	<p>“Brotas: Suspeito leva sarrafo do povo.” 03-04/01/2015 (p. 4)</p> <p>“Moradores dizem que a PM baixa o sarrafo até em gente de bem na área.” 22/01/2015 (p. 5)</p>		

SEFAZ	Substantivo feminino	Secretaria Estadual da Fazenda.	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“Compras: Varejistas espertinhos vão sobrar com a Sefaz .” 13/01/2015 (p. 11)		
SEGUNDONA	Adjetivo	Equivalente a segunda divisão ou serie B.	[segunda + -ona] Base + forma feminina adjetival do sufixo formador de aumentativo “-ona”. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“Pegada de segundona .” 06/01/2015 (p. 12-13)		
SE LIGAR	Verbo pronominal	Ficar atento, prestar atenção.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	<p>“No pau!: Se ligue nos casos fáceis de ganhar.” 02/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Se ligue na agenda!” 02/01/2015 (p.11)</p> <p>“Se ligue nos 61 itens que as escolas não podem pedir.” 06/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Se ligue: prefeitura vai ouvir a voz dos bairros.” 08/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Energia: Se ligue para não tomar susto com a conta de luz.” 08/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Se ligue!: Canto da Rua vai alterar tráfego na Pituba.” 10 e 11/01/2015 (p.6)</p> <p>“Se ligue na cor do que come.” 13/01/2015 (p. 23)</p> <p>“Se ligue na correção da prova.” 14/01/2015 (p. 3)</p> <p>“Se ligue: trânsito muda segunda no Iguatemi”. 16/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Se ligue!: Vistorias de vans já estão rolando.” 20/01/2015 (p. 9)</p> <p>“Inscrições para o Prouni vão até o dia 29. Se ligue!” 26/01/2015 (p. 11)</p> <p>“Até Lauro de Freitas: Se ligue nos detalhes do roteiro.” 06/02/2015 (p. 11)</p> <p>“Tudo delas!: Se ligue no show das poderosas.” 07 e 08/03/2015 (p. 3)</p>		

SE PICAR	Verbo pronominal	Ir embora.	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	“Lomba se picou para a Ponte, mas o matador volta ao Esquadrão para infernizar as defesas adversárias.” 07/01/2015 (p. 1)		
SHOWZAÇO	Substantivo masculino	Grande show.	[show + -aço] Base + sufixo formador de aumentativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“ Showzaço em casa na Pituba.” 09/01/2015 (p. 20) “ Showzaços perto de Salvador.” 31/01/2015 (p. 20)		
SISTER	Substantivo feminino	Participantes do reality show BBB do sexo feminino.	Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	“Bafão: Mãe de sister pode torcer contra.” 19/02/2015 (p. 1) “ Sister não gosta de receber cosquinhas do companheiro.” 27/02/2015 (p. 24)		
SLACKLINE	Substantivo masculino	A base do esporte está em se equilibrar em uma fita de nylon estreita e muito flexível, que deve ter suas extremidades fixadas em árvores, postes e rochas.	Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	“André Menegatti afirma que o slackline desenvolve a mente e o corpo.” 03 e 04/01/2015 (p. 13)		

SOCADA	Adjetivo	Cheia, repleta.	No dicionário há o significado de Amassado, que levou socos, escondido, gordo. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Barroquinha: Rua socada de porcaria.” 08/01/2015 (p. 7)		
SOFRÊNCIA	Substantivo feminino	Sofrimento provocado pela dor do abandono, traição ou ausência da pessoa amada. Popular “dor de cotovelo”.	[sofr + ência] Radical do verbo ‘sofrer’ mais o sufixo nominal, de origem latina, que entra na formação de substantivos abstratos e designa estado correspondente ao sentido da palavra primitiva. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	<p>“Sofrência: Tayrone celebra hits do axé em ritmo de arrocha.” 31/01/2015 (p. 6)</p> <p>“Sofrência faz brothers se acabarem no choro.” 20/02/2015 (p. 24)</p> <p>“No primeiro clássico do ano, sobrou sofrência.” 02/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Haja sofrência! Arrocheiros estão de luto: Jangada é demolido e o que restava do Língua de Prata também.” 12/02/2015 (p. 1)</p>		

SOLDADOS	Substantivo masculino	Pessoas que defendem o crime organizado e seus agentes na região da Mata Escura em Salvador – BA	Uma das definições para ‘soldado’ é ‘qualquer militar’, nesse caso seria militar do crime organizado. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“‘Soldados’ de Mata Escura barbarizam!” 24 e 25/01/2015 (p.3)		
SONRISAL	Adjetivo	Ironia ao asfalto cheio de buracos no bairro Vista Alegre de Salvador-BA.	A palavra ‘sonrisal’ de substantivo passa para adjetivo. Conversão ou derivação imprópria
Contexto(s) de uso	“Vista Alegre: Asfalto ‘sonrisal’.” 03 e 04/01/2015 (p. 7)		
SUCOM	Substantivo feminino.	Superintendência de Controle e Ordenamento do Solo do Município (SUCOM) faz parte da Secretaria Municipal de Urbanismo de Salvador – BA	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“Montagem: Sucom passa o rodo geral.” 15/01/2015 (p. 7)		

STAND UP PADDLE	Substantivo Masculino	Esporte aquático que consiste em remar em pé sob uma embarcação na superfície da água com auxílio de um remo.	Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	“O stand up paddle pode ser praticado por pessoas de qualquer faixa etária e sem qualquer preparação física.” 03 e 04/01/2015 (p. 12)		
TELONA	Substantivo feminino	Tela de cinema	[tela + -ona] Base + sufixo formador de aumentativo. Derivação sufixal.
Contexto(s) de uso	“PM baiana vai para a telona .” 20/02/2015 (p. 3)		
TETEIA	Substantivo feminino	Dinheiro.	A lexia ‘teteia’ está dicionarizada com o significado de ‘brinquedo de criança, moça atraente’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“Professores terão uma teteia a mais.” 07/01/2015 (p. 11)		
TCHUCO NO TCHACO	Substantivo masculino.	Nome da musica da banda baiana de pagode Parangolé. A expressão ‘tchuco no tchaco’ faz referência à relação sexual.	Criação onomatopaica.
Contexto(s) de uso	“No início o ‘ tchuco no tchaco ’ invadiu a Barra, mas depois, a gandaia azezeira tomou conta com Durvalino e cia.” 13/02/2015 (p. 1)		

TIGRE	Substantivo masculino.	Time de futebol do interior da Bahia: ‘Colo-Colo de Ilhéus’.	O tigre é o mascote do Colo-Colo. Assim, por metáfora chamam o time pelo nome do mascote. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	“ Tigre pronto para morder.” 05/01/2015 (p. 13)		
TIMÃO	Substantivo masculino	Refere-se ao time de futebol Corinthians.	Dicionarizado com o significado de ‘leme’, peça atrelada aos animais’. Neologismo semântico
Contexto(s) de uso	<p>“Copa Flórida: Timão tenta sair com moral nos EUA.” 17 e 18/01/2015 (p. 15)</p> <p>“Timão quer acabar com fantasma.” 04/02/2015 (p. 14)</p> <p>“Paulistão: Timão vence e Tricolor só empata.” 02/03/2015 (p. 5)</p> <p>“Timão bate o São Paulo no Morumbi.” 09/03/2015 (p. 1)</p> <p>“Timão mantém a escrita no Morumbi.” 09/03/2015 (p. 6)</p>		
TOCA DO LEÃO	Substantivo feminino.	Apelido do Complexo Esportivo Benedito Dourado da Luz – pertencente ao time ‘Vitória’ de Salvador – BA	Composição sintagmática.
Contexto(s) de uso	<p>“Amaral e Saimon também aparecem na Toca do Leão.” 06/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Saimon desembarca na Toca do Leão com a fama – e a comprovação – de que gosta de curtir a vida com o mulheril.” 07/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Elton já está na Toca do Leão.” 29/01/2015 (p. 13)</p>		

TOP	Adjetivo	O que está em destaque, no topo.	Estrangeirismo da língua inglesa.
Contexto(s) de uso	“Ostentação: Carnaval nos bairros só terá artista top! .” 16/01/2015 (p. 6)		
TRAMPAR	Verbo Intransitivo	Trabalhar.	[tramp + ar] O substantivo ‘trampo’ associado ao sufixo verbal ‘ar’ temos neologismo por derivação sufixal. Ambos se originam da palavra <i>tripalium</i> (latim), que teria originado a palavra trabalho.
Contexto(s) de uso	“Quer trampar ? Há 561 postos temporários.” 12/01/2015 (p. 10)		
TRE	Substantivo masculino	Tribunal Regional Eleitoral	Siglagem/alfabetismo.
Contexto(s) de uso	“SAC comércio: Posto do TRE volta a funcionar.” 10 e 11/01/2015 (p. 6)		
TRICOLEADERS	Substantivo feminino	Líderes da torcida do ‘Bahia’	[tricolor + leaders] Fusão da palavra ‘tricolor’ com a palavra estrangeira ‘leaders’. Cruzamento vocabular.
Contexto(s) de uso	“ Tricoleaders chamam mulherada para o jogo de domingo.” 7 e 8/03/2015 (p. 1)		

TRICOLOR	Substantivo masculino	Lexia que designa na Bahia o time de futebol “Bahia” da cidade de Salvador-BA	[tri + color] Dicionarizado como ‘que tem três cores’. Por extensão semântica passa a designar o time do Bahia, cuja bandeira tem três cores. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Tricolor merece volta por cima de presente.” 02/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Dois atletas formados na base tricolor ganharão nova chance em 2015.” 02/01/2015 (p. 12)</p> <p>“Bahia: Zagueiro pede para sair do Tricolor.” 13/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Reforço na zaga: Chicão e Thales estão no tricolor.” 17 e 18/01/2015 (p. 14)</p> <p>“Tricolor pode emprestar Pará ao Cruzeiro e contar com Gilson e Souza, da Raposa.” 20/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Bahia: Tricolor pronto para o Ba-Ba.” 24 e 25/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Um início ruim para tricolores e rubro-negros no Baianão 2015.” 02/02/2015 (p. 1)</p> <p>“Paulistão: Timão vence e Tricolor só empata.” 02/03/2015 (p. 5)</p> <p>“Confira tabela da Série B: Leão estreia com Sampaio Corrêa e tricolor pega América-MG.” 06/03/2016 (p. 1)</p>		
TUK TUK	Substantivo masculino	Triciclo motorizado para o transporte de passageiros.	Estrangeirismo vindo do tailandês.
Contexto(s) de uso	<p>“Não sabe o que é TukTuk? Aí vai a explicação: é um triciclo motorizado para transporte de passageiros.” 12/01/2015 (p. 24)</p>		
TWEET	Substantivo masculino	Publicação feita na rede social Twitter.	Estrangeirismo vindo do inglês.
Contexto(s) de uso	<p>“Top tweets.” 12/01/2015 (p. 8)</p>		

UEFA	Substantivo feminino.	<i>Union of European Football Associations</i> que em português significa União das Federações Europeias de Futebol. Órgão que administra o futebol europeu.	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“Ali Bom Al Hussein é vice-presidente da entidade e tem o apoio da Uefa de Platini nas eleições, em maio.” 07/01/2015 (p. 14)		
UFBA	Substantivo feminino	Universidade Federal da Bahia.	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	“Só em Salvador, são 4.746, entre Ufba e Uneb, dando sopa. Fique ligado: as inscrições serão feitas na próxima semana, com a nota do Enem, que sai hoje.” 13/01/2015 (p. 1) “Jaguaribe: Professor da Ufba detido por usar maconha.” 26/02/2015 (p. 4) “ Ufba com pulga atrás da orelha.” 26/02/2015 (p. 11)		
UFC	Substantivo masculino	Ultimate Fighting Championship (UFC) é uma organização de MMA que produz eventos ao redor de todo o mundo.	Sigla/alfabetismo
Contexto(s) de uso	“Outros resultados do UFC 182.” 05/01/2015 (p. 11) “Carla Esparza, campeã do peso palha do UFC , é pura ostentação.” 07/01/2015 (p. 15) “MMA: UFC enche o bolso na Suécia.” 26/01/2015 (p. 14) “ UFC veta transmissão ao vivo na TV Globo.” 28/01/2015 (p. 14) “Lutador brasileiro agora é o mais rico do UFC . Ele já papou R\$ 13 mil.” 04/02/2015 (p. 16) “ UFC : Anderson Silva em queda livre no ranking.” 04/03/2015 (p. 15)		

UNEB	Substantivo feminino	Universidade Estadual da Bahia	Sigla/acrônimo.
Contexto(s) de uso	<p>“Só em Salvador, são 4.746, entre Ufba e Uneb, dando sopa. Fique ligado: as inscrições serão feitas na próxima semana, com a nota do Enem, que sai hoje.” 13/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Até o dia 22: Uneb oferece bolsa de estudo para a galera de baixa renda.” 14/01/2015 (p. 11)</p>		
URUBU	Substantivo masculino.	Time de futebol do Club de Regatas do Flamengo.	<p>Chamam o time pelo nome do animal que representa o mascote.</p> <p>Verifica-se uma atribuição semântica por metáfora.</p> <p>Neologismo semântico.</p>
Contexto(s) de uso	<p>“Flamengo: Montillo pode pintar no Urubu.” 21/01/2015 (p. 15)</p> <p>“Urubu bate no São Paulo e fatura torneio em Manaus.” 26/01/2015 (p. 13)</p> <p>“Urubu entra no G-4 graças a artilheiro.” 09/03/2015 (p. 9)</p>		
URUCA	Substantivo feminino	Má fase; falta de sorte.	Abreviação de ‘urucubaca’.
Contexto(s) de uso	<p>“Leão sobe a colina para espantar a uruca.” 13/01/2015 (p. 1)</p>		
VALE NIGTH	Substantivo masculino	Permissão para as pessoas comprometidas irem a festas sozinhas.	<p>[vale + nighth]</p> <p>A palavra ‘vale’ significa recibo, associada a palavra ‘nighth’, do inglês = noite. Híbrido.</p>
Contexto(s) de uso	<p>“É o amor: Eles não estão nem ai pro tal de ‘vale nighth’.” 14 e 15/02/2015 (p. 7)</p>		

VISU	Substantivo masculino	Aparência, estilo, equivale a visual.	Abreviação da palavra visual.
Contexto(s) de uso	<p>“Fãs do príncipe têm ‘visu’ próprio: simples, mas ostentação.” 18/02/2015 (p. 4)</p> <p>“Visu de Adrilles incomoda.” 06/03/2015 (p. 24)</p>		
XABU	Substantivo masculino	Falha.	Gíria.
Contexto(s) de uso	<p>“Não é tão simples assim: as tentativas deram xabu.” 12/03/2015 (p. 1)</p>		
XENHENHÉM	Substantivo Masculino	Virose pós-carnaval.	No dicionário o significado a lexia ‘xenhenhém’ é ‘genitália feminina’, ‘vulva’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Xenhenhém derruba o folião após o carnaval.” 20/02/105 (p. 1)</p> <p>“Ninguém resiste ao Xenhenhém.” 20/02/2015 (p. 6)</p>		
XENHENHÉM	Substantivo masculino	Relação sexual.	No dicionário o significado a lexia ‘xenhenhém’ é ‘genitália feminina’, ‘vulva’. Neologismo semântico.
Contexto(s) de uso	<p>“Doido para fazer um ‘xenhenhém’.” 18/02/2015 (p. 4)</p>		

ZAP-ZAP	Substantivo masculino	Designação para o aplicativo <i>WhatsApp</i> .	A partir da segmentação fonética [zap] contido na palavra estrangeira ‘What(sAp)p’, ocorre a formação por reduplicação.
Contexto(s) de uso	<p>“[...] dois deles menores de 18 anos dançaram após postar vídeo com a execução de um rival no ‘Zap-Zap’.” 06/01/2015 (p. 1)</p> <p>“Bando mata, grava e joga no ‘zap-zap.’ 06/01/2015 (p. 3)</p> <p>“Redes sociais: ‘Zap-zap’ ajuda a prender o tarado do buzu.” 04/03/2015 (p. 4)</p> <p>“Aviso pelo ‘zap-zap’ sobre confrontos: Traficante Jerry manda recado.” 30/03/2015 (p. 14)</p>		

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação tratou da neologia do português registrada em um periódico popular destinado, sobretudo, aos moradores da Região Metropolitana de Salvador (BA). Foi apresentado o percurso do trabalho em neologia desde a delimitação do conceito em estudo, passando pela exposição da metodologia adotada na recolha dos neologismos e pela apresentação dos resultados, para, por fim, identificar os processos de formação de palavras presentes no *corpus* escolhido.

Tivemos como principal objetivo a elaboração de um *corpus* de vocábulos neológicos, constantes nos 70 exemplares do jornal *Massa!*, referentes às edições de 2 de janeiro de 2015 a 30 de março de 2015. Em seguida, buscamos organizar os dados, classificando-os do ponto de vista morfosintático e semântico; descrever os processos de formação de palavras identificados; verificar a estrutura e o dinamismo de enriquecimento do universo léxico; e contribuir para a descrição do universo lexical do português baiano, considerando ser uma linguagem empregada no dia a dia por um determinado segmento da população do estado.

Como vimos no primeiro capítulo, a língua é um sistema dinâmico, mas os conceitos que seus signos carregam foram formulados e cristalizados ao longo do tempo a partir das relações entre ser humano, língua e sociedade. Os falantes elaboram o seu código linguístico, e o léxico, pelo fato de ser um mundo construído, está a todo o momento se modificando em função das experiências comunicativas dos seus usuários.

Assim, a mudança e renovação do léxico estão submetidas à função social de estabelecer um vínculo entre os moradores de uma comunidade e destes com o mundo que os cerca. Por isso, os trabalhos mais recentes no âmbito dos estudos lexicais consideram o emissor objeto de análise para a compreensão dos fenômenos linguísticos, antes voltados exclusivamente para os elementos estruturais das palavras.

A renovação do léxico está em consonância com as mudanças verificadas nas comunidades. Ao passo que surgem outros eventos, fenômenos e descobertas, são necessárias palavras novas ou conceitos novos para palavras já existentes. Para tanto, temos os neologismos, que proporcionam a atualização do acervo lexical de uma dada língua.

Para desenvolver uma pesquisa a respeito da mudança lexical, é preciso selecionar um *corpus* que apresente uma linguagem atual e, principalmente, transcrições de termos próprios da comunicação oral de um determinado grupo. Nossa escolha pelo jornal *Massa!*

partiu da hipótese de que nele encontraríamos um vocabulário especial, possivelmente de uso específico de certos grupos sociais, com variados tipos de neologismos lexicais.

As mudanças no léxico não ocorrem de maneira desarticulada com as novidades sociais. Desta forma, seria possível, a partir do levantamento dos itens neológicos, estabelecermos uma relação entre a língua e a cultura da comunidade baiana, seu comportamento, seus anseios e certas transformações sociais. A imprensa, neste contexto, oficializaria as mudanças iniciadas pela atividade oral, dando ao signo *status* suficiente para a circulação em meio escrito.

Como pensávamos, esta busca tornou-se produtiva com a seleção de 203 neologismos distribuídos em 16 processos de formação de palavras, dos quais o mais frequente foi a neologia semântica, com 44 ocorrências. Quanto aos tipos, o neologismo formal foi o que se fez mais presente, abrangendo 102 palavras.

As lexias encontradas compreendem diversos temas, como tecnologia (*app*, *call center*, “zap-zap”), segurança (“baculejo”, BOPE, “sacode”, DHPP, Rondesp), educação (ENEM, FIES, Prouni, UFBA, UNEB), transporte (“tuk tuk”, “buzu”), inventos (“castramóvel”, *food truck*), entre outros. Contudo, assinalamos que o maior número de vocábulos – 18 e 45 lexias, respectivamente – está ligado aos temas esporte (“Baianão”, “BA-VI”, etc) e festa (“abadabraço”, “pagofunk”, etc).

A partir da classificação dos neologismos por tema, identificando os mais constantes, percebemos quais os principais interesses da comunidade à qual se destina o periódico. Observamos que há uma relação com assuntos e situações atuais e que a linguagem não se restringe ao vocabulário dos bairros populares da região metropolitana de Salvador. As palavras não permanecem estanques em uma determinada sociedade, mas transmigram por diferentes culturas e lugares. Do mesmo modo que empregamos palavras oriundas de outras regiões, as lexias aqui criadas podem fazer parte do vocabulário de brasileiros de outros estados ou estrangeiros que entrem em contato com a cultura local. Nesse sentido, as novas palavras vistas no jornal *Massa!* representam o percurso natural das mudanças em uma língua.

Considerando que o jornal atende a um público específico, podemos afirmar que se trata de uma linguagem empregada, sobretudo, pelos moradores dos bairros populares da capital baiana. No entanto, notamos que muitas dessas palavras também fazem parte do vocabulário de moradores do centro da cidade e também do interior da Bahia. Por exemplo, a lexia “barril” (situação difícil ou perigosa), é utilizada longe do significado dicionarizado, uma mudança semântica que se dá em praticamente todo o estado. A lexia “buzu” (ônibus)

também é corriqueira na Bahia, enquanto a lexia “meme” se refere a um tipo específico de postagem popular nas redes sociais. Palavras estrangeiras *make* e *bike* foram difundidas pela mídia e, assim, incorporadas pelos falantes do português em quaisquer regiões do Brasil.

Outras lexias, como “prós”, “dindim” e “zap-zap”, por possuírem uma construção permitida pelos processos de formação da língua, em breve poderão fazer parte do vocabulário dos demais brasileiros. Com o tempo, talvez passem a figurar, até mesmo, na língua padrão, constando nos dicionários e gramáticas tradicionais.

Nesta pesquisa, atestamos as possibilidades do sistema léxico de formar palavras, sejam neologismos formais ou semânticos, e a competência dos falantes para produzir e compreender novos itens aceitáveis pelo sistema. Esperamos, portanto, contribuir com o estudo da mudança lexical ao disponibilizarmos um material neológico representativo de um segmento da população baiana que possa servir de base para futuros trabalhos na área da lexicologia.

REFERÊNCIAS

- ALI, Manuel Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho**. 2004. 273f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- ANDRADE, Katia Emmerick. Cruzamento vocabular. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre (Org.). **Processos “marginais” de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016. p. 33-55.
- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995. 160p.
- ANTUNES, Mafalda. **Neologia de imprensa no português**. 2012. 291f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras de Lisboa, Departamento de Linguística Geral e Românica. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6488>>. Acesso em: 15 out. 2016.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Maiores jornais do Brasil**. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em: 25 out. 2016.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. **Teoria lexical**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. 94p.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERTHIER, C. A.; SILVA, P. Jornalismo popular: não necessariamente sensacionalista. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 5, n. 2, abr./2012. Disponível em: <<http://www.itpac.br/arquivos/Revista/52/1.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2016.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE ANDALUCÍA. **Pliegos de cordel**. <http://www.bibliotecavirtualdeandalucia.es/opencms/raros-escaparte/015pliegos_cordel.html>. Acesso em: 10 nov. 2016.

CARVALHO, Nery Medeiros de. Fundamentos da criação neológica. In: CARVALHO, Nelly Medeiros de (Org.). **Criação neológica: teoria e prática**. Curitiba: Appris, 2012. p. 11- 47.

_____. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Linguagem jornalística: aspectos inovadores**. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura de cordel**. Disponível em: <<http://edtl.fcs.unl.pt/business-directory/6265/literatura-de-cordel/>>. Acesso em: 28 out. 2016.

CORREIA, Margarida; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.

DALMONTE, E. F.; RIBEIRO, M. S. L. Jornal Massa!: uma tentativa de apropriação dos modos de vida do leitor modelo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013. **Resumos...** Manaus, Manaus Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1023-1.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2015.

DICIONÁRIO ONLINE DO PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 10 set. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222p.

_____. **Novo dicionário Aurélio**: versão 7.0. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2012.

FUJIWARA, Érika Yurie. **A criação de neologismos de base japonesa por falantes de português**. 2014. 143f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2148/1/ÉRIKA%20YURIE%20FUJIWARA.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

_____; VIALLI, Luciana de Albuquerque Daltio. Reduplicação. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre (Org.). **Processos “marginais” de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016. p. 57-75.

GUILBERT. Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Houaiss online**: versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JORNAL MASSA!. **Acervo digital**. Disponível em: <<http://edicaodigital.atarde.uol.com.br/massa/acervo.xhtml>>. Acesso em: 20 out. 2016.

KEHDI, Valter, **Formação de palavras em português**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2007.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2006. 78p.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LIMA, Bruno Cavalcante. Siglagem. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre (Org.). **Processos “marginais” de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016. p. 99-119.

LOPES, Paula Cristina. **Jornalismo e linguagem jornalística**: revisão conceptual de base bibliográfica. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-linguagem.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MADRUGA, Alexandre Carlos Nunes. **O crescimento do jornalismo popular e a retração do sensacionalismo no Rio de Janeiro**: um estudo de caso dos jornais Extra e Meia Hora. 2009. 75f. Monografia (conclusão de curso) – Centro de Comunicação Social, Centro Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro.

MARQUILHAS, Rita. **Colportage**. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6294/colportage/>>. Acesso em: 28 out. 2016.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2008.

MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. 4. ed. Tradução de Jorge de Morais-Barbosa. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MORATO, Ruy Maurício Azevedo. **Neologismos e desenvolvimento da competência lexical, a partir de Querô**: uma reportagem maldita. 2012. 101f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

MUSEO Internacional del Estudiante. **Pliegos de cordel**. Disponível em: <http://www.museodelestudiante.com/Pliegos_de_Cordel/CoplasNuevasGlosadasEnDecima.htm>. Acesso em: 15 out. 2016.

NASCIMENTO, Thairane de Jesus. **Inovações lexicais em A Varanda do Frangipani de Mia Couto**. 2016. 82f. Monografia (Especialização) – Curso de Especialização em Linguística e Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

NOUGUÉ, Carlos. **Suma gramatical da língua portuguesa: gramática geral e avançada**. São Paulo: É Realizações, 2015.

OLIVEIRA, Márcia Regina Alves Ribeiro. **Jornal Popular X jornal tradicional: análise léxico-gramatical da notícia a partir da linguística de corpus**. **Veredas on-line – linguística de corpus e computacional**, Juiz de Fora, Fev./2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/11/ARTIGO-Márcia-Regina-Alves-Ribeiro-Oliveira1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um olhar léxico-semântico sobre o vocabulário regional em Agruras da Lata D'água de Jessier Quirino**. 2006. 106f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

O PRIMEIRO jornal popular da Bahia. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/materias/imprimir/1253619>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso da sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PILLA, Éda Heloisa. **Os neologismos do português e a face social da língua**. Porto Alegre: Age, 2002.

PLATÃO. **Crátilo ou sobre a correção dos nomes**. Tradução de Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Paulus, 2014.

RAMOS, Cleidiana. **Conheça o Massa!, O primeiro jornal popular da Bahia. A Tarde**, Salvador, 18 out. 2010. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/materias/imprimir/1253619>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

RODRIGUES, Maria Fernanda. **44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura**. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1990.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. **Folhetim**. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6245/folhetim/>>. Acesso em: 28 out. 2016

TURAZZA, Jeni Silva. **Léxico e criatividade**. São Paulo: Annablume, 2005.

VALENTE, André. **Neologia na mídia e na literatura**: percursos linguístico-discursivos. Rio de Janeiro: Quartet, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1987. 272p.